
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE
(PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA)**

**VALORES E ATITUDES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

LEANDRO MORI ACEDO

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade (Pedagogia da Motricidade Humana).

Julho - 2009

LEANDRO MORI ACEDO

VALORES E ATITUDES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biotecnologia do Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Motricidade
(Pedagogia da Motricidade Humana).

Orientador: Suraya Cristina Darido

Rio Claro
2009

796.07 Acedo, Leandro Mori
A173va Valores e atitudes na prática pedagógica do professor de
Educação Física / Leandro Mori Acedo. - Rio Claro : [s.n.],
2009

114 f. : il., figs., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro

Orientador: Suraya Cristina Darido

1. Educação física - Estudo e ensino. 2. Educação física
escolar. 3. Temas transversais. 4. Dimensão atitudinal. I.
Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Para meus pais, Edison e Cristina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, Cristina, Edison, Eduardo e Camila, por estarem do meu lado desde sempre, e por me darem força e bons conselhos durante a produção deste trabalho.

À Maíra, que me acompanhou durante os dois anos que dediquei a este trabalho, e soube me ouvir em todos os momentos que precisei falar, desabafar e compartilhar sentimentos. Obrigado Bo.

À Suraya, por me orientar e fazer das páginas seguintes muito melhores do que seriam se as tivesse escrito sozinho.

Ao meu amigo Felipe, pela ajuda com a correção do resumo em inglês, e a todos os meus amigos por todos os momentos compartilhados. Aos meus companheiros e amigos de república, Cutia, Pedro e Popeye, e a todos que já passaram por lá.

Aos meus companheiros de mestrado, que cursaram as disciplinas comigo e me ajudaram a aprofundar meus conhecimentos acadêmicos e da vida. Obrigado especialmente a Rafinha, Fernando, Lalá, Heitor, Glauber, André, Lu e Bia. Sou grato também aos meus colegas da clínica onde trabalhei durante o último ano.

E às professoras Flávia e Greice, membros da banca de qualificação, pelas contribuições ao trabalho.

RESUMO

Investigar quais são os valores a serem abordados pela Educação Física na escola pode contribuir para o enriquecimento da área, melhorando a qualidade dos conteúdos e aproximando a disciplina de seu objeto de estudo, a cultura corporal de movimento. Partindo do pressuposto de que toda tendência da Educação Física é pautada em uma concepção de valor que se atribui ao ensino, fica clara a necessidade de conhecermos quais valores são aqueles essenciais à área, a fim de tornar clara sua especificidade e seus objetivos. Este estudo teve como objetivo investigar quais valores e atitudes os professores tratam em suas aulas de Educação Física escolar e como são trabalhados. A metodologia possuiu um caráter qualitativo e descritivo, e pode ser descrita em três fases: seleção dos professores observados; observação e entrevista intensiva nas aulas desses professores; análise dos dados obtidos via observação e entrevista, relacionando-a com a análise dos artigos publicados entre os anos de 1998 e 2007 em periódicos científicos da área de Educação Física realizada anteriormente nesta pesquisa. Foram observadas as aulas do último bimestre de dois professores de nono ano (oitava série) do Ensino Fundamental. Os resultados foram categorizados nos temas transversais sugeridos pelos PCNs, por se tratar de um documento nacional. Entre os valores e atitudes encontrados estavam: solidariedade, inclusão, cuidar do meio-ambiente, co-educação, corporeidade, voluntariedade, ludicidade, competição, cooperação, valorização do trabalho, reciprocidade, respeito, justiça e diálogo. As aulas de Educação Física demonstraram ser excelentes momentos para a reflexão sobre valores e atitudes. O tratamento desses se deu em maior parte em situações-problema, e poucas vezes foram planejadas. Os artigos que tratam desse tema nos periódicos científicos da área não estão abordando as questões mais fundamentais, não servindo de apoio teórico ao trabalho dos professores com a dimensão dos valores.

Palavras-chave: valores, atitudes, educação física escolar, temas transversais, prática pedagógica.

ABSTRACT

Research about the values taught in Physical Education classes can contribute to the area enrichment, improving contents quality and approaching the subject of its object of study, the body movement culture. Assuming that whole trend of physical education is based on a conception of value that is assigned to education, is a clear need to know what those values are essential to the area in order to clarify its specificity and its goals. This study aims to investigate values and attitudes that teachers broach in their physical education classes and how these contends are worked, through observation and interviews on teachers practice in elementary schools. The methodology has a descriptive and qualitative nature, and can be described in three phases: observed teachers selection; teachers observation and intensive interviews; obtained data analysis, linking it to the articles analysis of scientific journals Physical Education area, already studied by this research. There were observed the two last months of the eighth grade classes of two teachers in elementary school. The results were categorized in the topics suggested by PCNs (a national document). Between values and attitudes were found: solidarity, inclusion, environment care, co-education, voluntary, leisure, competition, cooperation, work appreciation, reciprocity, respect, justice and dialogue. The Physical Education classes showed to be an excellent place for reflection about values and attitudes. The treatment of these usually happened with problems situations rise, and rarely was planned by the teachers. The papers do not contain the fundamental questions that could serve of theoretical support to the teacher work, with the values dimension.

Keywords: values; attitudes; physical education school; pedagogical practice.

SUMÁRIO

	página
1. APRESENTAÇÃO.....	7
2. INTRODUÇÃO.....	9
2.1 Objetivo.....	12
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	13
3.1 ÉTICA, MORAL, VALORES E ATITUDES.....	13
3.1.1 Introdução à ética e à moral.....	13
3.1.2 Valores.....	17
3.1.3 Atitudes.....	23
3.2 OS VALORES NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	27
3.2.1 Os conteúdos da Educação Física.....	30
3.2.2 Levantamento da produção científica da Educação Física.....	32
3.2.3 Metodologia para o levantamento.....	32
3.2.4 Resultados.....	34
3.2.4.1 Análise quantitativa.....	35
3.2.4.2 Revisão dos artigos da amostra e análise qualitativa.....	37
4. METODOLOGIA.....	61
4.1 Seleção dos professores.....	61
4.2 Observação e entrevista intensiva das aulas.....	63
4.3 Análise dos dados obtidos.....	64

	página
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	66
5.1 Pluralidade Cultural.....	67
5.2 Meio Ambiente.....	71
5.3 Saúde.....	72
5.4 Orientação Sexual.....	75
5.5 Trabalho e Consumo.....	81
5.6 Ética.....	87
5.6.1 Respeito.....	88
5.6.2 Justiça.....	93
5.6.3 Diálogo.....	95
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
7. REFERÊNCIAS.....	103

1. APRESENTAÇÃO

Respeitar, ser justo, cumprir com meus deveres, cultivar amizades e relações familiares, viver uma vida que me leve a ser feliz. Mesmo sem me dar conta, eu estava ligado a tudo isso muito antes de entrar na universidade.

Foi durante minha graduação, mais precisamente no terceiro ano, quando comecei a definir meu trabalho de conclusão de curso que despertei para a importância do trabalho com valores humanos no trabalho do professor de Educação Física. Na ocasião cursava o bacharelado, e a idéia da pesquisa estava completamente ligada à minha história anterior.

Durante o ensino médio (colegial na época) comecei a freqüentar uma escola de futebol. Essa é, até hoje, a escola de futebol do meu pai, na qual ele é o professor. No início eu era apenas aluno, mas a postura de meu pai me chamava atenção. O futebol era o principal assunto durante a aula, claro, mas o respeito entre todos, jogar de maneira limpa, sem “malandragem” era essencial. A qualquer momento que houvesse algum problema como falta de respeito, ou um lance de disputa simples, os alunos eram questionados e deveriam resolver a situação sob a supervisão do professor. Sinceramente, eu achava que a postura de meu pai era um algo a mais, mas que a função do professor era simplesmente ensinar futebol. Achava que aquela postura devia-se ao seu caráter, e somente a isso.

Sempre fui estimulado pela minha família a trabalhar e, pouco tempo depois, comecei a ajudar meu pai com as demais turmas da escola. A postura dele era a mesma em todas, e fui incorporando, mesmo sem perceber, o mesmo estilo. Tanto que foi determinante para a escolha da minha futura profissão. Dessa maneira, depois de seis meses cursando direito (talvez um lado que me chamava pra questão dos valores, porém esse tempo foi o suficiente para descobrir que não era minha vocação) e depois de ajudar meu pai na escola de futebol durante três anos, ingressei na faculdade de Educação Física.

Na faculdade percebi que meu pai não era simplesmente um professor de futebol com um caráter diferenciado, ele era (ainda é) um educador e cumpria com seu dever na posição de um formador de cidadãos. Ele trabalhava dessa maneira apenas baseado na experiência de vida, como jogador profissional de futebol e graduado no curso superior de Educação Física. Minha vontade era saber se é possível trabalhar como ele, e ir além, sistematizando esses conhecimentos “a mais” e incluindo-os no currículo proposto pela escola de futebol. Esse foi o tema de meu trabalho de conclusão de curso.

Minha orientadora de graduação, Suraya Cristina Darido, me aproximou das discussões e leituras da Educação Física escolar. Minha intenção se voltou para a formação na área de licenciatura e de realizar uma pós-graduação também nessa área. Inicialmente, minha curiosidade estava no *como* dar uma aula que levasse em conta os aspectos afetivos, principalmente os valores, além da prática das atividades da cultura corporal. Queria saber como trabalhar os valores de maneira que eles fizessem diferença na vida dos alunos. Originariamente esse foi o objetivo do meu projeto de mestrado.

Entretanto, uma outra questão surgiu durante uma conversa com minha orientadora: quais são os valores que devem ser tratados em uma aula de Educação Física? A partir dessa questão constatamos que pouco se fala dessa temática nas produções da área, seja em artigos científicos, teses, dissertações ou livros. E quando discutido o é de maneira geral, colocando valores que poderiam ser tratados por qualquer disciplina escolar.

2. INTRODUÇÃO

Saber quais são os valores a ser abordados pela Educação Física na escola pode contribuir para o enriquecimento da área, melhorando a qualidade dos conteúdos e aproximando a disciplina de seu objeto de estudo, a cultura corporal de movimento. A aproximação também poderia ocorrer dos alunos em relação à cultura corporal, por meio do conhecimento aprofundado sobre essa faceta da Cultura, e o reconhecimento da importância dela para o nosso cotidiano.

Partindo do pressuposto de que toda tendência da Educação Física – ou qualquer proposta de educação – é pautada em uma concepção de valor que se atribui ao ensino (ZABALA, 1998), fica clara a necessidade de conhecermos quais valores são aqueles essenciais à área, a fim de tornar clara sua especificidade e seus objetivos.

Diretamente relacionados ao tema dos valores estão a moral e a ética. Esses aspectos permeiam as discussões sobre valores e atitudes, fazendo necessária uma compreensão sobre tais conceitos. Há algum tempo, produções e discussões na área têm abordado os temas moral e ética, senão de maneira direta, o fazem por meio do que La Taille et al. (2004) denominou de “temas relacionados” à moral e à ética: disciplina, indisciplina, autoridade, limites e violência. Para o autor, embora esses não se confundam com as questões com as quais se relacionam, moral e ética, eles as contemplam, especialmente em relação ao que tange o respeito ao próximo. Esses, com certa frequência, são problemas de relacionamento em salas de aula que, por vezes, motivam preocupações de ordem moral e ética. A esses poderia acrescentar alguns outros temas relacionados, como inclusão e cidadania, pelo destaque de tais assuntos na mídia e nas propagandas do governo federal.

O aumento da atenção a tais temas também pode ser observado a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998a; BRASIL, 1998b), os PCNs, para a

Educação e Educação Física, nos quais se destacam os *temas transversais*, as *dimensões dos conteúdos* e a educação para a *cidadania*.

Os temas transversais consistem em problemas sociais que necessitam de esclarecimentos à população, em especial aos alunos, e por isso são colocados como conhecimentos que devem ser abordados por todas as disciplinas curriculares, em um trabalho conjunto e cooperativo, buscando a transdisciplinaridade (BRASIL, 1998b). São temas transversais: Ética, Trabalho e Consumo, Saúde, Educação Sexual, Pluralidade Cultural e Meio Ambiente. Ao observar esses temas, é possível perceber a proximidade com questões relativas a valores humanos, como respeito ao próximo ou ao meio-ambiente, ética profissional, direito à saúde, igualdade de direitos e reconhecer e respeitar diferentes culturas. Todos os temas parecem ser norteados por um principal, a Ética, que permeia todas as relações humanas. A presença de tais temas nas diretrizes para a educação brasileira indica a necessidade de atentarmos ao trabalho com valores na escola.

Concomitantemente à transversalidade, os PCNs (1998a) indicam a busca pela superação da visão tradicional de conteúdos, que no caso da Educação Física são quase exclusivamente procedimentais (saber jogar, realizar movimentos etc), para a consideração das dimensões conceitual (conceitos a saber sobre o movimento, esportes, danças etc) e atitudinal (respeito aos colegas, resolver problemas por meio de diálogo etc). Considerar os conteúdos nas três dimensões, procedimental, conceitual e atitudinal, é incluir no currículo escolar conhecimentos antes desconsiderados ou tratados de forma secundária.

Na Educação Física, relevar a importância dos conceitos e valores ao mesmo nível dos procedimentos significa considerar que esses podem e devem ser objetos de ensino e aprendizagem na escola. Parte-se do princípio de que tudo o que pode ser aprendido pelos alunos deve ser ensinado pelos professores (COLL *et al.*, 2000).

A falta de trabalho com os conteúdos de natureza atitudinal vem seguida de uma cobrança por parte dos professores sobre a postura e o comportamento dos alunos em sala de aula. Parece que existe uma crença que a aprendizagem de valores, atitudes e normas pelos alunos possa ser feita por eles mesmos, sem a necessidade de uma ajuda pedagógica sistematizada e planejada, como ocorre com os conteúdos de natureza conceitual (COLL *et al.*, 2000).

Apesar dessas informações estarem em circulação desde 1997 (ano da publicação do primeiro PCN), ainda não sabemos exatamente quais são os valores a serem abordados na escola e na Educação Física. Certamente existem valores comuns a serem abordados de maneira transdisciplinar, assim como existem alguns que devem ser abordados de maneira

particular pelas diferentes disciplinas para a construção da cidadania. Os valores relativos à prática regular de exercício físico para saúde, melhor incorporação da atividade física no lazer, além de outros objetivos, são de responsabilidade da Educação Física, assim como valorizar a Língua portuguesa e nossa produção literária é de responsabilidade da disciplina de Língua Portuguesa.

Quando falamos em educação para cidadania, que seria o objetivo do trabalho com os temas transversais e as três dimensões dos conteúdos, a formação do cidadão crítico, consciente de seus direitos e deveres, bem como da importância de sua participação social é colocada em pauta. Nesse ponto é destacada a importância de valores sociais, vinculados ao bem comum.

Apesar da tentativa crescente de conscientização da importância dos valores enquanto conteúdos explícitos na educação formal e, para esta pesquisa, nas aulas de Educação Física, não se têm claro quais deveriam fazer parte do planejamento dos professores. Por isso a necessidade de investigarmos quais valores justificam os objetivos da disciplina.

Existem livros e artigos dentro dos temas Educação Física escolar e Pedagogia do Esporte que enfatizam a importância do professor incluir em sua prática pedagógica os valores humanos, sobretudo respeito ao próximo, cooperação e inclusão. Entretanto, duas críticas cabem a tais produções: o não aprofundamento sobre quais são esses valores; e a não apresentação de exemplos práticos utilizados no dia-a-dia de trabalho sobre como utilizar tais conhecimentos de maneira explícita e incluída no planejamento das aulas.

Sem esclarecer devidamente quais são os valores, ou pelo menos alguns deles, que deveriam compor o currículo à comunidade de professores de Educação Física, e sem produzir ferramentas para e com eles que tornem possível a prática inclusiva desses conteúdos, não seria possível sequer buscar uma melhor qualidade do trabalho que inclua a dimensão dos valores, no sentido de atingir grande parte da comunidade desses professores. De certo existem aqueles que desenvolvem muito bem o tema dos valores em suas aulas, assim como, também existem aqueles que simplesmente o desconsideram por falta de conhecimento.

O levantamento de quais valores e como trabalhá-los certamente ajudaria a melhorar a qualidade do trabalho dos professores de Educação Física, desde que difundido de maneira eficiente. Conhecer o que a produção científica da área discute sobre a temática e quais valores ela aborda serve enquanto um paralelo às observações da prática pedagógica dos professores. Com ambas as informações será possível analisar se os valores abordados nos periódicos científicos são os mesmos tratados pelos professores em aula.

A contribuição de professores que já trabalham com a dimensão atitudinal pode ser de grande valia para a comunidade dos professores de Educação Física, uma vez que novas formas de trabalhá-la podem vir à tona e novas discussões podem surgir.

2.1 Objetivo

Este estudo tem como objetivo investigar quais valores e atitudes os professores tratam em suas aulas de Educação Física escolar e como são trabalhados, por meio de observação e entrevistas sobre sua prática no ensino fundamental.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Na revisão de literatura o objetivo consistiu em buscar informações que embasassem as discussões desta pesquisa, o que foi feito em duas frentes distintas, que correspondem aos dois capítulos seguintes.

A primeira consistiu em compreender a conceituação dos termos valor e atitude, fundamentais na discussão sobre a dimensão atitudinal dos conteúdos. Entretanto, antes foi necessário realizar um breve esclarecimento sobre os significados de ética e moral, uma vez que esses permeiam todas as discussões sobre os termos anteriores.

A seguinte buscou levantar as discussões científicas sobre os valores e atitudes na área de Educação Física escolar, a partir da análise da produção publicada em periódicos científicos da área, com o objetivo de identificar quais valores e atitudes foram abordados, bem como analisar a quantidade de artigos que foram publicados sobre o tema nos últimos dez anos.

3.1 ÉTICA, MORAL, VALORES E ATITUDES

3.1.1 Introdução à Ética e à Moral

Os conceitos de valor e atitude passam necessariamente pela compreensão de dois outros: o de ética e moral. Quando falamos em respeito, normas de conduta, regras de um jogo, comportamento solidário, preferência pelo lúdico e não pelo trágico, estamos falando de moral ou ética? Em cada caso é um, ou todos se remetem aos dois? Autores divergem sobre seus conceitos, logo é necessário assumir um que norteará e embasará as reflexões em torno

desses temas e suas relações com a Educação Física escolar. Antes, algumas concepções serão apresentadas com o objetivo de justificar a escolha.

Alguns dicionários trazem definições para o termo ética, entre eles Ferreira (1986) que define ética como o “estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente a determinada sociedade, seja de modo absoluto”. Houaiss & Villar (2001) apresentam uma definição mais ampla: “parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo especialmente a respeito das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social”.

Originariamente, ética vem da língua grega e certamente está relacionada às seguintes palavras: *éthos*, que é o “conjunto de costumes e hábitos fundamentais no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc) e da cultura (valores, ideais ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região”; e *êthos*, que significa “caráter pessoal; padrão relativamente constante de disposições morais, afetivas, comportamentais e intelectivas de um indivíduo” (HOUAISS & VILLAR, 2001). Percebe-se, analisando estas definições, a relação da ética ao comportamento humano, não só no que diz respeito às normas, mas também aos valores e ideais.

Por sua vez, moral é popularmente ligada às regras e normas de caráter social. É comum e aceitável o tratamento de moral e ética como sinônimos, já que em sua cultura de origem - latina e grega, respectivamente - nomeavam o campo de reflexão sobre os costumes dos homens, assim como sua validade, legitimidade, desejabilidade e exigibilidade (LA TAILLE, 2006).

La Taille (2006) apresenta algumas convenções adotadas por autores com o objetivo de definir o significado de ética e moral. Dentre as quais, a mais adotada considera a ética como a reflexão filosófica ou científica sobre o fenômeno social que é a moral. O autor aponta que esta diferença de sentido é interessante porque permite nomear o objeto e a reflexão sobre este, e atenta para o fato que uma pessoa pode viver uma moral sem nunca ter pensado sobre os motivos que a vive, ou seja, nunca ter realizado uma reflexão ética. Outra convenção citada como importante consiste em considerar o conceito de moral para as regras relacionadas à vida privada (os comportamentos de um bom amigo) e para o conceito de ética as regras que regem as relações públicas (códigos de ética de uma profissão).

Apesar das conceituações até aqui apresentadas serem interessantes e aceitáveis, esta pesquisa assumirá a proposta apresentada por La Taille (2006, p. 29). Em sua proposta, o

autor aponta que os conceitos de ética e moral correspondem, cada um, a respostas de uma questão básica. A questão que cabe à reflexão ética é “que vida quero viver?” e à indagação moral é reservada à pergunta “como devo agir?”. Para encontrar tais respostas o autor distingue os conteúdos em dois planos nomeados de “plano moral” e “plano ético”.

O plano ético é definido através de quatro passos que auxiliam as pessoas a atingir a felicidade.

O primeiro consiste em definir se a “vida boa” é consequência de condições objetivas e mensuráveis ou de experiências subjetivas. O mais importante para ser feliz é sentir-se feliz, e cada pessoa possui sentimentos por considerações próprias, sendo esse um processo subjetivo. Entretanto, não o é puramente subjetivo, pois algumas condições concretas exercem influência como, por exemplo, alguém que vive em total miséria sente maiores dificuldades em se sentir feliz. Porém, é importante frisar que esse é um processo que depende da subjetividade (LA TAILLE, 2006). O professor de Educação Física pode aproveitar esse conteúdo (que está incluído na dimensão atitudinal) para discutir a importância dos bens materiais com os alunos - se é preciso possuir a chuteira da marca da moda para se sentir bem jogando futebol - ou pedir para que reflitam sobre quais práticas incluídas na Cultura Corporal de Movimento os fazem se sentir bem, felizes. Valores relacionados ao tema transversal trabalho e consumo são apenas um exemplo de conteúdo que pode ser abordado sob essa ótica.

Avaliar qual a relação entre o eixo do tempo e o sentir-se feliz foi o segundo passo considerado por La Taille (2006). Segundo o autor, a felicidade transcende o momento de prazer. Pode existir prazer mesmo se estando infeliz, pois prazer é o sentimento de bem estar, agradável, que ocorre no momento em resposta a uma ação (exemplo: comer algo saboroso). O exercício físico para a promoção de saúde é um exemplo que pode ser relacionado a este outro conteúdo da esfera dos valores, sendo aproveitado pelo professor. O exercício ou a prática de jogos podem gerar apenas momentos de prazer, mas se realizados com consciência de seus benefícios e regularmente, podem se tornar um bom hábito para a vida. Os valores estão sempre presentes em todas as ações humanas, o complicado é tomar consciência deles.

Encontrar a resposta a seguinte pergunta consiste no terceiro passo: “*qual será a qualidade necessária à referida experiência subjetiva do bem-estar?*”. Para respondê-la, La Taille (2006) procurou uma necessidade psicológica incontornável que transcendesse episódios da vida e fosse passível de ser concebida como tal pela consciência. A resposta encontrada foi o “sentido para a vida”. O autor se baseou em casos nos quais pessoas em boas condições sócio-culturais cometiam suicídio, sobrando apenas a justificativa de que essas

peças não teriam um sentido para a vida, não saberiam a resposta a pergunta “para que viver?”. A construção da própria personalidade é fundamental para se encontrar a resposta. Se a educação tem a função de formar seres humanos plenos (SAVATER, 1998) e se for considerado um humano pleno aquele que possui uma personalidade e consegue traçar e reconhecer a importância do próprio papel perante a sociedade, um dos objetivos da educação escolar é fornecer subsídios para a criança e o jovem, com o passar do tempo, construir a própria personalidade e suas metas de vida. A personalidade é construída sobre a base de valores incorporados pelas pessoas. Uma boa estrutura de valores auxilia as pessoas a encontrar motivação para viver. E quais valores a Educação Física deveria trabalhar para que os alunos pudessem incorporá-los?

O quarto e último passo para definir o que seria invariável no plano ético é permitir a realização da “expansão de si próprio”. Até este ponto, as respostas à pergunta “que vida viver?” devem possuir valor subjetivo, sentido existencial e acompanhar o fluxo da vida. A partir do último passo proposto por La Taille (2006) à primeira questão deve ser acrescida a pergunta “quem ser?”, abordando o tema da identidade pessoal. Segundo o autor, a expansão remete à necessidade de se ver como uma pessoa de valor, sendo condição fundamental à felicidade. A escola é um ambiente que permite aos jovens expandir os conhecimentos e relacionamentos durante grande parte da vida. Na dimensão atitudinal aumenta o contato com valores, deveres e possibilidades de desfrutar novas experiências. Sob esse ponto de vista a Educação Física pode aumentar as perspectivas sobre “como ser?”, colocando em discussão a dimensão das atitudes durante a prática de movimentos, jogos, lutas e danças construídos historicamente pelo ser humano (Cultura Corporal de Movimento), além de expandir as possibilidades de movimentos e o conhecimento teórico sobre esses. Quais seriam os valores vinculados a essas práticas?

Por sua vez, no plano moral o “sentimento de obrigatoriedade” é colocado como o ponto convergente entre todas as expressões da moralidade. Todo grupo humano, de maneira particular, exige o cumprimento de certos deveres. Para que exista o plano moral as pessoas não devem apenas cumprir os deveres por se tratar de uma imposição social, mas sim acreditar que agindo *por dever* fazem o bem. Logo, um plano moral existe do ponto de vista sociológico, pois não se conhece cultura sem sistema moral, e do ponto de vista psicológico, por existir a possibilidade dos seres humanos experimentarem o sentimento de obrigatoriedade. Mas experimentar não significa necessariamente saber agir. Possivelmente, aquele que ainda não tem uma posição sobre um determinado assunto (aborto, por exemplo), mas reflete em busca de argumentos convincentes, possui um maior sentimento do dever do

que aquele que toma sua decisão influenciado por algum dogma. Contudo, ainda existe o peso do sentimento de obrigatoriedade em relação a outros sentimentos. Devido à sociedade capitalista vigente, o prazer individual vem sendo priorizado em detrimento do dever (LA TAILLE, 2006).

O plano moral também se faz presente na dimensão das atitudes e aparece em diversas expressões da Cultura Corporal de Movimento. Um exemplo característico é o dos esportes, onde atualmente há a valorização do *fair play* ou “jogo limpo”, segundo o qual os atletas devem possuir uma série de boas condutas. Levar essa discussão para o ambiente de aula pode ter repercussões positivas, mostrando a importância do bom comportamento para com os adversários e demais personagens do jogo, e também da influência causada ao espectador. E ainda podem ser frisadas analogias entre o que ocorre no esporte e no meio social em que se está inserido. Para tanto, esta relação análoga esporte-sociedade deve ser esclarecida pelo professor e o sentimento de dever deve ser despertado no aluno. Quais são os valores que envolvem esse sentimento de dever e como estão relacionados à Educação Física? Essa e as perguntas anteriores norteiam os objetivos desta pesquisa.

Por fim, a escolha por essa concepção se deu devido ao fato dela possibilitar uma ampla visão da ética e da moral dentro da dimensão atitudinal dos conteúdos, a qual envolve o sentimento de dever e contribuições para a formação da personalidade e de perspectivas de vida de seres humanos ativos socialmente, reflexivos, críticos e, possivelmente, felizes em sua plenitude.

Embasado pela conceituação de moral e ética realizada por La Taille (2006), buscou-se os conceitos de valor e atitude.

3.1.2 Valores

Apesar de muitos autores da Educação Física discutirem sobre valores e a dimensão atitudinal dos conteúdos, foi necessário esclarecer o conceito dessa palavra, assim como quais são as características dos valores. Diversas foram as definições encontradas para valor(es) em obras de referência, contudo ficou claro que cada conceito era adequado ao contexto histórico ao qual era aplicado.

Todos os encontrados foram importantes para a compreensão das diferentes aplicações do termo e para distinguirmos aqueles de interesse para esta pesquisa. O objetivo foi buscar

uma definição que faça sentido com a empregada aqui, a dos valores humanos socialmente construídos, sob o ponto de vista da moral e da ética. Os significados voltados à economia, por exemplo, não receberam a mesma atenção quanto os voltados para as relações humanas, sociais ou intra-individuais.

Em um primeiro momento, a referência procurada foi específica da Educação Física, para situarmos as discussões da área nesta pesquisa. Barbanti (1994), em seu dicionário de Educação Física e do Esporte, define valor como: “valia ou excelência encontrada em uma avaliação qualitativa de um objeto, confiando-se em padrões emocionais e racionais da pessoa ou de grupos de referência selecionados.”

O significado exposto anteriormente é um bom início se pensarmos na palavra objeto de maneira expandida, como tudo o que física ou moralmente se oferece aos nossos sentidos (AMORA, 2003), e não somente como senso comum, onde objetos são simplesmente instrumentos e materiais físicos. Entretanto, ficam algumas questões que precisam de um melhor esclarecimento, por exemplo: todo valor é fruto de uma avaliação qualitativa? Ou a avaliação qualitativa depende da existência de um valor incorporado pela pessoa que a realiza? Os valores são elaborados socialmente, individualmente ou ambos? Ou seja, falta a caracterização dos valores, para a partir dessa caracterizarmos aqueles relacionados à disciplina de Educação Física.

Tendo o significado anterior como ponto de partida, encontramos mais referências na filosofia e na psicologia.

Originariamente, o conceito de valor representou coragem, bravura e o caráter do homem. Por extensão, passou a significar tudo aquilo que dá um caráter positivo a algo (JAPIASSÚ & MARCONDES, 1996).

Os mesmos autores, Japiassú e Marcondes (1996), colocam o significado de valor sob o foco da Filosofia e da ética. Segundo eles, a noção filosófica é relacionada a dois aspectos principais: àquilo que é bom, positivo e útil; e à prescrição, quando se refere a algo que deve ser realizado. A partir do ponto de vista ético, os autores colocam que “os valores são os fundamentos da moral, das normas e regras que prescrevem a conduta correta”. E vão além, quando apontam as diferentes definições desses valores pelas diferentes doutrinas filosóficas. Para algumas, valor é tudo que leva o ser humano a ser feliz, para outras, os valores se definem de acordo com objetivo que se pretende, a partir daí algo é colocado como bom ou mau e, para uma terceira corrente filosófica, algo é um valor em si mesmo (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996).

Até o momento, fica claro que valor está intimamente relacionado ao caráter humano, e que é componente das discussões sobre moral e ética, seja na discussão sobre normas e conduta correta, seja sobre aquilo que leva o ser humano a se realizar como pessoa e encontrar a felicidade (LA TAILLE, 2006). Também é aparente a divergência entre correntes filosóficas diferentes, que ora apresentam valor como algo em si mesmo, ora o contexto histórico sociocultural definirá o que é bom ou mau. Tais divergências nos obrigaram a procurar mais referências, com o fim de esclarecer os significados da palavra e de assumir um eixo norteador para o trabalho, com o objetivo de identificar os valores que envolvem a Educação Física e seu objeto de estudo, a cultura corporal de movimento.

Outro aspecto importante referente aos valores é apontado por Lalande (1999), na constatação de que todos os juízos de valor são coletivos, e não individuais. Tomando tal fato como pressuposto, pode-se afirmar também que os valores são uma construção cultural, realizada por grupos com características e intenções convergentes.

Contudo, quem faz uma análise mais completa sobre o histórico dos significados da palavra valor é Abbagnano (2000). Segundo o autor, na Antiguidade a palavra foi utilizada para indicar tanto o mérito ou a dignidade das pessoas, quanto a utilidade ou o preço dos bens materiais, porém sem significado filosófico. É claro que o significado que nos interessa diz respeito às pessoas, e não o relativo à economia.

O início do uso filosófico do termo se deu com os estóicos, pois introduziram o termo no domínio da ética, sendo os objetos de escolha moral, denominados de valor. Em geral, entenderam valor como “qualquer contribuição para uma vida segundo a razão”, e eles entendiam o sentido subjetivo do significado, considerando suas relações hierárquicas e seus bens como objetos de preferência e de escolha (ABBAGNANO, 2000).

De acordo com Abbagnano (2000), foi Hobbes que retomou a noção filosófica de valor no mundo moderno. O que ocorreu devido à retomada da noção subjetiva de bem. Uma contribuição interessante de Hobbes (1974) é a noção de que o valor que é dado a uma pessoa depende da necessidade e julgamento de outrem. Segundo o autor, a manifestação do valor que nós atribuímos denominamos de honra e desonra, e o valor público de uma pessoa é denominado dignidade. Atualmente honra e dignidade são palavras que andam esquecidas. O universo da Educação Física é repleto de oportunidades para se trabalhar com a honra de uma vitória, conquistada de maneira justa, ou com o saber perder de maneira digna. Esse é um dos motivos para a área se preocupar com a questão dos valores. Todos que assistem ou participam de uma prática esportiva, julgam as ações dos envolvidos, muitas vezes julgando como aceitável uma atitude desleal que justifique a vitória. É responsabilidade da Educação

Física discutir e cultivar valores que sejam baseados na honra e na dignidade, assim como é pressuposto na prática esportiva. Os Jogos Olímpicos são um exemplo marcante dessa afirmação.

De fato, até então o termo valor fundamentava as ciências econômicas, e a extensão de seu significado no séc. XIX, fez a noção de valor suplantar a noção de bem. Somente com os Kantianos, principalmente a corrente psicologista do Kantismo, que o termo se estendeu para indicar o verdadeiro e o belo, além de indicar o bem. De acordo com Abbagnano (2000), Beneke deu sua contribuição ao afirmar que a moralidade não pode determinar uma lei universal da conduta, mas sim que ela deve determinar “a ordem dos valores que devem ser preferidos nas escolhas individuais; os próprios valores são determinados pelo sentimento”. É mais ou menos nessa época que os valores se tornam fundamentais em filosofia, a ponto de serem o centro de praticamente todas as discussões no campo dos problemas morais.

É importante destacar a relação que Beneke faz entre os valores e o sentimento, e que esse último determina quais escolhas individuais serão priorizadas e quais valores são os mais importantes. Outra colocação importante da mesma época foi a não universalidade da conduta, mostrando que os valores não são iguais a todas as culturas e povos (ABBAGNANO, 2000). Os sentimentos das crianças e adolescentes em suas práticas cotidianas ajudarão formar a suas opiniões sobre o que é importante incorporar como hábito para a vida, também no que diz respeito às práticas corporais. Se as crianças se sentem bem nessas práticas, é mais provável que sejam incorporadas.

Continuando com o histórico dos valores, por volta dessa mesma época se formou uma divisão de conceitos: de um lado um conceito metafísico ou absolutista e, de outro, um conceito empirista ou subjetivista. O primeiro conceito considera o valor algo que independe completamente das relações com os seres humanos, por isso metafísico, enquanto o segundo considera as estreitas relações do ser humano e suas atividades com o modo de ser do valor.

Baseado nos dois conceitos acima, e considerando-os *a priori* como partes integrantes do conceito de valor, Abbagnano (2000) conta que foi Windelband quem afirmou que valor é o dever-ser de uma norma e essa pode não se realizar de fato, contudo é a única capaz de conferir verdade, beleza e bondade ao que é julgável. Abbagnano (2000) traz no mesmo período histórico a posição de Rickert, que reitera a de Windelband e vai além, dizendo que os valores se transformam em “realidades transcendententes”, e os distingue em seis domínios: lógica, estética, mística (o domínio da santidade impessoal), ética, erótica (o domínio da felicidade) e filosofia religiosa. A cada um desses, o autor faz correspondências a determinados temas, que são: “intuição do mundo” (relacionados respectivamente aos

domínios: intelectualismo, esteticismo, misticismo, moralismo, eudemonismo e teísmo ou politeísmo); “relação com o sujeito” (juízo, intuição, adoração, ação autônoma, unificação e devoção); e “bem” (ciência, arte, uno-todo, comunidade livre, comunidade de amor e mundo divino). Ainda nessas teorias há a tendência de atribuir aos valores as características do ser perfeito, que são a unidade, a universalidade e a eternidade. Os dois autores citados neste parágrafo contribuem, e muito, ao significado de valor ao expandi-lo para além do simplesmente bem. A estética, a verdade, a razão, a felicidade, o místico e o religioso passam a ser componentes da noção de valor, tornando o significado dessa palavra mais complexo. O que tornaria o trabalho do educador também mais complexo, uma vez que ele não apenas terá que discutir as boas e as más atitudes (dos alunos ou as veiculadas na mídia), mas também discutir o belo nas artes, no esporte; as maneiras como a religiosidade interfere nas relações humanas, nas relações com o corpo e, mais especificamente, na área da Educação Física; prática de exercícios físicos, a criação de mitos no esporte e os momentos quando o desejo de vencer supera a razão e leva pessoas a irem além dos limites do corpo.

Seguindo o histórico apresentado por Abbagnano (2000), a superação do conceito Kantiano se dá com Scheler na afirmação “o valor é o *objeto intencional*¹ do sentimento, assim como a realidade é o objeto intencional do conhecimento; e esse objeto é apreendido em sua relação hierárquica com outros objetos da mesma espécie”. O autor também apresenta quatro grupos fundamentais dos valores que guiam o ato de escolha preferencial: valores do agradável e do desagradável, correspondentes ao prazer e ao sofrer; valores vitais, correspondentes à saúde, doença e outros sentimentos de vida; valores espirituais, que são os estéticos e cognitivos; e valores religiosos. O problema da concepção acima reside no fato dos valores possuírem um ser em si mesmo, constituindo-se autênticos objetos independentes da opinião humana, não assumindo a relação dos valores com a cultura humana.

A superação dessa concepção, assim como o sucesso do termo valores no mundo moderno, se deve à obra de Nietzsche e sua pretensão de inverter os valores tradicionais. Basicamente, essa inversão consistia em substituir os valores da moral cristã, que eram fundados no ressentimento, pelos valores vitais, fundados na afirmação da vida e sua afirmação dionisíaca. Para Nietzsche (1998, p. 29), “enquanto a moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’ – e este não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do

¹ Grifo do autor

ressentimento...” . Essa tese é de “intrínseca relação entre o ser do valor e do homem”, a tal ponto de não existir valor que não seja um modo de ser, ou uma possibilidade de ser humano. Essa tese corrobora com a chamada anteriormente de empirista e subjetivista (ABBAGNANO, 2000).

Nietzsche traz os valores focados na afirmação da vida e da felicidade. Ações como a busca por uma boa saúde e aumentar as relações sociais por meio de atividades coletivas podem ser indicativos de valores de afirmação da vida.

De acordo com Abbagnano (2000), foi Dilthey o primeiro a defender o relativismo dos valores, ao afirmar que é a história a força que determina os valores, idéias e metas, e com base neles são determinados o significado de homens e acontecimento. Defende ainda, que os valores e normas não existem nem fora da história, nem acima de seu curso, apenas nascem e morrem nela. Ainda segundo o autor, Simmel corrobora com a opinião acima ao dizer que não existem valores absolutos, e considera como valores aqueles que em determinadas condições os homens reconhecem como tais.

O reconhecimento dessa multiplicidade dos valores, determinada pela subjetividade e relativismo, levou Dewey definir a filosofia como “crítica dos valores”. Isso porque ele considerou a teoria do valor um ingresso no campo da crítica, pelas discussões entre as diferentes correntes filosóficas e, segundo ele, essas discussões, por si só, mostram que toda valoração inteligente é também crítica (Abbagnano, 2000).

Por fim, de acordo com Abbagnano (2000), vejamos abaixo o que estudos contemporâneos evidenciam sobre a teoria dos valores:

“1º O valor não é somente a preferência ou o objeto da preferência, mas é o preferível, o desejável, o objeto de uma antecipação ou de uma expectativa normativa.”

“2º Por outro lado, não é um mero ideal que possa ser total ou parcialmente posto de lado pelas preferências ou escolhas efetivas, mas é guia ou norma (nem sempre seguida) das escolhas e, em todo caso, seu critério de juízo.”

“3º Conseqüentemente, a melhor definição de valor é a que o considera como *possibilidade de escolha*, isto é, como uma disciplina inteligente das escolhas, que pode conduzir a eliminar algumas delas ou a declará-las irracionais ou nocivas, e pode conduzir (e conduz) a privilegiar outras, ditando a sua repetição sempre que determinadas condições se verifiquem. Em outros termos, uma teoria do valor, como crítica dos valores, tende a determinar as *autênticas* possibilidades de escolha, ou seja, as escolhas que, podendo aparecer como possíveis sempre nas mesmas circunstâncias, constituem pretensão do valor à universalidade e à permanência.”

Sendo assim, os valores são uma disciplina inteligente das escolhas, que tende a determinar as autênticas possibilidades de escolha, que são sempre possíveis nas mesmas circunstâncias, e apresentam como características a subjetividade, intimamente ligados aos seres humanos e dependentes da concepção de vida de cada um; e a historicidade, existindo dentro de um determinado contexto (local e época), podendo não existir em locais ou épocas distintas.

O estudo se volta a investigar quais valores e atitudes estão presentes no atual contexto da Educação Física escolar, e como esses são trabalhados, respeitando a subjetividade dos alunos e professores, bem como a particularidade do local onde serão realizadas as observações.

3.1.3 Atitudes

Em busca da definição da palavra atitude, seguimos a mesma linha de raciocínio para a utilizada com a palavra valor. Em primeiro lugar verificamos uma definição da área de Educação Física, para depois aprofundarmos o conceito com referenciais das ciências humanas. Optamos pelo resgate da evolução do termo, mesmo que realizado de maneira breve, pra uma melhor compreensão do mesmo.

A definição encontrada no dicionário da área de Educação Física (BARBANTI, 1994) para atitude era baseada no autor Alport, cujo trabalho não foi encontrado. Ele afirma que a atitude é organizada pela experiência e exerce influência direta sobre a resposta do indivíduo em relação a seus objetivos e situações, partindo de um estado neuronal ou mental. Ainda para o autor, atitude pode ser vista como um sentimento positivo ou negativo de uma pessoa sobre outra, um objeto ou assunto.

Outro referencial, desta vez da psicologia, apresenta dois significados que complementam a compreensão do primeiro. Um deles afirma que atitude é uma reação adquirida, com conteúdo emocional maior ou menor, relativa a um estímulo. O outro afirma que é uma estruturação preparatória orientada a partir de um ponto de vista perceptivo ou reacional (PIÉRON, 1967).

O que fica caracterizado até o momento é a presença das emoções quando se fala de atitude, assim como ocorre com os valores. Porém, é necessário ressaltar que nem todas as definições apresentam essa faceta emocional. Lalande (1999) expõe, dentre outros, dois significados, um físico e outro espiritual, sem destacar ou citar as emoções:

“A. Fisicamente, posição de um ser vivo, na medida em que ela é querida por ele ou, pelo menos, determinada sem constrangimento exterior pelas suas reações”.

“B. Situação de pensamento e de vontade, posição adotada por um espírito em relação a um problema ou uma doutrina”.

Ficamos ainda com o caráter emocional das atitudes, contudo, Lalande (1999) traz contribuições importantes para a significação do termo. O autor traz a história de utilização do termo que se iniciou na Alemanha, com a palavra *Bewusstseinslage*, que significa posição da consciência. Na América, o termo equivalente adotado foi “*attitude*”, que significava formas sem matérias, sem conteúdo, como a dúvida, a convicção, a surpresa e o espanto, tornando-se cognoscível por meio da associação com as sensações, imagens, idéias e emoções. Também diz que a utilização do termo vai um pouco além, com Ribot, dizendo que a atitude é um modo da atividade motriz, levando à interpretação que as atitudes se materializam na forma de ações ou expressões.

Com o depoimento dos autores citados até o momento, afirmamos a relação das emoções e sentimentos com a atitude, e também da atividade motriz, compreendida aqui enquanto a ação ou expressão de uma pessoa. Seguindo essa linha de raciocínio, consideramos que esses sentimentos, emoções, experiências, expressões e ações estão presentes no movimento humano e, porque não, em toda cultura corporal de movimento. Uma vez que essa é carregada de sentimentos e emoções, cheia de atitude, não pode mais ser analisada simplesmente pelo aspecto mecânico ou biológico, mas sim pelo seu caráter *humano*.

Estando próximo de chegar a uma conclusão, ainda restou uma dúvida que não foi esclarecida pela literatura até então: em que se fundamentam as atitudes? A nossa hipótese é que os valores que incorporamos guiam nossas atitudes.

Abbagnano (2000) corrobora com nossa hipótese, entretanto discute outras opiniões antes de chegar a um significado. Para o autor, esse é um termo muito empregado atualmente em ciências como a sociologia, a psicologia e a filosofia para indicar a orientação seletiva e ativa do ser humano em frente a uma situação qualquer. O autor afirma que foi Dewey quem considerou a palavra um sinônimo de hábito e de disposição. Os valores estão intimamente relacionados aos hábitos, uma vez que os últimos são criados sobre aquilo em que se acredita e se julga ser melhor. Temos aqui o começo de nossa resposta sobre o que fundamenta as atitudes, uma vez que os hábitos dependem dos valores que os fundamentam. Conseqüentemente, pode-se considerar que as atitudes são pautadas nos valores.

Abbagnano (2000) comenta sobre a dificuldade de Stevenson em definir precisamente atitude, optando pelo significado mais genérico de disposição para ação, apesar de assumir que essa disposição é qualificada de emotiva. Também coloca outra definição não mais exata, porém concordante, de Richards, que considera as atitudes atividades “imagísticas e incipientes”, que apresentam tendências para uma ação.

Finalmente, o significado que Abbagnano (2000) dá à atitude é “o projeto de opções porvindouras em face de certo tipo de situação (ou problema), ou como um projeto de comportamento que permita efetuar opções de valor constante diante de determinada situação.”

Nem sempre as atitudes são pautadas somente em valores. Sarabia (2000) corrobora com o conceito defendido aqui quando discute as funções e a utilidade das atitudes. O autor propõe quatro funções psicológicas: função defensiva, atuando como mecanismos de defesa aos fatos da vida; função adaptativa, ajudando a alcançar os objetivos desejados e evitar os indesejados; função expressiva dos valores, pautada na necessidade de expressar por meio de atitudes os valores mais relevantes sobre o mundo e sobre si; função cognoscitiva, para ordenar, esclarecer e estabilizar o mundo em que vivemos. Fica clara a estreita relação das atitudes com os valores, considerando a necessidade de expressá-los (seja por uma ação ou emissão de opinião), e a estreita relação dos valores com a necessidade de ordem, de escolha dos objetivos e de defesa contra fatos que não valorizamos.

Com as definições anteriores, respondemos à pergunta que colocamos neste capítulo, e assumimos o conceito de atitude enquanto um “projeto de comportamento” que permite, diante de uma mesma situação, agir baseado em um valor que é constante, entretanto, ainda pode atender à outras demandas psicológicas, não sendo, nesse caso, a expressão dos valores sua principal função: pode possuir uma função defensiva aos fatos da vida; adaptativa na seleção de caminhos a serem tomados; e cognoscitiva, para estabilizar as relações com o mundo à nossa volta. Das últimas três, a única que pode não levar em consideração os valores sociais é a função defensiva, uma vez que quando a vida de alguém é ameaçada as atitudes de enfrentamento ou fuga nem sempre são pautadas em valores sociais, e sim na sobrevivência.

Podemos compreender que a atitude nem sempre é a mesma, na mesma situação, mas sim que as atitudes para essa situação são escolhidas coerentemente com o que se acredita ser melhor, ou seja, são escolhidas baseadas nos valores que o indivíduo ou a sociedade escolheu para si própria.

O mesmo ambiente de aula, com movimentos ricos em atitude, também é rico em valores. Cada atitude, ação, expressão e movimento, são fundamentados em valores que

foram construídos pelas sensações, emoções, sentimentos e experiências passadas. Por tal motivo, um dos objetivos deste trabalho foi identificar quais são ambos, valores e atitudes, com os quais o professor de Educação Física pode e deve trabalhar em aula e incluir em seu planejamento.

Com os conceitos de valor e atitude já apresentados, segue o levantamento sobre a produção em periódicos científicos sobre assuntos relacionados à dimensão atitudinal dos conteúdos.

3.2 OS VALORES NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Apesar de poucas, já existem contribuições importantes no que diz respeito aos valores e temas relacionados na área de Educação Física. As dimensões dos conteúdos e as discussões sobre a cultura corporal de movimento são essenciais enquanto norteadoras da compreensão da presença dos valores na área.

A necessidade de aprender e ensinar conteúdos que vão além de fatos e conceitos vem sendo discutida há algum tempo no Brasil e em outros países, e alguns professores já trabalham pensando e agindo de acordo com essa concepção. Autores como Coll *et al.* (2000) e Zabala (1998), e produções como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998a), chamam atenção para um entendimento ampliado de conteúdo, assim como para a consideração de suas diferentes dimensões.

Até então, o entendimento do termo conteúdo geralmente era relacionado aos conceitos e fatos a serem transmitidos pelas diferentes disciplinas escolares (COLL *et al.*, 2000). No caso da disciplina Educação Física, diferente das outras, é ligado a procedimentos, que consistem na prática de movimentos dentro dos esportes, danças, jogos, exercícios físicos, lutas etc.

As discussões trazidas pelos autores citados anteriormente nos fazem entender que o significado de conteúdo é mais amplo e remete não só a fatos, conhecimentos conceituais e aos exercícios físicos, mas também às vivências culturais, valores, experiências de vida, afetividade, entre outros, dentro e fora da escola. Coll *et al.* (2000) propõem uma definição de conteúdo e a consideram essencial para o desenvolvimento e socialização adequados do aluno, sendo conteúdo uma seleção de saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes, interesses, modelos de conduta etc. Apesar dessa ser uma definição voltada para o universo escolar, é perceptível que todas as opções apresentadas também são aprendidas fora da escola, sendo influenciadas pelas diversas esferas de convivência social.

Tão importantes quanto os fatos e conceitos (dimensão conceitual dos conteúdos) devem ser os valores, atitudes, normas (dimensão atitudinal), procedimentos e habilidades (dimensão procedimental). A questão não se encontra em desvalorizar os primeiros, mas sim em valorizar e colocar em pé de igualdade as demais dimensões dos conteúdos.

A Educação Física apresenta a particularidade de valorizar procedimentos, como as habilidades motoras e as capacidades físicas, deixando para segundo plano as dimensões atitudinal e conceitual. Entretanto, as habilidades motoras, os fatos e conceitos que envolvem

a Educação Física e os valores incutidos nas práticas corporais devem receber a mesma atenção.

Antes de prosseguir, é necessário ressaltar que essa distinção entre as três dimensões dos conteúdos é de caráter pedagógico. Os objetivos de aprendizagem e ensino determinarão qual dimensão será priorizada, contudo, o ideal seria trabalhar de maneira inter-relacionada as três dimensões (COLL et al., 2000; ZABALA, 1998; DARIDO, 2005). Mesmo porque todas as vivências do dia-a-dia apresentam as três dimensões, sem distinções.

De acordo com Coll et al. (2000), as dimensões dos conteúdos podem ser classificadas com as respostas às seguintes questões: a dimensão procedimental – “o que se deve saber fazer?”; a dimensão conceitual – “o que se deve saber?”; e a dimensão atitudinal – “como se deve ser?”. A classificação nas três dimensões auxilia a visualização dos diferentes aspectos que envolvem o processo educativo, chamando a atenção àqueles que vêm sendo deixados em segundo plano.

Levando as dimensões para a Educação Física, o que esperar que seja desenvolvido com cada uma, em especial a dimensão atitudinal?

Darido (2005, p. 65) apresentou exemplos de conteúdos nas três dimensões:

“Dimensão conceitual:

- Conhecer as transformações por que passou a sociedade em relação aos hábitos de vida (diminuição do trabalho corporal em função das novas tecnologias) e relacioná-las com as necessidades atuais de atividade física.
- Conhecer as mudanças pelas quais passaram os esportes. Por exemplo, que o futebol era jogado apenas pela elite no seu início no País, que o voleibol mudou suas regras em função da televisão etc.
- Conhecer os modos corretos de execução de vários exercícios e práticas corporais cotidianas, tais como, levantar um objeto do chão, como se sentar à frente do computador, como realizar um exercício abdominal adequadamente etc.

Dimensão procedimental:

- Vivenciar e adquirir alguns fundamentos básicos dos esportes, danças, ginásticas, lutas, capoeira. Por exemplo, praticar a ginga e a roda da capoeira.
- Vivenciar diferentes ritmos e movimentos relacionados às danças, como as danças de salão, regionais e outras.
- Vivenciar situações de brincadeiras e jogos.

Dimensão atitudinal:

- Valorizar o patrimônio de jogos e brincadeiras do seu contexto.

- Respeitar os adversários, os colegas e resolver os problemas com atitudes de diálogo e não-violência.
- Predispor a participar de atividades em grupos, cooperando e interagindo.
- Reconhecer e valorizar atitudes não-preconceituosas quanto aos níveis de habilidade, sexo, religião e outras.”

Dentre as três, a dimensão atitudinal é aquela que aparece frequentemente na forma de currículo oculto, sendo deixada ao acaso as discussões sobre ela. Em relação às dimensões conceitual e procedimental é diferente, uma vez que determinadas disciplinas tradicionalmente priorizam ou uma, ou outra. A disciplina de História é uma que é praticamente desenvolvida apoiada em conceitos, e a Educação Artística desenvolve predominantemente os procedimentos. Entretanto, cada vez mais são solicitados da escola conteúdos referentes às atitudes e aos valores, conteúdos os quais a demanda social renunciou a definir e defender, ou não consegue solucionar. A ética, a religião, o sexo, as drogas e a violência são exemplos de temas que possuem a dimensão das atitudes muito presente (SAVATER, 1998).

No Brasil, os PCNs (BRASIL, 1998b) sugerem o tratamento transdisciplinar das disciplinas a partir de temas sociais atuais, denominados temas transversais, que são a ética, pluralidade cultural, meio ambiente, trabalho e consumo, orientação sexual, e saúde. Todos os temas citados representam problemas sociais que necessitam de esclarecimentos sobre os conceitos que os envolvem, além do conhecimento sobre procedimentos que auxiliem a solucioná-los, mas que, sobretudo, necessitam e envolvem atitudes e comprometimento coletivo.

A discussão sobre a dimensão atitudinal leva à busca dos conceitos sobre valores, atitudes e normas. Zabala (1998) identifica a natureza de cada um destes termos: os *valores* dizem respeito a princípios ou idéias éticas que permitem às pessoas emitir um juízo sobre condutas e seu sentido, e são exemplos de valores a liberdade, respeito, fraternidade e responsabilidade; entende-se por *atitudes* as predisposições relativamente estáveis das pessoas realizarem sua conduta de acordo com valores determinados, sendo exemplos a cooperação com um grupo, a participação em tarefas escolares e ações de respeito ao meio ambiente; por sua vez, *normas* são regras e padrões de comportamento aos quais todos os membros de um grupo social devem obrigatoriamente seguir, determinadas pelos valores coletivamente compartilhados.

A Educação é fator definitivo para que pessoas comprometidas com uma sociedade justa sejam formadas, e a escola pode contribuir enormemente neste sentido. O esclarecimento sobre quais valores morais, éticos, e quais atitudes devem compor os temas abordados pela Escola, tem por objetivo auxiliar a formação plena de todas as pessoas. Nesse sentido, este estudo buscou identificar os valores relacionados à Educação Física, com o fim de auxiliar o trabalho dos professores na formação humana de seus alunos.

3.2.1 Os conteúdos da Educação Física

Cada disciplina deve instigar o aluno a aprender seus conteúdos e a Educação Física não é uma exceção. E quais seriam seus conteúdos? Sustentando-se na idéia de que a educação escolar possui a responsabilidade de contribuir na formação de seres humanos plenos, e para isso utiliza toda a Cultura produzida considerada importante pelo contexto social, este estudo considera a cultura corporal de movimento fundamental como fonte dos saberes da Educação Física.

De acordo com Soares et al. (1992), o que se estuda na Educação Física são os conteúdos desenvolvidos historicamente na cultura corporal de movimento por toda a humanidade, valorizando especialmente as particularidades nacionais dessa cultura, bem como as diferenças regionais dentro do próprio Brasil. Tais conteúdos consistem em jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e a Capoeira, colocando em foco do estudo o aprendizado desses, suas regras, táticas, técnicas e o contexto em que acontecem. Esses são manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, e surgiram da necessidade de expressão, ludicidade, promoção de saúde, de condicionamento físico e defesa pessoal de uma nação ou grupo.

As culturas vem sendo produzidas, reproduzidas, ressignificadas, transformadas e ultrapassadas desde o início da humanidade. A necessidade de movimentar-se melhor e possuir um corpo mais apto para realizar certas atividades, relacionadas à caça, a razões lúdicas, à disputa de territórios (guerras) e outras, fizeram o ser humano desenvolver técnicas de movimento, estratégias de movimentação em grupo, maneiras de aperfeiçoar o condicionamento físico, aumentar a sociabilidade, produzir jogos que envolvem duas ou mais pessoas, maneiras de desafiar a natureza, entre outras. Uma série de conhecimentos foi originada nessas atividades, sofrendo mudanças ao longo do tempo, constituindo uma Cultura Corporal de Movimento (BRASIL, 1998a, p. 27).

Entendendo a cidadania como norteadora do processo educativo e a Cultura Corporal de Movimento como princípio fundamental da Educação Física na escola, os PCNs (BRASIL, 1998a) apresentam uma proposta na qual a disciplina é responsável pela formação de alunos capazes de:

“... participar de atividades corporais adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade; conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da Cultura Corporal de Movimento; reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis e relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e da melhoria da saúde coletiva; conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e desempenho que existem nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia; reivindicar, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer”.

Dentre as capacidades acima, percebe-se a presença marcante da dimensão atitudinal. Ela aparece explicitamente em expressões como “atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade”; “valorizar, respeitar e desfrutar...”; “... adotando hábitos saudáveis...”; “reivindicar, organizar e interferir... de forma autônoma...”. Ações que necessitam de conhecimentos conceituais e procedimentais, mas dependem da atitude da pessoa e estão implícitas em um comportamento ético e moral construídos socialmente.

As atitudes e valores estão intimamente relacionados com a realidade das relações interpessoais e condições de vida cotidianas, sendo então necessário que a intervenção pedagógica da escola, para ser efetiva, seja contextualizada com a realidade dos alunos. A Cultura Corporal de Movimento, dentre as diferentes propostas de fundamentação do estudo da Educação Física, parece ser a mais próxima de elaborar conhecimentos baseados em questões sociais relativas ao cotidiano de alunos e professores (GALVÃO et al., 2005).

A tarefa de educar possui, então, grande valor e responsabilidade na formação do ser humano pleno (SAVATER, 1998). A escola participa de maneira influente desse processo, e cada disciplina é incumbida de contribuir nesta formação plena, mas sob seu próprio olhar científico. A contribuição da Educação Física pode ocorrer a partir do seu interesse pela Cultura no que se refere ao Corpo Humano e ao Movimento Humano, ou seja, pela Cultura Corporal de Movimento.

A fatia cultural que diz respeito ao corpo e ao movimento humano está repleta de atitudes, valores e comportamentos que podem ser explorados na escola, em vistas a oferecer ao aluno a oportunidade de uma Educação de qualidade.

Sem esclarecer devidamente quais são os valores à comunidade de professores de Educação Física, ou pelo menos alguns que deveriam compor o currículo, e sem produzir ferramentas para e com eles que tornem possível a prática inclusiva desses conteúdos, não seria possível sequer buscar a qualidade do trabalho que inclua a dimensão dos valores, no sentido de atingir grande parte da comunidade desses professores. O objetivo desta pesquisa está relacionado a dar um primeiro passo de esclarecimento quanto a quais são os valores que podem e devem ser trabalhados pelo professor de Educação Física.

3.2.2 Levantamento da produção científica da Educação Física

Frente ao tema desta pesquisa, foi necessário analisar as discussões que vem sendo realizadas na área acadêmica da Educação Física sobre a dimensão atitudinal, ou seja, sobre valores, atitudes ou temas relacionados. Para tanto, foi seguida uma metodologia, assim como foi realizada uma análise e discussão sobre os dados encontrados.

3.2.3 Metodologia para o levantamento

Por meio de pesquisa realizada na Internet, primeiramente foi realizado o levantamento dos periódicos científicos que compuseram a amostragem a ser revisada. Todo o levantamento de dados foi realizado junto à biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Rio Claro. O primeiro instrumento utilizado na pesquisa foi o portal de periódicos da Capes. Devido à dificuldade de encontrar alguns periódicos conhecidos na área da Educação Física, o *site google* foi um recurso de busca muito útil e de fácil manejo, sendo as palavras chaves os nomes dos próprios periódicos.

Para a seleção da amostra, foram seguidos seis critérios:

- 1) que fossem revistas da Educação Física;
- 2) que os trabalhos propostos à publicação fossem julgados por pareceristas;
- 3) apresentassem o resumo dos artigos;

- 4) acesso aos artigos completos, via revista impressa presente na biblioteca da UNESP, ou via arquivo de leitura na Internet.
- 5) Acesso a todos os números das revistas publicados entre os anos de 1998 e 2007, formando uma amostra dos últimos dez anos completos de publicações na área;
- 6) Estivesse em circulação até o final de 2007, não necessariamente a tendo iniciado em 1998 ou em ano anterior.

Os critérios referentes ao acesso a todos os números das revistas foi essencial para que a amostra de periódicos representasse o histórico de publicações da Educação Física escolar brasileira nos últimos dez anos.

Por sua vez, os três primeiros critérios visaram a qualidade das publicações que foram escolhidas, e que estas estejam no universo da Educação Física. Certamente, revistas da Educação, Psicologia, Filosofia, Sociologia e outras, publicam artigos sobre valores, atitudes e temas relacionados e, possivelmente, esses incluem temas que fazem parte do universo de estudo da Educação Física, contudo, o objetivo é analisar as discussões que são realizadas na e pela área.

Seguindo todos os critérios apontados, os periódicos selecionados foram:

Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Revista Paulista de Educação Física / Revista Brasileira de Educação Física e Esporte

Motriz

Revista Brasileira de Ciência e Movimento

Pensar a Prática

Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte

Movimento

Revista da Educação Física UEM

O próximo passo consistiu na seleção dos artigos para análise, totalizando 52 analisados. A seleção foi realizada a partir da leitura dos títulos e resumos, e seguiu estes critérios: 1) estar contido no universo da Educação Física escolar que, por sua vez, é parte de um ambiente formal de educação; 2) apresentar referências sobre valores e/ou atitudes, seja no título ou no resumo. Após a seleção, cinco (5) artigos lidos na íntegra foram descartados, ora por não citar valores ou atitudes no corpo do texto, ora por não apresentar um conteúdo

contido no universo da Educação Física escolar – o que não estava claro no resumo – não sendo contabilizados nos 52 citados acima. Após uma análise mais criteriosa, que considerou válidos apenas os artigos que possuíam a intenção de discussão sobre valores ou atitudes presente no objetivo, ou apresentavam essas discussões em outra parte do texto, 51 artigos compuseram a amostra, sendo desconsiderado um, por apenas “citar” alguns valores ou atitudes, sem estabelecer uma discussão sobre o assunto. A quantidade de artigos por ano de publicação foi colocada no gráfico 1, para melhor visualização dos dados quantitativos.

Os artigos selecionados foram lidos na íntegra, diversas vezes, até que ficasse claro o que os autores consideraram como valores ou atitudes. Grande parte dos artigos não discursava explicitamente sobre o tema, entretanto na interpretação do texto ficou clara a consideração de certos assuntos como tais.

A discussão foi embasada a partir do foco apresentado pelos PCNs (BRASIL, 1998b), por se tratar de um documento de referência nacional que se preocupou em considerar a importância do tema dos valores humanos para a Educação formal, apresentando-os dentro de grandes temas denominados temas transversais: ética, pluralidade cultural, meio-ambiente, saúde, educação sexual e trabalho e consumo.

Os valores e atitudes foram identificados, classificados e discutidos dentro de cada tema transversal e, ainda dentro de cada tema - categoria, foram classificados como abertos ou gerais, que podem ser discutidos por diversos pontos de vista das relações sociais e das diferentes disciplinas escolares, e específicos, que provém de atividades e discussões pertinentes ao objeto de estudo da Educação Física, a cultura corporal de movimento (DARIDO, 2005).

Antes de prosseguir, faz-se necessário reconhecermos os limites da pesquisa. Nossa amostra é composta por periódicos de destaque nacional, contudo existem outros que não foram incluídos por não conseguirmos acessos a todos os números. A pesquisa também não incluiu dissertações, teses e trabalhos de conclusão de curso, que trariam grande contribuição, porém seria inviável a leitura integral de tais trabalhos.

3.2.4 Resultados

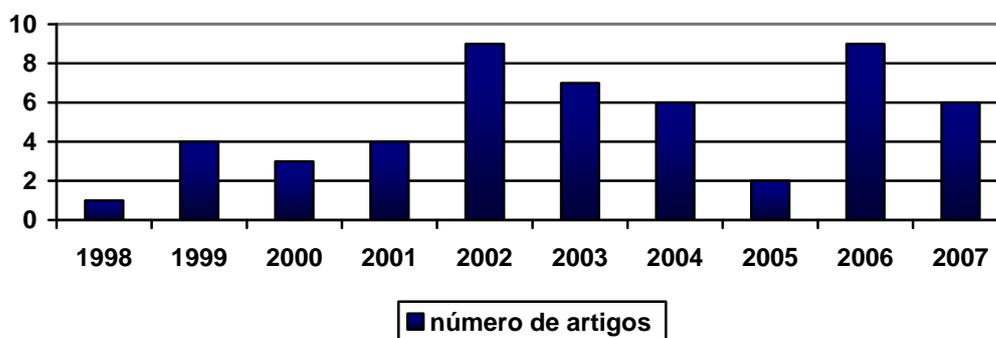
Os resultados dessa pesquisa que compõe a revisão de literatura foram divididos em duas fases distintas. A primeira é a análise quantitativa que teve como objetivo verificar a quantidade de produção na área de Educação Física relativa aos valores. A segunda refere-se a

uma análise qualitativa, que teve como objetivo colocar em pauta o que os autores publicaram sobre um ou vários valores.

3.2.4.1 Análise Quantitativa

A quantidade de artigos publicada por ano no período pesquisado (gráfico 1) traz informações importantes: a quantidade de artigos publicados, se houve crescimento ou decréscimo no número de artigos no decorrer dos anos, se houveram picos e, o mais importante, se o tema tem sido abordado por pesquisadores da área.

gráfico 1 - artigos publicados entre 1998 e 2007



A primeira constatação é evidente quando observamos o total de artigos publicados: são 51 artigos entre mais de mil (1000) publicados nos dez anos da amostra em questão. É uma quantidade pequena de publicações para um assunto que crescentemente vem sendo abordado na mídia, seja em propagandas do governo federal ou de grandes empresas, seja em novelas, desenhos animados etc. Um exemplo típico vem à memória com a frase: “cidadania, passe a diante”.

Com o pequeno número de artigos encontrados, comparado ao total de publicações da amostra, destacamos duas das interpretações possíveis: os temas relacionados aos valores não atraem a atenção de pesquisadores da área de Educação Física escolar; e/ ou não há grande aceitação de artigos relacionados a esses temas por parte dos periódicos.

De 2001 em diante foram publicados pelo menos quatro artigos por ano na amostra em questão, exceto em 2005. Nos anos anteriores foram encontrados um, quatro e três artigos respectivamente. Os anos com o maior número de publicações foram 2002 e 2006, com nove artigos cada. Apesar do aumento do número de artigos publicados por ano ter aumentado a

partir de 2001, não é possível afirmar que esta é uma tendência da área, uma vez que a quantidade de publicações continua baixa.

Esse pequeno aumento a partir de 2001 pode ser interpretado como o aumento do interesse por parte de pesquisadores pelo tema em questão – ou temas relacionados – e/ ou uma mudança de perfil por parte das revistas no que tange ao interesse de aceitar esses temas em suas páginas. Esperamos que esse pequeno aumento possa se tornar maior.

Em uma pesquisa que inspirou a metodologia desta, La Taille et al. (2004) verificou o aumento de publicações sobre ética e educação na virada do século XX para o XXI, em artigos de periódicos de Educação, dissertações e teses. Os autores consideram que no século XXI tem-se pensado mais em valores e atitudes, aqui colocados como temas relacionados à ética e educação. Olhando para o gráfico, podemos notar que esse aumento é mínimo, entretanto existe.

A tabela 1 mostra os resultados obtidos por La Taille et al. (2004) quanto aos artigos em periódicos científicos da área de Educação, cruzados com os resultados desta pesquisa:

Tabela 1 – número de artigos publicados por ano

	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07
La Taille	1	1	0	0	5	1	4	1	4	4	4	-	-	-	-	-
Acedo	-	-	-	-	-	-	1	4	3	4	9	7	6	2	9	6

Apesar dos períodos das pesquisas serem diferentes, há um período em comum no qual pode-se sugerir que, grosso modo, assim como na Educação houve um crescimento nas discussões sobre a temática a partir do ano 2000 (LA TAILLE et al., 2004), o mesmo ocorre com a Educação Física a partir do ano 2001.

Também na presente pesquisa encontramos outro fato que corrobora com os resultados da pesquisa de La Taille et al. (2004): o número de publicações sobre valores humanos é muito pequeno, constatando que as discussões sobre o tema tem permanecido dentro dos portões das universidades, não gerando um grande número de artigos científicos como acontece com outros temas, como fisiologia do exercício, prática pedagógica do professor e outros. Seria importante que tais publicações estivessem contidas nos periódicos da área de Educação Física, o que garantiria o rigor científico e o aprofundamento de reflexões sobre o tema dos valores humanos (LA TAILLE et al., 2004).

Apesar das limitações, como a ausência de dados sobre livros, dissertações e teses, o levantamento realizado na amostra de periódicos científicos da Educação Física mostra que a temática dos valores é pouco abordada pelos pesquisadores e periódicos.

3.2.4.2 Revisão dos artigos da amostra e análise qualitativa

Nesta parte pretendemos analisar qual o conteúdo das discussões sobre a dimensão atitudinal, em particular os valores, encontradas nos artigos da amostra. Os valores foram classificados de acordo com o tema transversal com o qual mais se aproximava (BRASIL, 1998b).

Os temas transversais são orientados, assim como a educação escolar, por princípios eleitos pelos PCNs (BRASIL, 1998b) para uma educação comprometida com a cidadania - entendida em um sentido ampliado, além dos direitos e deveres civis e políticos, para os direitos e deveres sociais como saúde, educação e moradia. Os princípios são a *dignidade da pessoa humana*, que implica em respeito aos direitos humanos, acesso a condições de vida digna e respeito mútuo nas relações interpessoais; *igualdade de direitos*, que se refere à garantia da mesma possibilidade de exercer a cidadania e mesma dignidade a todos, e considera o princípio da equidade – levar em consideração as diferenças interpessoais e desigualdades sociais; *participação*, que traz a noção de cidadania ativa e participação popular no espaço público; e *co-responsabilidade pela vida social*, que significa ter responsabilidade pelos destinos da vida coletiva (BRASIL, 1998b).

É importante compreender que os PCNs (BRASIL, 1998b) trazem tais princípios como norteadores da educação escolar e de todos os temas transversais, pois consideram que estes orientem as escolhas e atitudes dos brasileiros e brasileiras durante o exercício da cidadania e na vida pessoal. Nesse sentido, o objetivo consiste na valorização desses princípios por todos os brasileiros. Pode-se dizer que o “objetivo final” seria criar uma identidade nacional baseada em valores humanos coletivos.

Da preocupação em resgatar valores defasados e solucionar problemas sociais brasileiros foram elaborados os temas transversais. Pode-se dizer que a preocupação dos PCNs foi superar uma crise de valores humanos enfrentada pelos brasileiros, resgatando e construindo valores referentes aos principais problemas de dimensão social. O resgate realizado pelos PCNs certamente é útil na classificação dos valores encontrados na literatura da Educação Física, no sentido de organizar a revisão (BRASIL, 1998b).

Provavelmente existe uma infinidade de valores que não são abordados diretamente pelos temas transversais, contudo eles são uma boa referência para nortear as discussões apresentadas neste capítulo.

Baseadas nesses princípios e nos temas transversais, segue os valores e as discussões encontradas na análise dos periódicos:

i. Pluralidade Cultural

O primeiro tema transversal tratado nesta pesquisa diz respeito ao reconhecimento da diversidade de culturas, etnias e características físicas do povo brasileiro. Danças, culinária, hábitos, jogos, cantigas, religiões e crenças são apenas alguns exemplos de componentes da cultura brasileira, criados a partir dos povos que se encontraram nesta terra (índios, africanos, europeus e asiáticos – para resumir, porém enfatizando a diversidade de culturas dentro desses grupos), que elucidam a variedade de manifestações existentes no Brasil.

Não se restringindo apenas às questões culturais, pluralidade cultural engloba as desigualdades socioeconômicas e a crítica às relações discriminatórias que ocorrem na sociedade brasileira, permitindo aos alunos o conhecimento do Brasil como um país que apresenta diversas facetas e relações complexas (BRASIL, 1998b).

O objetivo deste tema é a afirmação da diversidade, no sentido de respeitar a diversidade de valores culturalmente produzidos – o que não significa incorporar todos esses –, partindo do pressuposto que todo ser humano merece ser respeitado por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação. É, também, combater a exclusão social, a falta de acesso aos bens culturais e materiais da sociedade, bem como a não participação na gestão coletiva do espaço público (BRASIL, 1998b).

O levantamento dessa problemática se deu, segundo os PCNs (BRASIL, 1998b), devido ao desconhecimento do povo brasileiro pelo povo brasileiro, prevalecendo estereótipos culturais, étnicos, sociais e até regionais. Tal problema se acentua ao falar da questão racial-étnica. O preconceito é algo muitas vezes presente nas relações sociais, familiares e até na escola, mesmo que de maneira inconsciente, sendo, por esse e outros motivos, uma situação com a qual é difícil lidar.

A partir da proposta do documento dos PCNs denominado Temas Transversais (BRASIL, 1998b), capítulo sobre a pluralidade cultural, confrontamos as “capacidades” colocadas no documento com a análise da amostra dos artigos de Educação Física escolar. As

“capacidades” apontadas pelos PCNs – anexo Pluralidade Cultural (BRASIL, 1998b, p. 143) são:

- “conhecer a diversidade do patrimônio etnocultural brasileiro, cultivando atitude de respeito para com as pessoas e grupos que a compõem, reconhecendo a diversidade cultural como um direito dos povos e dos indivíduos e elemento de fortalecimento da democracia;
- compreender a memória como construção conjunta, elaborada como tarefa de cada um e de todos, que contribui para a percepção do campo de possibilidades individuais, coletivas, comunitárias e nacionais;
- valorizar as diversas culturas presentes na constituição do Brasil como nação, reconhecendo sua contribuição no processo de constituição da sociedade brasileira;
- reconhecer as qualidades da própria cultura, valorando-as criticamente, enriquecendo a vivência de cidadania;
- desenvolver uma atitude de empatia e solidariedade para com aqueles que sofrem discriminação;
- repudiar toda discriminação baseada em diferenças de raça/etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais;
- exigir respeito para si e para o outro, denunciando qualquer atitude de discriminação que sofra, ou qualquer violação de criança e cidadão;
- valorizar o convívio pacífico e criativo dos diferentes componentes da diversidade cultural;
- compreender a desigualdade social como um problema de todos e como uma realidade passível de mudanças;
- analisar com discernimento as atitudes e situações fomentadoras de todo tipo de discriminação e injustiça social.”

Observando as “capacidades” colocadas acima, é perceptível a presença de valores que permeiam as atitudes de valorização, compreensão e respeito, em relação às diferenças étnicas, culturais e religiosas em geral. As capacidades apontadas para a pluralidade cultural dizem respeito a uma postura crítica, e também são a favor da superação das desigualdades sociais, sejam quais forem a origem delas.

Exemplos de valores que fundamentam as atitudes apresentadas anteriormente são a diversidade, a paz, a cidadania ativa, a democracia, a cultura, o conhecimento e a solidariedade. Somente com essa rápida análise, percebe-se que os valores envolvidos abrangem diversos aspectos da Cultura humana (que em si apresenta-se como valor) que vão

muito além da pluralidade cultural, entretanto manifestados em atitudes relacionadas intimamente com ela.

Segue a revisão dos artigos analisados que apresentaram discussões sobre valores e atitudes relacionados direta ou indiretamente à pluralidade cultural.

Um valor que aparece com certo destaque em alguns dos artigos da amostra analisada é a solidariedade, valor também muito enfatizado pelos PCNs. Correia (2006) ressalta que a solidariedade é um valor que está ganhando força em discursos dos diversos setores da sociedade. Por sua vez, Guimarães et al. (2001) afirmam que o professor deve conhecer as possibilidades de seus alunos dentro da cultura corporal de movimento, e a partir desse ponto, aprofundar o desenvolvimento de seu trabalho e formar atitudes de solidariedade, respeito mútuo, dignidade, afetividade e coletividade. Os mesmos autores seguem o raciocínio considerando a responsabilidade do professor em estabelecer relações equilibradas e construtivas entre os alunos, valorizando o respeito e o reconhecimento de diferenças ao invés de reafirmar a discriminação por motivos, pessoais, sociais, sexuais ou físicas.

Ser solidário com o outro, ajudar e respeitar, reconhecer interesses semelhantes e recíprocos (por exemplo, o bem estar da comunidade em que vive), são atitudes de quem tem a solidariedade como um valor. Para se adequar à pluralidade cultural, bastaria colocar esse valor acima das diferenças étnicas ou culturais, buscando um convívio harmonioso com seres humanos próximos.

Outro aspecto de destaque na análise foi a questão da diversidade cultural e humana, a individualidade – na forma de respeito às diferenças –, o multiculturalismo, a identidade cultural, ou seja, o que os PCNs chamaram de pluralidade cultural. Independente do nome, o importante é compreender que cada ser humano é único em sua existência. Possui um gênero, uma cultura, uma história e um modo de pensar a vida que lhe são particulares. Pela complexidade de relacionamentos desses fatores se constrói a unicidade do indivíduo, que não é melhor nem pior que a de outros, simplesmente é diferente. Um exemplo, é a utilização de determinadas roupas devido à religião que a família da criança segue, limitando a realização de alguns movimentos. É uma situação que provavelmente estará inserida em um meio com outras crianças que não usam as mesmas vestes, e a atitude de respeito à individualidade da criança pelo professor será algo a ser seguido pelos demais alunos. Se o próprio professor demonstrar-se intolerante, será aberto um precedente para atitudes compatíveis com a dele durante a aula.

Nessa perspectiva, Oliveira (2006) analisou a prática das desigualdades e preconceitos durante aulas de futebol na Educação Física escolar. O motivo da presença do preconceito,

segundo o autor, foi não enxergar o outro como alguém diferente, e sim inferior ou superior dentro do referido contexto. Para o autor, um aspecto negativo desse fato é a violação e a estereotipação da subjetividade do indivíduo. Oliveira (2006, p.304), considera a perspectiva da estereotipação das diferenças culturais como causadora de um entendimento superficial sobre os fenômenos culturais, enxergando apenas suas manifestações externas e particulares. Com isso não são valorizados os sujeitos criadores e reprodutores da cultura, ou não há o entendimento da densidade, a complexidade e a dinamicidade dos significados que eles tecem.

A possibilidade proposta pelo autor é trabalhar a alteridade com os alunos (valor tratado com mais atenção na discussão sobre o tema transversal ética), com o objetivo de o futebol se tornar um palco de igualdade para todos, com a compreensão sobre as diferentes formas de jogar não como inferiores ou superiores, somente diferentes, construindo um ambiente democrático.

Em outro artigo analisado, Oliveira (2000), discute a questão da diversidade sob um ponto de vista diferente, baseado em Pérez Gómez. Para o autor, tratar os diferentes de maneira igual é reafirmar as desigualdades e as injustiças existentes desde sua origem social. Sendo assim, a escola teria o objetivo de preparar cada indivíduo para lutar e se defender no cenário social e dessa forma atenuar as desigualdades. A prática de não reforçar as igualdades para os desiguais é possível e positiva. Entretanto, não devemos confundir a igualdade de direitos perante a sociedade da qual os indivíduos fazem parte com considerar as diferentes pessoas como iguais. Também não devemos preparar os indivíduos para “lutar”, mas sim para respeitar, exigir seus direitos e cumprir com seus deveres.

As últimas atitudes que aparecem com grande força e podem ser discutidas neste tópico são incluir e integrar. Incluir nos dá a noção de trazer alguém de fora, de outra cultura, ou com necessidades especiais, ou etnia, para dentro do nosso ambiente. Integrar, por sua vez, nos dá a idéia de união, troca entre dois ambientes, culturas, etnias diferentes.

A maioria das referências à inclusão aconteceu em artigos sobre a presença de portadores de necessidades especiais em aulas de Educação Física. Rodrigues et al. (2004) tratam do tema inclusão sob o foco da escola inclusiva, ou seja, da inclusão da pessoa com necessidades especiais no ensino regular. Para os autores é importante “respeitar, aceitar e valorizar as limitações de cada um” (p. 44), incluindo os diferentes no ambiente escolar. Falkenbach et al. (2007) afirmam que no ambiente educativo as deficiências requerem um ambiente novo, criativo e que propicie novas formas especiais de aprendizado, que respeite as características especiais.

Acerca da inclusão sem se referir às necessidades especiais, Betti (1999) traz o princípio da inclusão como a participação plena dos alunos nas aulas de Educação Física. Meninas também jogam futebol, os baixinhos jogam vôlei e basquete, os menos habilidosos participam de toda e qualquer atividade. O importante é vivenciar a diversidade da cultura corporal de movimento plenamente, não importando as características de quem a vivencia. Correia (2006), em artigo sobre os jogos cooperativos, traz a inclusão como um dos princípios a ser desenvolvido por essa prática pedagógica.

Barbieri (1999) discute a importância de realizar eventos do esporte educacional que sejam baseados nos princípios de cooperação, participação, co-educação, co-responsabilidade e integração. Também não há referência explícita sobre o porquê ou como a integração deveria ser utilizada, entretanto fica clara a presença desse princípio quando o autor o coloca como fundamental na organização de eventos a participação de professores, alunos, árbitros e dirigentes de delegações, além de haverem momentos de confraternização extra-jogos dos participantes.

Há referências ao “brincar junto” (com outras crianças) e ao “compreender as diferentes formas de jogar”, que são atitudes que se relacionam com a especificidade da Educação Física e são expressões de valores como o respeito mútuo, a diversidade – aceitar e conhecer as diferentes culturas -, o multiculturalismo, entre outros. Também é muito forte o discurso da co-educação, pela qual meninos e meninas aprendem juntos a respeitar as diferenças e conviver entre si, já que existe uma diferença cultural grande entre os sexos.

Os valores encontrados referentes à pluralidade cultural são a solidariedade, a diversidade cultural, a individualidade, a alteridade, a inclusão e a integração. Esses valores não apresentam relação direta com a especificidade da área da Educação Física, porém existe a possibilidade de trabalhá-los de maneira específica.

Valorizar o brincar junto entre as crianças (e também entre jovens, explorando o maior número de inter-relações possíveis), as diferentes formas de jogar um mesmo jogo, e os diferentes jogos, são as vias de se trabalhar valores por meio de atitudes que representam o tema pluralidade cultural na Educação Física encontradas nos artigos.

Dentre os 51 artigos analisados, 26 (51%) apresentaram discussões que abordavam os valores e atitudes relacionadas à pluralidade cultural. Pode-se afirmar que esse é um tema transversal de destaque entre as discussões sobre valores e atitudes na Educação Física escolar.

ii. Meio Ambiente

O tema transversal meio ambiente refere-se ao cuidado dos seres humanos com tudo aquilo que o rodeia, desde os seres vivos até o solo, os rios, o ar, o mar, as montanhas, ou seja, todo o ambiente do planeta Terra e aqueles que vivem nele. Quando nos referimos a aqueles que vivem neste planeta, entende-se que os seres humanos estão inclusos.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1998b), uma mudança nas atitudes das pessoas na interação com o meio ambiente é fundamental, uma vez que considera esse um patrimônio básico para a vida humana. Utilizando um exemplo do próprio documento, uma criança pode conseguir nota dez nas provas, entretanto ainda pode jogar lixo na rua ou atear fogo na mata. Essa reflexão nos leva a uma série de outras: Não há percepção das pessoas sobre a extensão dessas ações ou elas não se sentem responsáveis pelo mundo/ local onde vivem (BRASIL, 1998)? A metodologia tradicional da escola na qual os conteúdos conceituais são privilegiados e o ensino é disciplinar não estaria dando conta da educação global dos alunos? Educação ambiental se aprende fora da escola?

Essas e outras questões aparecem quando colocamos em xeque a formação das crianças em relação ao comprometimento em cuidar do ambiente que as cerca. Nesta discussão focaremos justamente a responsabilidade e compromisso dos seres humanos com o mundo em que vivem, colocando-o em status de valor a ser estimado.

Neste universo no qual são urgentes novas formas de se pensar e agir em sociedade, a questão ambiental impõe a busca de novos caminhos e modelos de produção de bens, assim como novas relações com o meio para suprir necessidades humanas e que garantam a sustentabilidade ecológica. Toda essa organização pede e é fundamentada em valores novos, diferentes daqueles que fundamentavam atos como jogar lixo na rua.

Os PCNs – anexo Meio Ambiente (BRASIL, 1998b, p. 197) – trazem como objetivos gerais para o ensino fundamental os seguintes aspectos:

- “identificar-se como parte integrante da natureza e sentir-se afetivamente ligado a ela, percebendo os processos pessoais como elementos fundamentais para uma atuação criativa, responsável e respeitosa em relação ao meio ambiente;
- perceber, apreciar e valorizar a diversidade natural e sociocultural, adotando posturas de respeito aos diferentes aspectos e formas do patrimônio natural, étnico e cultural;
- observar e analisar fatos e situações do ponto de vista ambiental, de modo crítico, reconhecendo a necessidade e as oportunidades de atuar de modo prepositivo, para garantir um meio ambiente e a boa qualidade de vida;

- adotar posturas na escola, em casa e em sua comunidade que os levem a interações construtivas, justas e ambientalmente sustentáveis;
- compreender que os problemas ambientais interferem na qualidade de vida das pessoas, tanto local quanto globalmente;
- conhecer e compreender, de modo integrado, as noções básicas relacionadas ao meio ambiente;
- perceber, em diversos fenômenos naturais, encadeamentos e relações de causa/efeito que condicionam a vida no espaço (geográfico) e no tempo (histórico), utilizando essa percepção para posicionar-se criticamente diante das condições ambientais desse meio;
- compreender a necessidade e dominar alguns procedimentos de conservação e manejo dos recursos naturais com os quais interagem, aplicando-os no dia-a-dia.”

Os artigos analisados trazem como valores referentes a esse tema transversal a natureza e outro relacionado, porém não tão específico, o direito à qualidade de vida. É claro que as condições do ambiente são básicas para a boa saúde de todos os seres vivos, entretanto os valores relacionados à saúde serão discutidos no tema transversal de mesmo nome.

O único artigo que possui citações e discussões desse tema é de Impolcetto et al. (2007), em pesquisa que busca a sistematização dos conteúdos em suas três dimensões. Os autores o fazem em dois momentos distintos. Primeiramente, quando abordam o aparecimento das práticas corporais alternativas na Educação Física e apontam como foco dessas práticas a sensibilidade, o bem estar, a *natureza*, a criatividade, a percepção e a conscientização corporal. Sobre o mesmo tema, ainda existem referências à ginástica natural. O avanço que pode ser identificado consiste na proximidade dessas práticas, geralmente de origem oriental, com a natureza, e a concepção que o homem é parte integrante dela.

A segunda discussão no artigo é sob o foco dos esportes de aventura. Os esportes de aventura ocorrem preferencialmente em um plano natural, e são conhecidos pela interação com a natureza. Segundo os autores, as professoras participantes da pesquisa apontaram uma grande variedade de conteúdos ligados à dimensão atitudinal e os esportes de aventura: *respeito ao meio ambiente*, atitudes de cooperação com o companheiro e construção de valores em relação ao lazer.

A proximidade proporcionada pelos esportes de aventura, do ser humano com a natureza, seja na terra, ar ou água, é muito rica a ponto de ser um espaço potencial para gerar a valorização do meio ambiente natural, que acarretará em atitudes de respeito ao ambiente, conscientização ambiental, reciclagem de materiais inorgânicos dentro de casa, aproveitamento o espaço natural sem feri-lo – uma vez que esse é essencial para a prática de

esportes de aventura, entre outros. O professor de Educação Física deve proporcionar momentos de contato com a natureza explorando essa manifestação da cultura corporal que são os esportes de aventura.

Apesar de apenas um artigo possuir referências sobre o tema transversal meio ambiente, o que é pouco, essas estão intimamente relacionadas com o objeto de estudo da Educação Física, a cultura corporal de movimento. Essas referências são constituídas por atitudes de conhecimento, interação e respeito ao meio ambiente enquanto espaço de utilização para práticas da cultura corporal.

Contudo, fazem parte do meio-ambiente os espaços transformados e construídos pelo homem, como praças para práticas esportivas, piscinas, quadras ou campos. Não foram encontradas referências sobre meio-ambientes desse tipo.

O valor chave deste tema transversal, que fundamentam as atitudes colocadas no parágrafo anterior, é o próprio meio-ambiente. O respeito pelo planeta Terra que habitamos é fundamental para a continuidade da vida. Esse é um valor universal, que deve ser discutido por todas as disciplinas escolares. O único artigo que aborda esse tema também traz uma maneira muito eficiente de aproximação do aluno ao meio pela cultura corporal de movimento: as práticas corporais alternativas e os esportes de aventura. Valorizar práticas em ambientes naturais parece ser o caminho para a valorização da natureza perante a humanidade.

iii. Saúde

Certamente saúde é o tema transversal que mais se espera estar relacionado com a Educação Física. Pelo menos se pensarmos a partir do senso comum e da tradição histórica. Na mídia é fácil encontrar informações que relacionam a prática de exercícios físicos ou esportes com a melhora na qualidade de vida e da saúde.

Entretanto, a saúde pública nacional não se encontra nada bem, de um lado, sem conseguir atender com qualidade a demanda de pacientes que aguardam pela cura de suas enfermidades, por outro, também não consegue educar os cidadãos para hábitos de vida que promovam a saúde, como um hábito alimentar equilibrado e balanceado, e regularidade na prática de exercícios físicos. Devido a esses problemas, a saúde foi inserida nos temas transversais pelos PCNs (BRASIL, 1998b).

De acordo com o documento, os trabalhos que vem sendo realizados até o momento, de transmitir informações a respeito do funcionamento do corpo, das características das doenças e de hábitos de higiene não são suficientes para que as crianças cresçam e desenvolvam hábitos de vida saudável. Por isso, faz-se necessário educar para a saúde abordando todos os aspectos envolvidos com a formação de valores e atitudes que ocorrem no dia-a-dia da escola.

Uma percepção muito importante os PCNs (BRASIL, 1998b) tiveram, ao buscar um conceito mais dinâmico de saúde, para superar aquele relacionado somente à saúde/ doença. Inicialmente, identifica alguns dos inúmeros fatores determinantes das condições de saúde. Dentre os explicitados estão “... os condicionantes biológicos (sexo, idade, características pessoais eventualmente determinadas pela herança genética), o meio físico (que abrange condições geográficas, características da ocupação humana, fontes de água para consumo, disponibilidade e qualidade dos alimentos, condições de habitação), assim como o meio socioeconômico e cultural, que expresse os níveis de ocupação e renda, o acesso à educação formal e ao lazer, os graus de liberdade, hábitos e formas de relacionamento interpessoal, as possibilidades de acesso aos serviços voltados para promoção e recuperação da saúde e a qualidade da atenção por eles prestada.” Dentre todos esses e outros fatores, percebe-se a complexidade do significado da palavra saúde, e as relações dessa com os aspectos morais e éticos, desde o direito do cidadão de acesso livre a informações e terapias, até o próprio compromisso e autonomia para promoção da própria saúde e das pessoas próximas.

Logo, pode-se considerar que a relação entre educação e saúde é íntima e essencial para a criação de valores que levem a hábitos de vida saudáveis. Educação que deve ocorrer na família, na sociedade e na escola, ambiente no qual a criança passa grande parte do dia. Em vista disso, os PCNs (BRASIL, 1998b) colocam os seguintes objetivos a serem buscados pela abordagem do tema transversal saúde:

- “compreender saúde como direito de cidadania, valorizando as ações voltadas para sua promoção, proteção e recuperação;
- compreender a saúde nos seus aspectos físico, psíquico e social como uma dimensão essencial do crescimento e desenvolvimento do ser humano;
- compreender que saúde é produzida nas relações com o meio físico, econômico e sociocultural, identificando fatores de risco à saúde pessoal e coletiva presentes no meio em que vive;
- conhecer e utilizar formas de intervenção sobre os fatores desfavoráveis à saúde presentes na realidade em que vive, agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;

- conhecer os recursos da comunidade voltados para a promoção, proteção e recuperação da saúde, em especial os serviços de saúde;
- responsabilizar-se pessoalmente pela própria saúde, adotando hábitos de autocuidado, respeitando as possibilidades e limites do próprio corpo.”

A Educação Física escolar possui uma grande responsabilidade com esse tema transversal, porque é culturalmente aceita e cientificamente comprovada a importância dos exercícios físicos, praticados de maneira regular, para promoção e manutenção da saúde dos seres humanos. Há melhoras na condição cardiorespiratória, prevenindo cardiopatias, com a aterosclerose e arteriosclerose, melhora na condição muscular, prevenindo a osteoporose, e permitindo que as pessoas realizem as funções do dia-a-dia com vigor, além de, como efeito crônico, melhorar o sistema imunológico.

Essa aproximação entre Educação Física e saúde nos fez pensar na hipótese de encontrarmos uma grande proporção de artigos que relacionassem as duas áreas dentro da amostra analisada.

Por tal motivo, não foi uma surpresa a grande participação do tema entre os artigos analisados. Dezoito dos cinquenta e um artigos (35%) possuíam alguma referência à saúde, hábitos de vida saudáveis ou qualidade de vida. Praticamente metade dos trabalhos apresentaram discussões que envolviam valores relacionados à saúde.

Um dos artigos é de autoria de Ferreira (2001), no qual apresenta idéias sobre a atuação da Educação Física escolar como uma das responsáveis por melhorar as condições de saúde da população brasileira. Todavia, o autor alerta para o fato de que as principais propostas nesse sentido, apesar de representarem avanços, possuem uma essência biológica e omitem aspectos fundamentais para a adesão ao exercício físico, como os socioeconômicos.

No geral, pode-se interpretar que a saúde é colocada como um valor, e a adesão à atividade física é a atitude para a promoção da saúde. Por ser promotora da qualidade de vida e bem estar, a atividade física pode ser considerada um valor. Segundo o autor, a prática regular e bem orientada de exercícios traz uma série de benefícios, dentre eles: aumento do colesterol de alta densidade (HDL) e diminuição do colesterol de baixa densidade (LDL); aumento da vascularização dos tecidos; melhoria da eficiência cardíaca; fortalecimento dos músculos, articulações e ossos, que previne a osteoporose; aumento da capacidade respiratória; melhoria da flexibilidade e da força muscular; além de benefícios psicológicos, como a redução do estresse.

Se ela traz tantos benefícios, por que não valorizarmos a prática de exercícios físicos regulares baseados na justificativa de promoverem a saúde, qualidade de vida e o bem estar? Por que não começamos a construir esse valor desde a escola? Essas são questões sobre as quais se deve refletir, pois há um número enorme de pessoas sedentárias e obesas que certamente não teriam problemas de saúde caso tivessem condições sócio-econômicas e o compromisso com elas mesmas de se exercitarem.

Entretanto, é necessário lembrar que o exercício somente é benéfico se bem praticado. Exageros podem levar a lesões e a degradação do sistema imunológico. Além de necessidade de locais e materiais adequados, evitando acidentes (caminhando em um parque ao invés de em uma rua) e prevenindo lesões (vestindo calçados adequados à prática).

Ferreira (2001) vai além de observar o fenômeno exercício físico de maneira isolada, e percebe a necessidade de mudanças no ambiente econômico e social, com o objetivo de permitir que todos tenham tempo e as demais condições básicas para se exercitarem.

Na visão do autor, com a qual estamos de acordo, um conteúdo da Educação Física, como a corrida, não pode ser pensado somente a partir dos planos da fisiologia, anatomia e biomecânica (concepção biológica), mas também a partir da história, política, ecologia, nutrição e sociologia. A esses ainda somaríamos a psicologia. A visão retrata a necessidade de enxergarmos os conteúdos de forma interdisciplinar.

Beltrami (2000) defende a qualidade de vida enquanto um direito do cidadão, em artigo que discute as políticas públicas e a Educação Física escolar. Esse direito deve ser garantido pelo Estado de maneira a tornar possível o acesso a ambientes públicos para prática de exercício físico.

Barbieri (1999), em artigo sobre a promoção de jogos estudantis, aponta a prática esportiva como meio de preservação da saúde. Claro que existem ressalvas, pois a prática deve ser bem orientada, sem exageros para evitar lesões, e evitando o uso de *dooping*.

Em relação ao tema transversal saúde, pode-se considerar uma grande identificação com a área, pelo menos é isso que nos mostram os artigos analisados. É necessário ressaltar que existe a consciência de pesquisadores da área sobre o papel parcial, porém fundamental da disciplina, que consiste em promover a atividade física regular e consciente como um valor para quem quer alcançar uma boa qualidade de vida.

A saúde aparece relacionada com a atividade física em todos os artigos, uma vez que o exercício físico regular promove a manutenção ou melhora das capacidades funcionais, físicas e cardiorespiratórias, além de poder contribuir para a melhoria da afetividade e relações

sociais. O exercício físico regular aparece como algo a ser valorizado por quem procura saúde e qualidade de vida.

O exercício, os jogos, os esportes, as danças, entre outros, podem aparecer como valores para quem busca melhorias na qualidade de vida. A principal atitude seria vivenciar essas práticas regularmente. Ainda assim é necessário ressaltar que essas práticas são produções históricas dos seres humanos, que compõe a Cultura e por tal motivo devem ser considerados valores enquanto conhecimentos a serem transmitidos às novas gerações.

iv. Orientação Sexual

A Orientação sexual foi proposta como tema transversal devido o surgimento de alguns problemas constantes relativos à sexualidade, sendo os principais o corpo, como matriz da sexualidade, explorado pela mídia como tal; as relações de gênero, que engloba a cultura machista e os preconceitos a homossexuais; e as doenças sexualmente transmissíveis.

O primeiro pressuposto dos PCNs (BRASIL, 1998b) é muito coerente, e consistiu em considerar a sexualidade como algo inerente à saúde e à vida, que se expressa desde o nascimento até a morte do ser humano. No campo da moral, o objetivo é garantir o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade.

A justificativa apresentada pelos PCNs (BRASIL, 1998b) para a inclusão do tema na escola remete à educação sexual estar presente em diversas expressões da vida das crianças e adolescentes. A família é a primeira delas, seja possuindo uma relação aberta de conversa sobre o tema ou reprimindo qualquer manifestação referente à sexualidade. A criança aprende observando e interagindo com as atitudes dos pais. Outro momento seria o convívio com amigos e colegas na escola e fora dela, com o qual conversas levam a interpretações e fantasias de quem tem pouquíssima experiência no assunto. O terceiro momento, e atualmente muito incisivo, é a presença da sexualidade na mídia. Existem diversos tipos de programas e propagandas, alguns responsáveis, que informam e discutem os tabus desse tema, outros que não possuem compromisso social, e utilizam a sexualidade como meio de venda do programa ou de produtos. A inclusão do tema transversal orientação sexual na escola é necessário justamente, e concordamos com o documento nesse ponto, para criarmos um ambiente de discussão e vivências críticas, que afirmem a importância de desenvolver uma sexualidade saudável, respeitando a individualidade, e orientando para a responsabilidade pessoal e com o parceiro ou parceira.

Apoiada nos conceitos apresentados até o momento, a orientação sexual possui como objetivos:

- “respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano;
- compreender a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana;
- conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual;
- identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os estereótipos;
- reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas;
- identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro;
- reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir prazer numa relação a dois;
- proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
- agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo em ações públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/ Aids;
- conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da Aids;
- evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos;
- consciência crítica a tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade.”
(BRASIL, 1998b, p. 311).

Historicamente a Educação Física escolar vem passando por modificações em relação sobre como abordar a questão dos gêneros nas aulas. Na década de 1970, em função do grande apelo esportivo vivido no Brasil – conquista do tri-campeonato mundial de futebol –, o objetivo da disciplina era formar atletas e, por isso, separava as turmas de meninos e meninas, assim como era feito nas modalidades esportivas. No decorrer na década de 1980, com o retorno de alguns especialistas que foram fazer pós-graduação fora do país, as turmas passaram a ser mistas, entretanto esse processo ainda não terminou, pois até 2008 ainda

existem muitas turmas separadas e, mesmo naquelas que são juntas no mesmo horário, oferecem atividades diferentes para meninos e meninas. Além disso, podem ser realizadas discussões sobre opção sexual relacionada com a prática corporal realizada, pois existem estereótipos como mulheres que jogam futebol serem “machos”, e homens que dançam serem “homossexuais”. O toque entre pessoas de diferentes ou do mesmo gênero também é outro tabu que deve ser discutido pela área, principalmente em atividades físicas ou práticas como a massagem.

Dentre os artigos analisados, apenas seis apresentaram discussões acerca das questões relacionadas à orientação sexual, sendo três sobre gêneros (co-educação), e três sobre a questão da corporeidade e do conhecimento sobre o corpo. Não foi encontrado nenhum artigo que relacionasse Educação Física escolar e doenças sexualmente transmissíveis.

Se analisarmos o tema orientação sexual mais cuidadosamente, podemos concluir que ele remete a partes específicas do tema pluralidade cultural e saúde. A proximidade com o primeiro ocorre na questão dos gêneros, e com o segundo nas doenças sexualmente transmissíveis.

Inicialmente, sobre a discussão dos gêneros, apareceram dois valores já apresentados no tema transversal pluralidade cultural: diversidade e individualidade. Esses se incluem aqui porque reconhecer as diferenças e aceitar a individualidade de cada ser é o primeiro passo para a convivência entre os gêneros ser respeitosa e harmoniosa.

O que merece destaque por ser mais específico ao assunto é a co-educação. Korsakas & de Rose Júnior (2002) afirmam que trabalhar esse princípio significa estimular que uma criança ajude a outra na aprendizagem de algo que já domina, vislumbrando possibilidades de aprendizagem com o diferente. Os autores sugerem atividades de interação entre meninos e meninas, que realcem as características diferentes com o objetivo de valorizá-las.

Barbieri (1999), já citado anteriormente, colocou que os eventos esportivos infantis deveriam ser pautados nos princípios da participação, cooperação, co-educação, coresponsabilidade e integração. Entretanto, o autor ressalta a participação de meninos e meninas juntos, somente na formação de comissões.

Aprender na presença de outras crianças, interagindo e compartilhando, propicia multiplicar o conhecimento que cada um traz consigo, tendo contato com novas aprendizagens não somente pelo próprio ponto de vista, mas também pelo do colega.

Passemos à análise sobre a questão do corpo. Apesar de não relacionar corpo e sexualidade, Moraes & Balga (2007), em artigo sobre as contribuições da Yoga para aulas de Educação Física, afirma que o objetivo dessa prática é desenvolver o conhecimento que as

crianças têm sobre o próprio corpo, além das capacidades físicas de equilíbrio, resistência, flexibilidade e força. Segundo a autora, esse autoconhecimento tem por objetivo fazer cada um se superar dentro de suas capacidades para vencer também na vida, e estruturar as crianças para os possíveis problemas que venham a aparecer. O conhecimento do próprio corpo pode ter uma série de conseqüências positivas, como o aumento de respeito próprio e de conhecimento sobre as próprias sensações e limites. Conhecer o próprio corpo, de certa forma também contribui para o conhecimento da sexualidade.

Zoboli & dos Santos (2005) trazem à tona um tema também relacionado à sexualidade, e pode ser considerado um valor, algo a ser respeitado dentro da individualidade e diversidade de cada ser: a corporeidade. De acordo com os autores, a corporeidade de cada um revela sua singularidade, além de possuir características que o definem como membro de algum grupo social em determinado período histórico. E as aulas de Educação Física são um espaço fundamental de socialização e desenvolvimento da personalidade da criança.

Os autores levantam um problema interessante e intimamente relacionado à sexualidade: muitos alunos têm problemas em lidar com o próprio corpo, e muitas vezes se envergonham da auto-imagem corporal. Temos aqui um problema que envolve o corpo socialmente aceito, aquele mostrado na mídia como belo e ideal, e o corpo da criança, ainda em desenvolvimento mas que já sente a pressão social, mesmo sem entender o que significa.

Sobre essa relação corpo/ sexualidade e mídia, Betti (1999) faz um breve comentário sobre as revistas femininas ou as dirigidas a adolescentes que sugerem dicas de exercícios para “perder a barriga” ou “empinar o bumbum”. A opinião que compartilhamos com o autor é que é necessário contextualizar e articular essas informações no ambiente educativo, para que os alunos recebam essas informações de maneira crítica.

Pode-se considerar que as discussões do tema orientação sexual estão voltadas para assuntos próprios da cultura corporal de movimento, especificamente no que se remete à questão dos gêneros (quando se fala em co-educação) e da corporeidade. Seria possível considerar a corporeidade e o conhecimento sobre o próprio corpo e sobre o do outro como valores? A partir do momento em que conhecer as características posturais, as expressões e as reações que temos com o toque puderem nos permitir fazer escolhas, e se esse conhecimento levar-nos a um maior respeito próprio, sim.

As atitudes relacionadas a esses valores, que seriam ligadas à especificidade da Educação Física, seriam: brincar em grupo, tocar o ou a colega com respeito, informar-se sobre o corpo, desde a anatomia até questões subjetivas, e reconhecer e respeitar a existência de diferentes formas de lidar com o corpo e a sexualidade.

v. Trabalho e Consumo

Neste tópico são discutidas as relações sociais de produção de serviços e produtos, o quanto esse produto vale, e o papel das pessoas que contrata tais serviços e compra os referidos produtos. Contudo não se limita a isso.

Aqui existe uma forte preocupação com os direitos e deveres dos trabalhadores e consumidores, qual seria a postura individual, social e política dos cidadãos frente às situações inseridas nesse tema. Para os PCNs (BRASIL, 1998b), existem alguns pressupostos que devem ser considerados ao abordar o trabalho e o consumo: “em todo produto ou serviço consumido existe trabalho social; este trabalho é realizado segundo determinadas relações de trabalho que não são naturais e sim construídas historicamente, sendo, portanto, passíveis de crítica, intervenção e transformação.”

Fica clara a preocupação de afirmar a sociedade como mantenedora ou transformadora da situação em que se encontram as relações de trabalho e consumo. A participação ativa de cada cidadão é fundamental para que esse processo seja justo e honesto.

Essa discussão levada à escola tem o objetivo de explicitar as relações sociais produtoras dos desejos e necessidades, assim como os produtos e serviços criados para satisfazê-los. A melhor distribuição de renda, por meio de uma auto-imagem positiva e uma postura crítica dos cidadãos que compreendem a própria realidade, é o produto final dessa abordagem (BRASIL, 1998b).

É necessário lembrar que devemos levar em conta o contexto brasileiro de desigualdade social, o que é bem lembrado pelo documento.

A Educação Física escolar possui um ambiente riquíssimo para trabalhar quando se aborda tal tema. Alguns exemplos são esclarecedores da imensa possibilidade de aproximação com a área: o espetáculo esportivo, especialmente o futebol no Brasil, e aproveita-se para comparar o sucesso desse com o das demais modalidades; o mercado da saúde; o da estética; a moda e grifes das atividades físicas; a utilização da imagem de atletas na mídia; a construção de ídolos no esporte; a valorização do profissional de Educação Física no mercado de trabalho, entre outros.

Quanto aos artigos analisados, algumas das referências encontradas falam sobre mídia e o espetáculo esportivo, e que o olhar sobre esse fenômeno deve ser crítico e contextualizado, entretanto não foram encontrados valores diretamente relacionados ao tema.

Mesmo desse modo, dois valores encontrados podem ser aproximados do tema transversal trabalho e consumo: a voluntariedade e a estética.

Referindo-se à obra de Huizinga, Knijnik (2001) traz a voluntariedade como a característica do jogo que não permite a intenção de qualquer lucro ou interesse material, é a entrega à atividade gratuitamente para uma satisfação subjetiva.

Por meio do jogo seria possível a sensação de ser recompensado (com sentimentos e emoções) por uma atividade realizada de maneira voluntária. Construir esse valor de voluntariedade pode levar a realização de trabalhos baseados nesse mesmo princípio. O trabalho voluntário possui o potencial de ajudar a sustentabilidade e desenvolvimento de comunidades, e pode ser ensinado a partir do jogo nas aulas de Educação Física, já que a voluntariedade é uma característica desse último.

O outro valor é a estética, que é considerada por Garcia & Lemos (2003) a reflexão sobre a beleza, e o belo seria um valor por estar na esfera emocional do homem. Segundo esses autores, é inevitável a presença desse valor na cultura corporal de movimento, uma vez que os corpos seguem um padrão de beleza da atualidade e há a beleza do espetáculo dos esportes. Continuando com o raciocínio deles, as novas modalidades de exercício físico que surgiram para proporcionar esse padrão de corpo belo, tanto podem expressar valores não apreciáveis em nossa sociedade, como o consumismo, a superficialidade e a banalidade, quanto expressar valores considerados superiores, como a estética e a beleza.

A necessidade de repensarmos esses valores, desde a voluntariedade até a estética, e de construirmos hábitos de cultivos desses valores é fundamental para superarmos a onda de valores neoliberais citados no parágrafo acima, como o consumismo.

Trabalho e consumo pode ser considerado um tema que a Educação Física tem discutido dentro do seu objeto de estudo, apesar de aparecer em somente 4 artigos, principalmente a partir do ponto de vista dos jogos e do corpo.

Os valores identificados dentro desta revisão para o tema trabalho e consumo foram a voluntariedade e a estética. Esses estão relacionados a atitudes como realização de tarefas simplesmente pelo prazer e satisfação proporcionados, e como apreciar o belo dentro dos espetáculos esportivos.

vi. Ética

O último tema transversal abordado nesta pesquisa é justamente pelo qual os PCNs (BRASIL, 1998b) iniciam a apresentação dos temas transversais. A ética permeia todos os demais temas e por esse motivo foi deixada para o final. Com a discussão sobre ética espera-se abranger os valores que foram apresentados nos textos analisados, mas que não se aproximavam dos outros temas. Contudo, é necessário reforçar que todas as discussões apresentadas até o presente momento dizem respeito a este tema transversal.

O foco da discussão, para os PCNs (BRASIL, 1998b), são os valores, que são criados pelos seres humanos e modificam-se conforme se modificam as sociedades e as pessoas que as compõem. Nesse ponto, os aspectos sobre o conceito de valor apresentados pelo documento corroboram com os adotados neste artigo.

Seguindo a apresentação do tema, os PCNs (BRASIL, 1998b) diferenciam os significados de ética e moral, atribuindo à moral o conjunto de princípios, crenças e regras norteadoras dos comportamentos das pessoas nas diversas sociedades, e à ética a reflexão crítica sobre a moral.

A concepção de ética e moral incorporada nesta pesquisa é diferente da adotada pelo documento nacional. Aqui, concordamos com a significação de La Taille (2006), que afirma que a reflexão ética cabe a resposta à pergunta “que vida quero viver?”, enquanto à reflexão moral cabe a resposta à “como devo agir?”. Para atingirmos as respostas, devemos nos basear no que o autor chama de plano ético e plano moral.

Resumidamente, o plano ético é definido por meio de quatro passos que auxiliam as pessoas a atingirem a felicidade: saber que “a vida boa” é consequência de experiências subjetivas; que a felicidade transcende o momento de prazer; dar um sentido para a própria vida; o último passo é enxergar a si mesmo como pessoa de valor, por meio da expansão de si.

Por sua vez, o plano moral está ligado ao sentimento de obrigatoriedade. Mas esse sentimento não está somente em cumprir o dever por imposição social. O agir por dever precisa estar relacionado ao fazer o bem.

Faz-se necessário esclarecer que a análise será realizada a partir dos objetivos apresentados pelos PCNs (BRASIL, 1998b), todavia quando utilizamos as palavras moral e ética o fazemos com os significados baseados em La Taille (2006). Logo, poderíamos dizer que o tema transversal chamado de ética, também poderia ser chamado de moral e ética.

Os objetivos do tema transversal ética são:

- “reconhecer a presença dos princípios que fundamentam normas e leis no contexto social;
- refletir criticamente sobre as normas morais, buscando sua legitimidade na realização do bem comum;
- compreender a vida escolar como participação no espaço público, utilizando os conhecimentos adquiridos na construção de uma sociedade justa e democrática;
- assumir posições segundo seu próprio juízo de valor, considerando diferentes pontos de vista e aspectos de cada situação;
- construir uma imagem positiva de si, de respeito próprio e reconhecimento de sua capacidade de escolher e de realizar seu projeto de vida;
- compreender o conceito de justiça baseado na equidade, e empenhar-se em ações solidárias e cooperativas;
- adotar atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, repudiando as injustiças e discriminações;
- valorizar e empregar o diálogo como forma de esclarecer conflitos e tomar decisões coletivas.” (BRASIL, 1998b, p. 91).

Por sua vez, os conteúdos para o tema, apontados pelo documento, são: o respeito mútuo, a justiça, a solidariedade e o diálogo.

Mais uma vez, antes de apresentar os valores encontrados nos artigos, é necessário reforçar que tudo o que foi discutido até então, e todos os valores encontrados fazem parte do tema transversal ética. Seja essa entendida conforme a conceituação dos PCNs ou conforme a incorporada por esta pesquisa, com referencial em La Taille (2006). Consideramos então, que todas as análises dentro de cada tema transversal também caberiam aqui. Entretanto, reservamos para esta parte os valores que não apareceram nas discussões anteriores. Solidariedade é um exemplo de valor, discutido no tema pluralidade cultural, que caberia perfeitamente no tema em questão.

Começamos pela alteridade, valor que apareceu em alguns dos trabalhos, e recebeu um tratamento especial em dois.

No primeiro, Oliveira (2006) destaca a alteridade como possibilidade de superação de desigualdades e preconceitos na Educação Física escolar. Em sua pesquisa, o autor reflete sobre a atitude dos meninos, e utiliza o drible do futebol como metáfora. O drible era uma característica marcante no futebol praticado por esses meninos durante as aulas, da mesma maneira eles conseguiram “driblar” a professora, as meninas, o conteúdo voleibol – que seria trabalhado no semestre em questão – e tudo o que os impediriam de praticar o futebol. Com

essas atitudes, eles acabaram por driblar a possibilidade de trocar com diferentes, que seriam os outros alunos e alunas da turma. Todavia, não conseguiram driblar os preconceitos e as desigualdades.

Com vista em superar esses problemas, surge a alteridade como meio de valorização da comunicação com o outro e do diálogo. O autor utiliza uma citação de Gusmão, que afirma que “a alteridade revela-se no fato de que o que eu sou e que o outro é não se faz de modo linear e único, porém constitui um jogo de imagens múltiplo e diverso. Saber o que eu sou e o que o outro é depende de quem eu sou, do que acredito que sou, com quem vivo e por quê. Depende também das considerações que o outro tem sobre isso, a respeito de si mesmo, pois é nesse processo que cada um se faz pessoa e sujeito, membro de um grupo, uma cultura e sociedade. Depende também do lugar a partir do qual nós nos olhamos. Trata-se de processos decorrentes de contextos culturais que nos formam e informam, deles resultando nossa compreensão de mundo e nossas práticas frente ao igual e ao diferente.” (OLIVEIRA, 2006, p. 305)

Betti (1999) é outro autor que coloca a alteridade em destaque. Ela é um dos três princípios – os outros são: inclusão; e formação e informação plenas – com os quais o autor estabelece relações entre a Educação Física e a cidadania. O princípio da alteridade é baseado na necessidade de considerar o outro numa relação de totalidade, como um sujeito humano. A *relação* do indivíduo com a natureza e com os outros seres humanos é valorizada. Apoiando-se nesse referencial, Betti (1999) analisa a relação professor-aluno, e conclui que para o professor é preciso gostar do aluno, respeitá-lo, ouvi-lo e conhecê-lo como ser humano pleno. O autor considera a alteridade como a relação entre o si e o diverso de si, sendo o outro constitutivo de si mesmo – o professor em função do aluno e vice-versa.

A alteridade aparece como um valor importante a ser considerada pela Educação Física – pela Educação de forma geral – como promotor de atitudes de diálogo, comunicação e respeito para com o outro. É a valorização da percepção do outro como essencial para a formação do *eu*.

Outro grupo de valores que apareceu refere-se a atividades em grupo com o objetivo de promover bons sentimentos e sensações e, em outros momentos, compartilhar idéias e opiniões. A socialização, confraternização e celebração apareceram como algo a ser valorizado. Ora em eventos, ora em aula, essas foram palavras que surgiram para designar o objetivo a ser alcançado.

Toigo (2007) utilizou como referencial os PCNs (BRASIL, 1998a) e uma estratégia de ensino denominada TARGET para verificar as possibilidades de aumentar a participação dos

alunos nas aulas de Educação Física, tendo como objetivo maior o engajamento de crianças e adolescentes a atividades físicas. Segundo a autora, só é possível atingir tais objetivos quando há um ambiente favorável à aprendizagem que enfatize a socialização de todos os envolvidos – professores e alunos, uma vez que ela considera as habilidades sociais importantes mediadoras na otimização do desenvolvimento individual.

Outros autores que colocam a socialização como fundamental são Sborquia & Gallardo (2002), em artigo que discutem a dança e suas diferentes manifestações apresentadas pela mídia e a cultura e o posicionamento crítico que a escola deveria ter frente a essas manifestações. Considera-se que uma melhor socialização deve ser alcançada por meio de um comportamento racional e autônomo e de discussões e avaliações sobre diferentes soluções para os problemas, algo a ser trabalhado em uma escola que tem como fim preparar o indivíduo para a vida.

Correia (2006) utiliza como exemplo de paradigma diferente do competitivo para os jogos, os praticados pelos índios. Para o povo indígena o importante é celebrar, enquanto na tradição esportiva o que importa é competir. A celebração nos jogos desses povos são manifestações da alegria e do amor que eles possuem pela vida e pela natureza. O interessante é que mesmo sendo um jogo que foi criado com o objetivo de um dos participantes ganhar, como o futebol, ele só acaba quando o jogo está empatado. A celebração enquanto valor, assim como a socialização e a confraternização, coloca em foco a participação e o cultivo de momentos felizes durante a realização dos jogos.

A ludicidade é mais uma característica a ser considerada como valor de acordo com a interpretação do material encontrado na análise. Em todos a referência à ludicidade (lúdico, brincar etc) se deu relacionada à alguma atividade física, como um jogo, uma dança, ou um exercício qualquer. Pode-se considerar trabalhar a ludicidade como valor e uma das responsabilidades da Educação Física. Não que não exista ludicidade sem movimento, mas na maioria das manifestações da cultura corporal pode-se enfatizar o divertimento e a brincadeira, valorizando o lúdico.

Dentre os autores que a citaram, Santos & Figueiredo (2002) afirmaram, ao defender a presença do conteúdo dança no contexto escolar, que os processos pedagógicos devem ser priorizados e pautados em valores como a humanização, a inclusão, a ludicidade, os princípios artísticos e as diversas estéticas. Em especial, as autoras consideram que a dança permite que as crianças conheçam o mundo por meio da *brincadeira* além de inventar novas formas de conceber a realidade.

Um dado curioso foi a presença do valor ludicidade, representado em um de seus aspectos – brincar, alegria, prazer, divertimento etc – , em 24 dos 51 artigos analisados. Praticamente metade dos artigos trataram desse tema em algum momento, mostrando a importância desse para a Educação Física e reforçando a atenção a ser dada pela área.

Outro grupo de valores ainda não abordados, e muito próximos da concepção de ética proposta por La Taille (2006), é composto pelo amor, amizade, altruísmo, empatia e afetividade. Esses são valores mais gerais, mas que se mostraram presentes nas discussões da área.

Santos (2002) afirma baseado em entrevistas que realizou com docentes especialistas – tanto de universidades, quanto de escolas – que a Educação Física, por meio do movimento corporal, deve oportunizar atividades físicas lúdicas que estruturam a cognição, a *afetividade* e a motricidade dos praticantes. Percebemos em uma única afirmação a presença das três dimensões dos conteúdos colocadas pelos PCNs (BRASIL, 1998a), “consecutivamente”: conceitual, atitudinal e procedimental. Consecutivamente entre aspas porque as dimensões estão presentes nas três características colocadas, entretanto pode-se afirmar que em cada uma há um destaque diferente.

Berleze et al. (2002) apresentou, na revisão bibliográfica, a amizade como um dos motivos que levam meninos e meninas à participação nas aulas de Educação Física. Pelo menos dois artigos revisados pelos autores apresentaram essa constatação. Se amizade proporcionada pelo ambiente de aula dessa disciplina motiva os alunos, é necessário que percebamos maneiras de valorizá-la e tornar o ambiente ainda mais rico para o cultivo das amizades.

Em artigo também sobre a motivação, dessa vez focada na relação entre professor e alunos, Martins Júnior (2000) destaca como as principais influências dos professores, a necessidade que os alunos têm de *amor*, amizade e compreensão. Se pensarmos no tempo que professor e aluno passam juntos, no decorrer de toda a infância e/ ou adolescência, não é demais considerarmos o amor e a afetividade do professor pelo aluno e vice-versa, numa relação que gera atitudes de respeito e carinho.

Os valores identificados classificados no tema transversal ética foram a alteridade; a socialização, seguida pela celebração e confraternização; a ludicidade; e o amor, a amizade, o altruísmo, a empatia e a afetividade.

Dentre esses a ludicidade é a que mais se aproxima da especificidade da Educação Física, uma vez que é um caráter inerente à natureza dos jogos, danças e outras manifestações da cultura corporal de movimento. As atitudes que expressam esse valor são as práticas que

envolvem movimentos fundamentadas no prazer e satisfação, próximas da que expressam a voluntariedade.

Os demais valores encontrados são gerais, contudo podem ser expressos em danças, jogos, nos esportes, nas lutas, e dessa forma seria possível a aproximação com a Educação Física.

De maneira geral, os valores e atitudes se aproximam mais dos temas transversais pluralidade cultural, saúde e ética, sendo que poucos discutem valores e atitudes relacionados ao meio-ambiente, orientação sexual e trabalho e consumo. Em seguida, a tabela 2 oferece um panorama geral da quantidade de artigos relacionados a cada tema; e a tabela 3 mostra todos os valores encontrados nos artigos analisados, categorizados nos temas transversais.

Tabela 2 – Quantidade de artigos relacionados a cada tema transversal

Tema transversal	Pluralidade Cultural	Meio Ambiente	Saúde	Orientação Sexual	Trabalho e Consumo	Ética
Quantidade de artigos	26	1	18	6	4	24

Tabela 3 – Valores categorizados nos Temas Transversais

VALORES CATEGORIZADOS POR TEMA TRANSVERSAL (BASEADO NA AMOSTRA DE PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: 1998 a 2007)					
PLURALIDADE CULTURAL	MEIO-AMBIENTE	SAÚDE	ORIENTAÇÃO SEXUAL	TRABALHO E CONSUMO	ÉTICA
<ul style="list-style-type: none"> • Solidariedade • Diversidade cultural • Individualidade e • Alteridade • Inclusão • Integração 	<ul style="list-style-type: none"> • O próprio Meio-ambiente (nas atitudes de respeitar, conhecer e interagir com o meio) 	<ul style="list-style-type: none"> • Saúde • Qualidade de vida • Exercício físico 	<ul style="list-style-type: none"> • Co-educação • Corporeidade • Conhecimento sobre o corpo 	<ul style="list-style-type: none"> • Voluntariedade • estética 	<ul style="list-style-type: none"> • Alteridade • Socialização; Celebração; Confraternização. • Ludicidade • Amor; Amizade; Altruísmo; Empatia; Afetividade.

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa possuiu um caráter qualitativo e descritivo, com o objetivo de identificar quais valores e atitudes são tratados pelos professores atualmente na Educação Física escolar, e como são trabalhados. As discussões foram baseadas em informações levantadas basicamente via duas fontes: observação das aulas de professores de Educação Física na escola e entrevistas realizadas com os mesmos.

O desenvolvimento da pesquisa pode ser descrito em três fases: seleção dos professores observados; observação e entrevista intensiva nas aulas desses professores; análise dos dados obtidos via observação e entrevista, relacionando-a com a análise dos artigos de periódicos científicos da área de Educação Física realizada também nesta pesquisa.

4.1 Seleção dos professores

A intenção da pesquisa foi observar o trabalho de dois professores que estivessem comprometidos com sua prática pedagógica e profissional, visando garantir que as aulas fossem de boa qualidade.

Para tanto, foram estabelecidos alguns critérios:

- o professor deveria atuar em uma instituição pública de ensino;
- atuar no ensino fundamental;
- ter cursado ou estivesse cursando pós-graduação, uma disciplina como aluno especial, ou participado de eventos científicos no ano em que ocorreria a observação, mostrando que o professor estava comprometido com sua formação continuada.

Fatores determinantes para a seleção dos professores foram: a localização da escola, devido à disponibilidade do pesquisador em se deslocar até o local; e o horário das aulas, para que não houvesse choques entre as atividades desenvolvidas pelo pesquisador. Para tanto, foi elaborada uma tabela com professores que preenchiam os critérios. A tabela continha o nome do professor, o local da escola, os horários das aulas e as séries (anos) das turmas.

Isso foi importante para a organização dos horários e seleção das turmas que seriam analisadas. Optou-se por turmas que estivessem no mesmo ano em relação à seriação, uma vez que os conteúdos e o nível de desenvolvimento, teoricamente, seriam mais próximos.

O contato com os professores foi realizado pessoalmente, nas escolas ou em locais combinados, e via telefone. Foram contatados seis professores que preenchiam os critérios, e selecionados dois devido à combinação de disponibilidade de horários e locais dos professores e do pesquisador. Também foi necessário que a participação do professor contasse com seu consentimento livre e esclarecido.

Para divulgação da pesquisa, os professores foram tratados por nomes fictícios, para respeitar a identidade e o trabalho de ambos. Segue algumas características dos professores:

Professor Ronaldo

Idade: 43 anos.

Tempo de profissão: 15 anos.

Tempo como professor da rede estadual: 15 anos.

Local onde realizou a graduação: Escola de Educação Física de São Carlos (em processo de incorporação à Universidade Federal de São Carlos durante a graduação de Ronaldo).

Titulação na ocasião da observação: Licenciado em Educação Física / mestrando.

Local onde realizou (estava realizando) a pós-graduação: Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Rio Claro.

Cidade onde se localiza a escola: Rio Claro – SP.

Turma observada: 7ª série (ou oitavo ano).

Professor Rogério

Idade: 27 anos.

Tempo de profissão: 4 anos.

Tempo como professor da rede estadual: 4 anos.

Local onde realizou a graduação: Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Rio Claro.

Titulação na ocasião da observação: Licenciado em Educação Física / mestrando

Local onde realizou (estava realizando) a pós-graduação: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Cidade onde se localiza a escola: Limeira – SP.

Turma observada: 7ª série (ou oitavo ano).

Após a seleção, foram iniciadas a observação e as entrevistas com os professores, em aulas ministradas para turmas de oitavo ano do Ensino Fundamental (tratadas pela escola por sétima série).

4.2 observação das aulas e entrevista intensiva

A observação foi realizada no período do último bimestre do ano de 2008, correspondendo aos meses de outubro, novembro e dezembro. Foram observadas seis aulas do professor Ronaldo e cinco aulas do professor Rogério.

Todas as aulas eram aulas-dupla, ou seja, duas aulas em seguida, ou com o intervalo da escola entre elas. As aulas do professor Rogério eram às quartas-feiras à tarde, e de Ronaldo às quintas-feiras à tarde.

Seriam oito aulas observadas do professor Ronaldo, entretanto a aula do dia vinte de novembro não aconteceu por ser feriado, e a aula do dia do dia vinte e sete de novembro porque os alunos estavam participando do SARESP, sendo observadas seis aulas desse professor. Seriam seis aulas do professor Rogério, mas ele não ministrou a aula do dia dezoito de novembro, sendo observadas cinco aulas ministradas por ele.

As observações foram pautadas em duas características principais: a observação participante e a entrevista intensiva. Essas técnicas auxiliam o pesquisador que tem como objetivo coletar dados sobre valores, hábitos, crenças, práticas e comportamentos de um grupo social (ANDRÉ, 1995).

Ainda segundo André (1995), a observação é participante porque o pesquisador mantém um grau de interação com a situação; e a entrevista tem por objetivo aprofundar e esclarecer os problemas observados.

Também foram considerados os seguintes preceitos: o pesquisador é o instrumento principal, tanto na coleta quanto na análise dos dados, e por tal motivo, se julgar necessário, pode rever todas as características da pesquisa durante o decorrer desta; a ênfase é colocada no processo, nos acontecimentos, e não nos resultados finais; a busca por retratar a visão pessoal dos participantes da pesquisa; envolve trabalho de campo, sem pretensões de mudar o ambiente pesquisado; o período de tempo pode variar, dependendo dos objetivos do trabalho; há muitos dados descritivos (situações, pessoas, depoimentos, diálogos etc); e buscam a formulação de hipóteses, conceitos, teorias, abstrações, e não testar se essas são verdadeiras (ANDRÉ, 1995).

As observações e as entrevistas foram anotadas em um diário de campo. A observação consistiu na descrição dos fatos observados, desde situações até diálogos ocorridos em aula. Por sua vez, as entrevistas ocorriam no decorrer das aulas, no intervalo entre essas ou logo após o seu término. O objetivo de tais entrevistas foi esclarecer os acontecimentos das aulas e buscar informações que contextualizassem as turmas observadas.

A análise de artigos da produção científica da Educação Física que tivessem em seu conteúdo discussões sobre valores e atitudes no contexto da escola foi fundamental para preparar o pesquisador para a observação, aumentando o leque de valores e atitudes aos quais deveria estar atento. Durante a observação houve o contato do pesquisador com outros documentos, como trabalhos realizados pelos alunos durante a observação, e com o caderno do Estado que servia como parte do planejamento do professor Ronaldo.

É necessário reconhecer que o período de observação foi curto, restringindo-se aos conteúdos de apenas um bimestre. Contudo, o fato de serem dois professores observados diversificou as situações, relacionamentos e diálogos observados.

4.3 Análise dos dados obtidos

A análise dos dados foi baseada em três fontes: a descrição da observação das aulas dos dois professores; as anotações das entrevistas realizadas com os professores; e a análise dos artigos científicos, contida no capítulo 3.2 desta pesquisa.

Assim como sugere a pesquisa qualitativa, os dados foram categorizados com o intuito de aprofundar as discussões. A categorização seguiu o mesmo critério da análise dos artigos científicos, com o objetivo de relacionar diretamente os dados contidos na análise e na descrição da observação e das entrevistas.

As categorias corresponderam ao temas transversais apresentados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998b):

- Pluralidade Cultural
- Meio Ambiente
- Saúde
- Orientação Sexual
- Trabalho e Consumo
- Ética

A opção por tais categorias se deu por tratarem de questões sociais que envolvem valores e atitudes, e por serem temas apresentados por um documento de abrangência nacional.

Antes de iniciar a análise, é necessário esclarecer que os valores e atitudes poderiam ser categorizados de diversas maneiras, uma vez que eles se inter-relacionam e são compatíveis com várias categorias, mesmo dentro desta pesquisa. O que se buscou foi tornar a análise o mais clara possível, sem a intenção de restringir o significado de um valor ou atitude.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na discussão é realizada uma análise comparativa entre os dados expostos na revisão de literatura, os encontrados na observação do cotidiano do trabalho dos professores de Educação Física sujeitos da pesquisa, e os obtidos por meio das entrevistas realizadas durante as observações.

É importante enfatizar que a discussão não buscou comparar a prática pedagógica dos dois professores, pois esse não é o objetivo da pesquisa.

Deve ser ressaltado, desde já, que a observação das aulas dos professores limitou-se ao quarto bimestre do ano letivo, e uma turma por professor. Dessa maneira, as discussões que seguem são baseadas no período observado, o que significa que os valores e atitudes tratados no restante do ano podem não aparecer nesta pesquisa. Reconhece-se mais uma vez que esse é um fator limitante, entretanto a observação foi valiosa no sentido de levantar dados sobre situações reais no contexto de uma aula de Educação Física.

A seguir, encontra-se a categorização baseada nos temas transversais apresentados pelos PCNs (BRASIL, 1998b). Em cada tema, buscou-se identificar os valores e atitudes tratadas pelos professores, relacionando-os com os encontrados na revisão de literatura, bem como identificar os métodos utilizados para tal.

5.1 Pluralidade Cultural

A primeira categoria traz valores e atitudes relacionadas ao reconhecimento da diversidade cultural, e à inclusão das pessoas aos meios sociais.

A pluralidade cultural é, de maneira simplificada, o tema transversal que aborda o reconhecimento da diversidade de culturas, etnias e características físicas do povo brasileiro. Entretanto, é um tema que vai além e também abrange as desigualdades socioeconômicas e as relações discriminatórias e preconceituosas, com o objetivo de levar o reconhecimento, ao povo brasileiro, de que seu país apresenta diversas facetas culturais e étnicas, e relações complexas entre tais facetas (BRASIL, 1998b).

Tomando como base a análise de artigos realizada no capítulo três desta dissertação, o esperado sobre a análise das aulas de Educação Física observadas seria encontrar valores e atitudes baseados na solidariedade, na diversidade cultural (pluralidade cultural) – na qual está inclusa a superação dos preconceitos -, na inclusão e na integração durante o trabalho dos professores.

A solidariedade foi um valor de certo destaque entre os artigos analisados. Correia (2006) afirma que a solidariedade é um valor que está ganhando força em diversos setores da sociedade, e Guimarães et al. (2001) sugerem que o professor de Educação Física deve formar atitudes de solidariedade entre seus alunos, explorando as possibilidades da cultura corporal. Entretanto, esse foi um valor que não esteve presente nas aulas dos professores observados.

Apesar de não aparecer em discussões ou situações provocadas em aula e no planejamento dos professores, a solidariedade esteve presente em atitudes de alunos em momentos extra-aula criados pelos professores.

Um dos casos foi a finalização da construção da quadra nova da escola. Mesmo após entregue pela construtora, era necessário realizar alguns serviços.

Em entrevista, enquanto o professor Ronaldo era ajudado por alunos (de outra turma) a lavar a quadra coberta, ele contou que alguns alunos o ajudaram a pintar a quadra, os muros a sua volta, retirar alguns entulhos e terminar a reforma da sala de materiais de Educação Física. Também afirmou que apesar de que alguns alunos não fossem bons em estudar, realizavam serviços e auxiliavam em metas coletivas muito bem.

O professor Ronaldo abriu espaço para a participação dos alunos, e alguns desses se uniram à causa de terem um espaço melhor para a aula de Educação Física, e ajudaram na melhoria desse espaço. Ou seja, os alunos se responsabilizaram mutuamente por aquelas tarefas, o que demonstra solidariedade.

Outro caso foi a participação de alunos da oitava série na arbitragem do torneio interclasses das sétimas séries, durante as aulas observadas do professor Rogério. Também se pode afirmar que a participação dos alunos da comissão de organização foi solidária, considerando que em ambas as situações os alunos trabalharam em prol do interesse comum, que era a realização do torneio.

Contudo, em nenhuma das ocasiões foram observadas conversas com os alunos sobre a importância daquelas atitudes, pelo menos no decorrer das aulas. É provável que essa conversa tenha ocorrido diretamente com os alunos, que eram de outras turmas, que ajudaram nas tarefas tanto da reforma da quadra, quanto da arbitragem do torneio.

É necessário considerar que uma conversa com a turma sobre as atitudes desses outros alunos para melhoria do ambiente de aula, e sobre a importância do trabalho da comissão de organização para que o torneio interclasses se concretizasse, seria muito importante para esclarecer o conceito de solidariedade e reforço de atitudes positivas.

Dentro do período observado não foram constatados situações ou temas planejados que abordassem a diversidade cultural (a superação de preconceitos) ou a integração.

Apesar de não aparecerem intervenções nesse sentido, situações-problema como os observados no artigo de Oliveira (2006) apareceram, coincidentemente durante a prática do futebol. A escolha das equipes durante a prática das meninas foi realizada da maneira “tradicional”, na qual três delas se revezavam em escolher uma integrante para sua equipe, uma de cada vez, sempre sobrando algumas para o final. O problema foi a não compreensão do próximo como alguém diferente, e sim como alguém superior ou inferior. Um preconceito que leva em consideração o nível de habilidade no jogo e a amizade entre as participantes. Não houve intervenção do professor Ronaldo no sentido de discutir o ocorrido ou mudar a forma de seleção das equipes.

Outro valor que apareceu tanto na análise dos artigos quanto na prática dos professores foi a inclusão. A maioria dos artigos trouxe apenas a inclusão de pessoas com necessidade especiais às aulas de Educação Física, contudo, não havia nenhum aluno nessas condições nas turmas observadas. A inclusão é considerada de modo mais amplo por esta pesquisa, e apareceu tanto em momentos não planejados durante as aulas, quanto no planejamento do professor Rogério.

Em um dos artigos, Betti (1999) defendeu o princípio da inclusão como a participação plena dos alunos nas aulas de Educação Física, não importando se são meninas, meninos, altos, baixos, gordinhos ou magrinhos. Essa inclusão sugerida pelo autor não se limita a pessoas com necessidades especiais. Ela também inclui os menos habilidosos, os mais lentos,

os que possuem dificuldades com a coordenação motora, os mais gordinhos, os meninos nas brincadeiras das meninas e também as meninas nas brincadeiras dos meninos, que são problemas freqüentes nas aulas da disciplina. Nesse sentido amplo da palavra inclusão, os professores tiveram diversas atitudes na tentativa de incluir todos da turma em suas aulas.

Uma das maneiras com as quais o professor Ronaldo tentou incluir a todos foi expondo que gostaria que todos praticassem futebol na aula, independente da habilidade. O professor Rogério teve a atitude de solicitar aos alunos que escrevessem uma redação sobre como deveria ser o campeonato interclasses ideal. O resultado disso foi a participação de todos desde o processo de dar opiniões por meio das redações, passando pela votação sobre quais características o campeonato realmente deveria ter – da qual todos participaram –, e finalizando com a participação de quase todos os alunos, seja jogando, organizando, preparando a torcida, torcendo, criando nome e cartaz para representar a turma, ou fazendo a divulgação dos acontecimentos do campeonato por meio da “imprensa”.

Outro fato muito interessante em relação à redação, foi a presença em grande parte dos textos da participação de todos no campeonato e da premiação para todos, perdendo em quantidade apenas para a existência de torcida. Tal fato mostra a preocupação com a inclusão por parte dos alunos, mesmo que esta palavra não tenha sido utilizada. A presença dessas opiniões compartilhadas em um mesmo grupo de alunos provavelmente reflete o trabalho do professor anterior àquele momento.

A própria ação do professor ao promover um evento, o campeonato interclasses, com a “cara” dos alunos, ou seja, da maneira como os alunos imaginavam ou até sonhavam em participar, é uma atitude de inclusão dos alunos às próprias atividades e eventos da escola, e um exemplo de comportamento a ser seguido.

A presença da integração no trabalho dos professores se deu justamente na participação dos alunos na criação da composição das aulas ou dos eventos realizados. Em diversos momentos os professores solicitavam para que os alunos propusessem desafios. Por exemplo, na aula do professor Ronaldo um grupo propunha uma tarefa a ser realizada por eles mesmos e o outro grupo. Na seqüência, foi a vez do outro grupo propor a tarefa, e assim consecutivamente. Nas aulas do professor Rogério, a integração dos alunos na turma se deu na participação de todos na formulação e organização do campeonato interclasses. Todos pareceram se sentir integrantes do evento, desde a criação até a sua conclusão.

A intenção dos professores de incluir todos os alunos nas aulas de Educação Física corrobora com os resultados da pesquisa realizada por Darido (2003), – não incluída nos artigos da análise, pois se trata de um livro – cuja observação da prática dos professores se

deu no ano de 1996. A autora notou que os sete professores que participavam da pesquisa procuravam superar a exclusão, o que ocorria com certa frequência. A justificativa apresentada pela autora consistiu em os professores não colocarem como objetivo da disciplina o melhor desempenho esportivo ou rendimento motor. Segundo a autora, essa era uma das causas mais frequentes de exclusão dos menos habilidosos nas aulas de Educação Física. No caso desta pesquisa, tanto Ronaldo quanto Rogério buscaram incluir todos os alunos em suas aulas, e não colocavam o desempenho esportivo ou o rendimento motor como objetivo. Os conteúdos tratados foram adequados, nas aulas de ambos os professores, para que incluíssem todos os alunos, fossem eles meninos ou meninas, gordinhos ou magrinhos, habilidosos ou não habilidosos.

Comentando especificamente sobre o campeonato, o professor pareceu atender às sugestões de Barbieri (1999), quando o autor propõe ser fundamental na organização de eventos do esporte educacional (o autor se referia a grandes eventos entre escolas, até em proporções nacionais) a participação dos alunos, além dos professores, árbitros, dirigentes e de existirem momentos de confraternização extra-jogos.

Outro tema que apareceu nas aulas foi a religiosidade. Entretanto, esse tema só apareceu durante a observação das aulas, e não na análise dos artigos científicos. É interessante destacar que tais manifestações surgiram tanto espontaneamente nos alunos (nas aulas dos dois professores), quanto por parte dos costumes de uma das escolas (do professor Rogério, onde se realizava uma oração coletiva do Pai Nosso todos os dias depois da volta do intervalo de aula). Na turma do professor Rogério, as manifestações dos alunos surgiram em momentos de oração antes e depois dos jogos do campeonato. Na aula do Ronaldo, a religiosidade esteve presente quando um aluno foi questionado pelo professor sobre o que era falado antes das competições de atletismo que eles disputavam. Apesar de estar presente no cotidiano das escolas, não foi presenciada nenhuma discussão em relação à religiosidade dentro do período observado.

De maneira geral, muitas situações que envolveram o tema Pluralidade Cultural apareceram durante as aulas observadas, tanto no surgimento de situações-problema, quanto em atividades planejadas pelos professores. As situações-problema ocorridas estavam relacionadas à exclusão de menos habilidosos (preconceito), tanto em jogos de futebol quanto em jogos de voleibol sentado (no campeonato). Os professores não entrevistaram nesses momentos, mas fica a sugestão de que esses são ricos em oportunidade para a discussão e conscientização dos alunos e alunas. A inclusão e a integração foram valores que apareceram

em forma de atitudes de participação de todos em atividades planejadas pelos professores, os quais ressaltaram a importância de que todos se envolvessem nas aulas.

Os valores relativos à solidariedade, à inclusão e integração foram promovidos pelos professores, que em alguns casos os demonstraram em seus comportamentos, e como resultado alguns alunos demonstraram atitudes recíprocas e equivalentes a essas dos professores.

5.2 Meio Ambiente

O tema transversal meio ambiente considera o próprio meio como um patrimônio básico para a vida humana, e propõe uma mudança nas atitudes das pessoas na interação com o ambiente (BRASIL, 1998b).

De acordo com a pesquisa realizada com os artigos no capítulo dois desta dissertação, o meio ambiente é o valor principal quando se discute esse tema. O que o único artigo encontrado traz são possibilidades sobre como trabalhar com esse tema, apontando para a ginástica natural e os esportes de aventura como possibilidades (IMPOLCETTO et al., 2007).

A ginástica natural seria importante por envolver princípios ligados à natureza e à concepção de que o ser humano é parte integrante dessa. Por sua vez, os esportes de aventura promovem a interação entre o ser humano e ambientes naturais, pois são praticados no ar, na terra ou na água. Tal proximidade pode ser enriquecida por um trabalho de conscientização sobre a importância do meio ambiente (IMPOLCETTO et al., 2007).

Durante a observação, apesar de apenas um artigo dentre os pesquisados trazer o meio ambiente relacionado à Educação Física escolar, o que tornaria possível que a presença desse fosse nula dentro das aulas, o tema foi abordado na aula dos professores, sobretudo durante as aulas de Ronaldo. Entretanto, nos artigos a presença do tema transversal se deu mais próxima aos ambientes naturais, enquanto que na aula do professor, ela aconteceu na forma de cuidados com o meio ambiente utilizados pelos alunos, ou seja, a escola.

O professor Ronaldo teve o costume de solicitar aos alunos que recolhessem papéis jogados no chão antes de começar a aula. Quando a sala estava “suja”, e isso aconteceu três vezes, o professor pedia que os alunos recolhessem os papéis do chão e os jogassem no lixo. O professor não só solicitava que os alunos limpassem a sala, mas ele próprio ajudava na limpeza.

O professor afirmava que era importante manter o ambiente limpo. E perguntava aos alunos se depois de limpo, não estava melhor. Em uma de suas aulas, na qual ele explicava a diferença entre competir e cooperar, Ronaldo citou o exemplo de que quando os alunos limpam a sala, ou a mantêm limpa, estão cooperando com as “moças da limpeza”, uma vez que as ajudam a manter o ambiente de sala de aula limpo.

Outra contribuição dos alunos foi relatada pelo professor durante uma das entrevistas ao final da aula. O professor explicou que alguns alunos da escola, de sétima e oitava séries, ajudaram na reforma da quadra da escola. A ajuda consistiu em retirar telhas do teto da sala de materiais, lavar a quadra, remover entulhos e pintar paredes.

As atividades do professor trataram do tema meio ambiente, a partir do local no qual os alunos convivem diariamente. A partir da escola, poderiam ser tratados assuntos relacionados aos cuidados com o bairro, a cidade e com os recursos naturais que interferem no planeta. Outra possibilidade seria tratar a disponibilidade de espaços públicos para atividades físicas e de lazer, se eles existem no bairro ou já existiram, e se estão em condições de uso, como sugerem Rodrigues e Darido (2006), em artigo que não está incluído na amostra dos artigos analisados.

O meio ambiente não apareceu no planejamento dos professores, entretanto esteve presente em situações encontradas pelo professor Ronaldo. O professor as aproveitou de diversas maneiras, desde os cuidados com a limpeza da escola, até a mudança do meio ambiente, ajudando na reforma da quadra com a participação dos alunos.

5.3 Saúde

O tema transversal saúde é, dentre todos os demais, um dos mais próximos à disciplina Educação Física. Ao menos é o que se espera, uma vez que a atividade física é fundamental para a manutenção ou melhora das condições de saúde.

Os PCNs trazem à tona problemas relacionados à saúde pública, uma vez que não se consegue atender adequadamente a quantidade de pacientes que chegam aos hospitais, e nem se educar cidadãos com hábitos de vida saudáveis, relacionados a higiene pessoal, até uma alimentação equilibrada e a prática constante de exercícios físicos. Vale ressaltar que o documento considera como pertinentes ao tema saúde, as condições socioeconômicas e culturais, o meio em que vivem, assim como a questão da herança genética das pessoas. O

conceito de saúde visto aqui é amplificado em relação ao conceito tradicional de saúde/doença (BRASIL, 1998b).

Sendo a prática constante de exercícios físicos uma condição necessária para a saúde, não esquecendo que também é necessário que existam condições socioeconômicas e ambientes públicos apropriados para isso, esperou-se encontrar muitas situações em que valores e atitudes relacionados a esse tema estivessem presentes nas aulas dos professores.

O que apoiou essa hipótese foi a análise da produção científica realizada nesta pesquisa, uma vez que em quase metade dos artigos haviam referências a valores e atitudes relacionados à saúde, hábitos de vida saudáveis ou à qualidade de vida.

Essa análise identificou a saúde como um valor, e o exercício físico praticado de maneira regular como algo a ser valorizado por quem procura saúde e qualidade de vida. As atitudes podem ser resumidas no ato de praticar quaisquer exercícios, jogos, danças ou movimentos regularmente, visando desde ganhos fisiológicos ou melhoria de capacidade funcional, até interação social.

Dentre as muitas referências à saúde, foram dois artigos que a trouxeram como foco de discussão. Em um dos artigos, Ferreira (2001) considera aspectos como tempo livre, o acesso à boa alimentação e a locais para prática de exercícios físicos fundamentais para a melhoria das condições de saúde da população. O autor afirma que as propostas de Educação Física escolar não devem ser pautadas somente em fundamentações biológicas, mas também nesses aspectos.

Beltrami (2000) defende a qualidade de vida enquanto um direito do cidadão, que deve ser garantido pelo Estado cuja responsabilidade é disponibilizar o acesso a ambientes públicos para prática de exercícios.

É evidente que os artigos chamam atenção para o lado das políticas públicas, no sentido de haverem garantias de tempo livre, espaços adequados, condições econômicas e acesso a locais públicos para prática de exercício. E também para a importância dessa prática como um dos aspectos fundamentais para a melhoria de saúde das pessoas.

Desse modo, era esperado encontrarmos discussões ou exposições sobre a necessidade de locais públicos em condições para prática de jogos e atividades físicas, assim como sobre os benefícios do exercício praticado de maneira regular para o ser humano.

Entretanto, houve pouquíssimos momentos de discussão, exposição ou alguma situação problema em que a oportunidade fosse aproveitada para esclarecimento de algum conceito ou valor relacionado à saúde, durante o período no qual as aulas dos professores foram observadas.

Uma situação na qual pode-se afirmar que houve preocupação do professor Ronaldo em relação à saúde (no tocante ao tema da segurança) dos alunos, ocorreu no espaço onde seria a prática de futebol dos meninos, no qual as traves de futsal não estavam fixas no chão. O professor pediu para que os alunos não se pendurassem nas traves, mostrando a eles que essas estavam soltas e eram pesadas, e que poderiam tombar sobre alguém se sofressem alguma sobrecarga.

Mesmo que os professores não tenham abordado valores e atitudes sobre esse tema, os conteúdos trabalhados por ambos possibilitariam discussões sobre a saúde.

Ronaldo desenvolveu o tema futebol, de acordo com os conteúdos presentes nos cadernos do Estado. Em uma das aulas, o conteúdo abordado foi o treinamento físico no futebol. Depois de explicar e permitir que os alunos vivenciassem aspectos técnicos e táticos do futebol em aulas anteriores, o professor ofereceu uma vivência da preparação física.

Entre os diversos tipos de exercícios possíveis, o professor escolheu a ginástica localizada para a vivência. O professor questionou se os alunos conheciam outros tipos de ginástica, por exemplo a aeróbica e a artística, e também foi dito que os exercícios melhoravam o condicionamento físico dos atletas, ajudando-os a correr mais etc. Entretanto, não foi comentado sobre a importância desse tipo de ginástica para a melhoria da saúde ou qualidade de vida das pessoas. Esse seria um momento muito oportuno, do ponto de vista do pesquisador, para incluir a discussão sobre o tema saúde.

O professor Rogério desenvolveu por meio do trabalho com projetos, um torneio interclasses como produto final. O processo de construção e administração do torneio teve participação dos alunos, o qual era baseado nos Jogos Olímpicos. Durante a fase de elaboração, o professor solicitou aos alunos que eles redigissem um texto sobre como seriam os jogos interclasses ideais. Surgiram muitas idéias interessantes, porém nenhuma relacionada à saúde.

Os Jogos Olímpicos são palco de uma grande contradição no que diz respeito ao esporte ser promotor da saúde, principalmente no que tange a dois temas específicos: o primeiro diz respeito às lesões e os problemas causados pelo esporte levado ao máximo rendimento; o segundo seria a utilização de substâncias proibidas para melhoria de desempenho (*dopping*), o que acarretaria problemas futuros de saúde aos atletas. Essa seria uma discussão interessante para ser colocada pelo professor aos alunos.

Contudo, é válido lembrar que essa não era a temática principal dos professores naquele momento, e que é possível que eles a tenham desenvolvido em outro bimestre.

Os valores e atitudes relacionados à saúde não foram presentes durante a observação em comparação à análise da produção científica da área. Enquanto quase metade dos artigos trouxe alguma idéia sobre a importância do exercício físico para qualidade de vida e saúde, esses praticamente não apareceram nas aulas observadas, apesar de situações e temáticas propícias a essa discussão serem constatadas.

5.4 Orientação Sexual

Questões relativas à sexualidade estão presentes de maneira constante dentro das escolas, e não seria diferente durante a aula de Educação Física. Nessa última, momentos de toque entre meninos e meninas, de jogos mistos e até de separação entre eles durante determinadas atividades são comuns. Esses momentos não devem passar despercebidos pelos professores, pois são riquíssimos na construção da identidade, e porque não da sexualidade, das crianças e adolescentes.

A sexualidade é algo inerente à vida de qualquer ser humano, e é expressa desde o nascimento até o fim da vida (BRASIL, 1998b). De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a orientação sexual se apresenta frente ao surgimento de problemas constantes relativos à sexualidade, agrupados em três questões: o corpo enquanto matriz da sexualidade e a exploração da mídia sobre ele; as relações de gênero, desde o machismo até preconceitos referentes a mulheres e homossexuais; e as doenças sexualmente transmissíveis.

Durante a análise dos artigos científicos foram encontrados seis artigos que trouxeram à tona discussões sobre orientação sexual, divididos entre as questões gênero (co-educação), corporeidade e conhecimento sobre o corpo. Não houve artigos que abordassem as doenças sexualmente transmissíveis.

Os artigos que trouxeram as discussões sobre a corporeidade e o conhecimento do corpo, sugeriram como idéias principais o aprender a lidar com o próprio corpo, aprendendo a se respeitar e a respeitar o próximo; e entender que cada um revela a própria singularidade por meio do corpo, de suas posturas e expressões; e pelo corpo também são reveladas características que definem a pessoa como membro de determinado grupo social.

Outra questão interessante foi a discussão sobre publicações da mídia que trazem exercícios para se conseguir um “corpo ideal”, apresentada por Betti (1999), que traz a necessidade de contextualização e articulação dessas informações a fim de que os alunos possam recebê-las de maneira crítica. Realizar essa discussão durante uma aula seria muito

interessante, o que gerou certa expectativa para a observação, que acabou não se concretizando.

Com relação à co-educação, os autores Korsakas e Rose Júnior (2002) a propõem no sentido de estimular uma criança a ajudar a outra na aprendizagem de algo que domina, e também sugerem a interação entre meninos e meninas durante as aulas, no sentido de realçar as características diferentes com o objetivo de valorizá-las. Foram constatadas duas posturas bem diferentes durante a observação do trabalho dos professores, o que será detalhado mais adiante.

Barbieri (1999) traz a necessidade dos eventos esportivos infantis serem pautados em princípios como a co-educação, entre outros, principalmente no que diz respeito à formação de comissões. O professor Rogério utilizou como estratégia de ensino a elaboração e a execução de um campeonato interclasses, no qual o trabalho da co-educação pode ser observado. Meninos e meninas participaram juntos de comissões para a organização e divulgação desses jogos. Uma das modalidades era paraolímpica, o vôlei sentado, e deveria ser disputada por equipes mistas, com integrantes meninos e meninas.

Foi interessante observar, que as relações entre os sexos nas comissões foi muito boa, e conseguiram desenvolver as atividades relativas à organização e divulgação do evento com sucesso e participação de todos. Contudo, o mesmo não aconteceu com os jogos da modalidade vôlei sentado. Apenas uma menina começou o primeiro jogo, mas na mudança de *set* um menino a substituiu. De certa forma, os meninos das duas turmas não permitiram que as meninas jogassem. Quando os alunos tentaram excluir a menina, substituindo-a, o professor Rogério fez o possível, dentro das regras combinadas, para garantir a participação de uma menina no jogo. O professor permitiu que apenas os alunos inscritos na súmula pudessem entrar no jogo, ou seja, caso não houvesse outro menino inscrito, apenas uma das meninas inscritas poderia jogar, entretanto, havia mais um menino inscrito que entrou no jogo, e nem a menina substituída, nem qualquer outra que estava na reserva, participou do jogo.

Mesmo com o planejamento, surgiu o problema dos meninos quererem vencer o jogo a qualquer custo, e então tomaram conta do jogo. O professor cobrou as regras que estavam combinadas, mas nenhuma obrigava a presença mútua de meninos e meninas em quadra. As regras que garantem a presença de meninos e meninas simultaneamente em um jogo são uma possibilidade para garantir que as relações entre eles aconteçam em aula ou em um evento esportivo, desde que haja a intervenção dos professores, promovendo a reflexão e discussão com os alunos sobre a prática mista, para que essa seja possível e harmoniosa.

No decorrer das observações, foram constatadas posturas diferentes dos professores em relação à co-educação.

O professor Ronaldo preferiu trabalhar, na maioria de suas aulas durante aquele bimestre, com meninos e meninas separados na parte prática das aulas. Na primeira aula, o professor separou meninos em um grupo e meninas em outro. Enquanto um grupo participava de uma atividade denominada “golzinho” (jogo pré-desportivo do futebol), o outro permanecia junto ao professor para aprender o futebol de botão, assim como os esquemas táticos do futebol de campo que foram demonstrados na mesa do jogo. O professor desenvolveu exatamente os mesmos conteúdos conceituais e procedimentais para meninas e meninos. Contudo, os meninos já possuíam uma bagagem maior sobre os conteúdos trabalhados do que as meninas, por tal motivo Ronaldo adotou exemplos diferentes para cada grupo.

Com os meninos a discussão sobre táticas se aprofundou mais, uma vez que esses apresentaram maior familiaridade com as nomenclaturas dos esquemas táticos, como “4-4-2” ou “3-5-2”. O professor chegou a comparar essa nomenclatura com a utilizada por outros esportes coletivos, como o voleibol e o handebol. Para o futebol de botão, os meninos já sabiam jogar, apenas foram combinadas regras antes de iniciarem a prática. Quando eles foram jogar “golzinho”, o professor deixou os meninos mais livres, eles próprios se organizaram de maneira rápida e começaram a jogar.

Para a explicação da importância da tática nos esportes para as meninas, o professor utilizou exemplos de fora do esporte, pois apesar de algumas já terem ouvido as nomenclaturas táticas, elas não as conheciam. Os exemplos utilizados foram os trabalhos escolares que são realizados em grupos, enfatizando as diferenças entre uma pessoa fazer o trabalho sozinha, sem ajuda dos outros componentes, ou quando as tarefas são divididas igualmente entre todos; e o crime organizado, que em certos lugares chega a comandar bairros e escolas. A partir desse ponto elas puderam compreender a importância da tática, e os esquemas foram transmitidos da mesma maneira como para os meninos. Antes de iniciar a prática do futebol de botão, o professor perguntou se elas já conheciam ou haviam praticado. Como as respostas foram negativas, houve uma rápida demonstração de como jogar. Antes do início do jogo “golzinho”, o professor explicou para as meninas como se jogava e também que deveriam se dividir em pequenos times de três ou quatro integrantes. O professor foi explicar os esquemas táticos para os meninos, porém as meninas demoraram por volta de dez minutos para se organizarem. A estratégia do professor foi solicitar para um menino que fosse até elas e as ajudasse a iniciar a atividade.

Em todas as outras atividades práticas de futebol houve a separação entre meninos e meninas. Enquanto o professor acompanhava um grupo, ele combinava o que o outro faria, que foi desde jogar futebol em outro espaço, até dançar e ouvir música.

Na quinta aula do professor Ronaldo, no qual o conteúdo da primeira parte da aula prática foi a diferença entre competição e cooperação, a opção foi trabalhar com todos os alunos ao mesmo tempo. Apesar de estarem todos na mesma atividade, as meninas a realizavam em uma metade da quadra e os meninos em outra. A atividade consistia em atravessar a quadra de lateral a lateral, fazendo movimentos escolhidos ora pelos meninos, ora pelas meninas. Enquanto os movimentos eram realizados individualmente, tratava-se de uma competição de qual grupo chegava primeiro ao outro lado, passando para cooperação quando pequenos grupos de três ou quatro pessoas tinham que cumprir um desafio para chegar ao outro lado, como por exemplo, um dos integrantes do grupo não poderia encostar no solo. Mesmo nessa fase da atividade não foram misturados meninos e meninas.

Nas duas atividades seguintes todos participaram juntos. Meninos e meninas deveriam formar duplas, de braços dados, e as duplas deveriam se colocar lado a lado, formando uma esteira. Um dos meninos foi escolhido pelo professor para ser passado de um lado a outro da esteira, com a condição das duplas não soltarem os braços. A solução foi “arremessar” o aluno para as duplas seguintes, e assim por diante até que ele chegasse ao final. A outra atividade foi muito parecida: as duplas deveriam deitar lado a lado com as cabeças próximas e os braços para cima, formando também uma esteira. Dessa vez, outro menino foi passado mão a mão de um lado a outro. Houve mais brincadeiras como beliscões e “tapinhas” no quadril, o que não ocorreu na atividade anterior.

A questão que fica é, se essas atividades funcionaram, por que não incluir mais atividades mistas no planejamento? Em entrevista com o professor ele respondeu que dividiu as turmas na ocasião em que trabalhou com futebol de botão e com o “golzinho” porque havia pouco espaço disponível, e com a turma dividida ele conseguiria explicar sobre os esquemas táticos do futebol com melhor qualidade. Isso foi o que realmente aconteceu. Entretanto, mesmo sem o problema do espaço nas aulas seguintes, ele ainda preferiu manter as meninas e meninos em grupos distintos.

Deve-se ressaltar que apenas um bimestre foi observado, e em entrevista com o professor Ronaldo ele afirmou ter trabalhado com atividades mistas como a dança de salão durante aquele ano.

No decorrer das aulas do professor Rogério, houve um incentivo maior às atividades práticas mistas. Já na análise dos textos cujo assunto era “como seria o campeonato de escola

ideal?”, escrito pelos alunos em duplas e trios a pedido do professor, um dos grupos colocou que nesse campeonato deveria haver competição mista.

O professor abriu para a turma uma votação, dentre outras, para decidir se todos os jogos seriam mistos ou não. Todos, tanto meninas quanto meninos votaram na opção de jogarem separadamente, e o professor concordou, com ressalvas, porque seria um campeonato construído pelos alunos. Como o professor havia combinado com os demais professores, os alunos deveriam escolher uma modalidade paraolímpica, que seria mista, e duas olímpicas, uma masculina e outra feminina.

Apesar de terem combinado que a atividade paraolímpica seria disputada com times mistos, não foi isso o observado. No primeiro dia de disputa da turma observada, a turma adversária (que era de outro professor) não havia formado um time misto para a modalidade paraolímpica. Isso porque eles não quiseram e o outro professor não fez com que eles cumprissem o combinado, segundo entrevista. No segundo dia de campeonato da turma observada, o jogo misto ocorreu, todavia apenas uma menina disputou o primeiro *set* do jogo, e o segundo não contou com a presença das meninas. Na observação dos jogos finais, nenhuma menina disputou o jogo que seria misto. A postura do professor em ambos os casos foi cumprir as regras combinadas, retirando os meninos que não estavam inscritos na modalidade, que foram substituídos por outros meninos.

Um ponto forte dos jogos realizados na escola foi que tanto meninos quanto meninas participaram ativamente das comissões de organização e imprensa, organizando súmulas, divulgando jogos e resultados, informando as turmas e preparando as equipes para a ordem dos jogos do dia, corroborando com a opinião de Barbieri (1999).

Em relação à co-educação no período observado, pode-se afirmar que apesar de um professor optar por trabalhar na maior parte do tempo meninas e meninos separados, enquanto o outro optou por trabalhar uma das modalidades do campeonato mistas, o que foi observado foi a maior parte do tempo atividades práticas com meninos e meninas separados em ambas as turmas. A literatura argumenta a favor da troca de experiências entre os dois sexos durante as aulas, o que foi visto nas duas turmas, porém apenas em poucos momentos de atividades práticas, ou em momentos de organização e realização de tarefas teóricas.

As atividades físicas realizadas com a participação de meninos e meninas concomitantemente contribuem para a sensibilização das características de um sexo em relação ao outro, abrindo possibilidades de toque, trocas de habilidades, de capacidades físicas e demais experiências motoras, e por isso também devem estar presentes nas aulas de Educação Física de maneira freqüente.

Korsakas e Rose Júnior (2002) sugerem que essas interações entre meninos e meninas podem levar a valorização de um pelo outro, gerando atitudes de respeito. Contudo, pode-se analisar que mesmo quando a atividade mista é planejada pelo professor, há a possibilidade dos próprios alunos serem resistentes à sua prática. Isso surgiu durante os jogos da modalidade vôlei sentado nas aulas do professor Rogério, e em entrevista do professor Ronaldo, que afirmou que mesmo com a grande parte da participação dos alunos, alguns meninos resistiram à prática de dança com as meninas.

Outro fato interessante ocorreu após o professor Rogério ter liberado a saída das meninas para o intervalo, que estavam vestidas com roupas para praticar atividade física na aula de Educação Física. Nessa ocasião o professor não conseguiu reservar um tempo para que elas trocassem de roupa antes do intervalo.

O bedel e a diretora da escola conversaram com o professor, para pedir que ele reservasse o tempo para as meninas trocarem de roupa, pois elas não deveriam vestir bermudas que deixavam o joelho à vista. Ou seja, elas deveriam utilizar calças e bermudas cujo comprimento fosse abaixo do joelho.

Em entrevista, o professor disse que a regra do uniforme se aplicava mais às meninas, pois elas chegaram a vestir bermudas e *shorts* muito curtos na escola. Os meninos sempre usaram camiseta e bermuda comprida ou calça, por isso não tiveram esse mesmo problema. Entretanto, o professor conseguiu junto à diretora, que as meninas utilizassem bermudas mais curtas e feitas de um material adequado à atividade física (que não é o caso do *jeans*, que era o mais utilizado e dificulta a movimentação das pernas) durante sua aula. O problema consistia no tempo necessário para a troca, que era maior na aula dessa turma, pois eram necessárias quatro trocas de uniforme, duas na aula antes do intervalo e duas na aula após o intervalo.

Pela fala do professor, pareceu que a regra do uniforme foi necessária na escola, para que não houvesse abusos em relação ao comprimento das bermudas das meninas. Contudo, não seria possível permitir que as meninas utilizassem as bermudas ou *shorts* durante o intervalo que fosse entre as aulas de Educação Física, desde que esses não fossem demasiadamente curtos? Essa seria uma proposta interessante no sentido de professores, diretoria e alunos, conversarem e chegarem a um acordo sobre como se comportar, também no sentido de como se vestir, dentro e fora da escola. Essa atitude é sugerida por Betti (1999), no sentido de contextualizar e articular criticamente as informações sobre as vestimentas no ambiente escolar.

Essas questões sobre a maneira de se vestir devem ser discutidas entre todos os componentes da escola, uma vez que os diferentes veículos de mídia trazem informações, nem sempre adequadas, sobre vestimentas, atividade física, e até imagens de pessoas praticando atividade física com roupas curtas. Também nesse ponto corroboramos com Betti (1999), no sentido da responsabilidade dos professores em levar e debater essas questões com os alunos, contextualizando-as e articulando-as para que os alunos as recebam de maneira crítica.

O assunto também permite atentarmos para as relações entre corpo e prazer. Tanto para o corpo gerador de prazer, no qual se explora a sexualidade, muito utilizado pela mídia para fazer seus anúncios; quanto para a atividade física enquanto promotora de prazer, desde os hormônios liberados com sua prática, até a satisfação e a diversão encontrada em atividades coletivas. Essas questões também são tratadas pelo tema transversal orientação sexual (BRASIL, 1998b).

Durante a observação, os principais valores presentes foram a co-educação e a corporeidade, no sentido da necessidade das meninas utilizarem determinadas roupas dentro da escola que são “valorizadas” fora. Dessa forma, pode-se dizer que a análise crítica sobre o corpo prazer é necessária dentro das escolas.

Os dois professores planejaram atividades mistas, que funcionaram no caso de Ronaldo, e apresentaram dificuldades no caso da modalidade para-olímpica nas aulas de Rogério. Mesmo quando planejado, ainda houve resistência por parte dos alunos em relação às práticas mistas competitivas, enquanto esse problema não ocorreu nas práticas cooperativas. Situações-problema também apareceram nas aulas, ora sendo tratadas pelos professores, ora não.

5.5 Trabalho e Consumo

Os valores e atitudes presentes nesta categoria estão ligados às diferentes relações de trabalho, bem como ao consumo de produtos e serviços. No caso específico desta pesquisa, os produtos e as relações de trabalho estão ligados, de alguma forma, à cultura corporal.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1998b), o trabalho social está presente em todo produto e serviço consumido, e esse trabalho é realizado por determinadas relações construídas historicamente, sendo passíveis de crítica, intervenção e transformação. Na escola, o objetivo de trabalhar esse tema transversal seria explicitar e discutir as relações

sociais que produzem desejos e necessidades, assim como a criação de produtos e serviços para satisfazê-los.

Entretanto, será considerado nesta pesquisa o trabalho como toda a atividade humana que transforma o meio, criando produtos ou na forma de serviços, mas que não necessariamente possua um fim econômico. Esse trabalho pode ser voluntário e possuir o fim de melhorar o ambiente para determinada comunidade, ou simplesmente promover melhorias nas relações sociais ou nas condições de vida da sociedade.

A análise dos artigos realizada nesta pesquisa trouxe a voluntariedade e a estética como principais valores mais próximos ao tema trabalho e consumo. A voluntariedade é apresentada por Knijnik (2001) como a característica de entrega da pessoa ao jogo de maneira gratuita com o objetivo de atingir uma satisfação subjetiva.

Garcia e Lemos (2003) trazem a estética como a reflexão sobre o belo, que está intimamente ligada à cultura corporal desde o padrão de beleza dos corpos na atualidade, até a beleza dos espetáculos esportivos.

Durante a observação, foi constatado que na escola de um dos professores existe uma “cultura” de voluntariedade, e que esse professor é um dos principais responsáveis por isso.

Durante a quarta aula desse professor, essa “cultura” ficou bem clara. No início da aula, o professor convidou todos os alunos para o evento de inauguração da quadra, que ocorreria no dia seguinte pela manhã. Em seguida, pediu que quem pudesse ajudar com os preparativos para o evento, que seria montar “cachos” de bexigas, que ficasse junto com ele quando subissem para a quadra. Quem não fosse ajudar, se fosse menino deveria permanecer na mini-quadra, e se fosse menina no espaço próximo ao rádio. A quadra não seria utilizada porque alguns alunos da oitava série, do período da manhã, estavam lavando a quadra para o evento.

Oito alunos ajudaram o professor com as bexigas do início ao final da aula de maneira voluntária. Ou seja, eles atenderam ao pedido do professor prontamente, sem esperar ou pedir alguma recompensa. Até esse momento, foi perceptível que tanto alunos do período da manhã, quanto os da turma observada, ajudaram o professor nos preparativos para o evento.

Interessante foi constatar o empenho desses alunos enquanto ajudavam o professor nas tarefas de lavar a quadra e preparar a decoração com as bexigas.

Os alunos estavam enchendo as bexigas e deixando-as soltas dentro da sala de materiais, enquanto outros preparavam os cordões e amarravam as bexigas, e outro grupo transportava as bexigas para serem amarradas nos cordões. Sem receberem instruções do

professor, aquele grupo de alunos da sétima série / oitavo ano, se organizaram para realizarem a tarefa com mais eficiência.

Entretanto, as bexigas começaram a estourar dentro da sala de materiais, e o espaço dessa sala não estava sendo suficiente para a quantidade de bexigas. Um dos alunos perguntou o que fazer para o professor, que respondeu que era normal que algumas bexigas estourassem. Não satisfeita, uma aluna encontrou sacos de plástico grandes, e teve a idéia de armazenar as bexigas dentro do saco, o que solucionou o problema dos estouros, e facilitou o transporte de bexigas, uma vez que um número muito maior ficava à disposição de quem estava montando os cordões. Buscar e encontrar soluções para os problemas na tarefa são indicações de que há empenho dos envolvidos.

Enquanto isso, os alunos que lavavam a quadra por vezes se dirigiram ao professor para buscar uma maneira mais eficaz de cumprir sua tarefa, demonstrando empenho.

Outro aspecto interessante foi a postura do professor durante todo o processo, que participava ativamente da montagem dos cordões com bexigas, e por vezes perguntava aos alunos da quadra se estavam precisando de algo. Além disso, foi combinar algumas regras com os meninos que optaram por jogar bola na mini-quadra e com as meninas que ficaram próximas ao rádio. O professor elogiou as soluções encontradas pelos alunos, como a de armazenar bexigas em sacos plásticos, e também os alunos que cumpriram com o combinado, como ir da mini-quadra ao bebedouro pelo caminho cimentado.

E esse conteúdo pareceu ser pertinente à Educação Física e ao contexto da escola, uma vez que os alunos ajudaram a preparar o evento de inauguração do novo espaço que utilizariam nas aulas. E não somente prepararam o evento, mas também tornaram o espaço melhor, pois em entrevista com o professor constatou-se que alguns alunos da escola ajudaram a pintar o entorno da quadra, remover entulhos que ali foram deixados e a remover telhas quebradas do telhado da sala de materiais.

Na observação do outro professor também houve situações de realização de tarefas dos alunos de maneira voluntária. Logo na primeira aula observada, o professor expôs na lousa as características de um campeonato escolar ideal, na opinião dos alunos. Dentre diversas características, a participação dos alunos na organização do campeonato e a presença de uma comissão de imprensa apareceram como aspectos diretamente relacionados à prestação de serviços e à criação de produtos, no que diz respeito à organização dos eventos e das equipes dentro das salas, e na produção de materiais para a divulgação dos eventos e dos resultados.

Para que as comissões de organização e imprensa fossem criadas, bem como para a formação das equipes, o professor solicitou para que os alunos se oferecessem voluntariamente. A única regra colocada pelo professor é que todos deveriam participar, conforme uma das características do campeonato apontadas pelos alunos, pelo menos de uma equipe ou comissão. A comissão de organização foi formada por três alunos e a de imprensa por cinco.

A comissão de organização de cada turma era responsável pelo preparo das súmulas antes dos jogos, preenchimentos das mesmas durante os jogos (faziam o papel dos árbitros de “mesa”), organização das equipes da própria turma e assessoria ao professor durante o evento. Por sua vez, a comissão de imprensa deveria divulgar o dia e o horário dos jogos, a tabela do campeonato, os resultados dos jogos e a classificação geral. Todas essas informações eram colocadas em cartolinas, que por sua vez eram fixadas nos murais da escola.

Os alunos eram responsáveis por todo o processo, começando pela divulgação da tabela e próximos jogos, passando pela documentação de tudo o que acontecia nos jogos, até a publicação dos resultados dos jogos e a classificação. O professor agendava as datas e horários, e acompanhava todo o processo de muito perto, instruindo os alunos quando necessário e verificando se a documentação em súmula estava correta.

Além disso, os alunos também participaram da montagem do sistema de competição que seria utilizado. O professor explicou os diversos sistemas existentes, como o de pontos corridos e de jogos eliminatórios, e os alunos chegaram em um consenso sobre qual seria melhor no caso dos jogos interclasses (sempre mediados pelo professor).

Na quarta aula desse mesmo professor, todo período antes do intervalo foi realizado dentro da sala de aula porque chovia intensamente. O tema da aula foi: o que é a súmula e como utilizá-la. Toda a turma, não só a comissão de organização, aprendeu que a súmula é a documentação de todos os acontecimentos dos jogos, de maneira sistematizada. A turma, dividida em grupos, analisou súmulas de jogos anteriores para documentação da pontuação, e preparou as súmulas de alguns dos jogos seguintes. Também enfatizou a importância da fidedignidade dos dados, bem como do trabalho da imprensa na divulgação desses dados.

Dessa maneira, os alunos puderam vivenciar os serviços necessários para a organização de um evento esportivo, assim como a produção de materiais de imprensa para divulgação desse evento. Os alunos trabalharam e estavam presentes no resultado desse trabalho, que foi o próprio evento.

Relacionando com o tema transversal trabalho e consumo, o campeonato interclasses surgiu da vontade dos alunos, que foram conduzidos pelo professor a realizar serviços e criar produtos a fim de concretizar o evento, que movimentou toda a escola.

Outro fato interessante que cabe neste mesmo tema transversal ocorreu por uma sugestão de um professor de outra disciplina para a inscrição das turmas no campeonato interclasses. Ele sugeriu para o professor de Educação Física que pedisse um pacote de bolachas por aluno, para que fossem doados para uma instituição de caridade. Nem todos os alunos levaram os pacotes, mas muitos o fizeram.

Embora não incluídos na categoria trabalho e consumo na análise dos artigos, os valores ludicidade, competição e cooperação apareceram nas aulas dos professores de modo a serem incluídos nesta categoria.

A ludicidade esteve presente na maioria das atividades práticas e nas brincadeiras entre professores e alunos, e entre alunos. Fazia parte do planejamento dos professores que o lúdico estivesse presente nas atividades, pois se esperava que algumas fossem prazerosas. As atividades foram interpretadas como trabalhos dos alunos, e esse trabalho, em alguns casos, foi realizado de forma lúdica. Entretanto, ela não esteve presente no planejamento daquele bimestre dos professores enquanto um conteúdo, seja para explicar o que significa ou a importância dessas atividades ao longo da história da humanidade.

A atividade da última aula do professor Ronaldo foi completamente lúdica, uma vez que o único objetivo presente era a brincadeira. Ele decidiu com os alunos que fariam uma brincadeira com bexigas d'água na quadra, e o intuito era que todos saíssem molhados.

Foi exatamente nesse sentido que os artigos analisados trouxeram a discussão da ludicidade, assim como o artigo de Santos e Figueiredo (2002). A brincadeira, o divertimento, o prazer e a alegria devem estar presentes, nas diversas atividades como jogos, danças e lutas.

Nenhum dos artigos analisados trouxe uma análise voltada ao lado social, enfatizando a necessidade de tempo livre e espaços públicos para o desenvolvimento de atividades corporais e lúdicas, como aconteceu com a saúde, cuja preocupação com o tema transcendeu a relação saúde-doença e caiu na esfera social. Na observação também não foram constatadas abordagens ao tema ludicidade com o enfoque social.

A competição e a cooperação apareceram na aula do professor Ronaldo como conteúdo planejado. Situações do cotidiano, como a disputa por empregos ou a realização de trabalhos em grupo foram utilizadas como exemplos de extensão das relações nas atividades corporais à relações sociais. Por tal motivo esses valores foram incluídos nesta categoria.

A competição *versus* a cooperação foi um dos temas da quinta aula do professor. Ele solicitou a participação dos alunos durante toda a explicação, trazendo os conhecimentos deles para poderem compreender o assunto. Explicou que cooperar significava operar em conjunto, e que era necessário para facilitar algumas questões do cotidiano. Também explicou que era importante todos saberem competir, pois no dia a dia há várias situações de vitória e derrota, como tentar passar em um vestibular e conseguir um emprego.

Na quadra, desenvolveu atividades competitivas e cooperativas como exemplos concretos aos alunos. Uma das atividades competitivas foi a disputa entre meninos e meninas para atravessar a quadra o mais rápido, realizando um determinado movimento combinado pelo grupo. Como exemplo de cooperação, os alunos formaram uma esteira com os braços e deveriam passar um dos alunos deitados sobre esta esteira de um lado ao outro.

Por se tratar de um conteúdo planejado, os conceitos foram trabalhados de maneira teórica e depois vivenciados na prática. A aula foi muito produtiva no sentido dos alunos compreenderem os conceitos e os vivenciarem corporalmente.

Pode-se considerar que o tema transversal trabalho e consumo foi abordado pelos dois professores. Ambos criaram possibilidades de os alunos prestarem serviços ou criarem produtos baseados na necessidade do contexto ao qual estavam inseridos, e cujo resultado foi vivenciado pelos próprios alunos. Ficou claro que os conteúdos foram previamente planejados, nesse caso, e que apareceram como valores a voluntariedade, a solidariedade, a ludicidade, a competição, a cooperação e a valorização do trabalho, uma vez que os alunos puderam presenciar o resultado do próprio trabalho. Contudo, outras questões ligadas à cultura corporal, como o consumo de produtos e serviços em busca de um corpo ideal, ou de produtos e serviços relacionados a um ídolo esportivo, ambos vendidos pela mídia, ou ainda as relações de trabalho no esporte (enquanto poucos ganham fortunas em dinheiro, muitos têm dificuldades financeiras) não foram abordadas.

5.6 Ética

A Ética é a última categoria a ser analisada por ser a mais complexa e permear as demais categorias presentes nesta discussão. Serão discutidos os valores e atitudes que não se aproximaram dos demais temas transversais, entretanto é necessário ressaltar que todos esses valores e atitudes discutidos até o momento poderiam o ser sob a luz da ética.

E para ampliar o leque de valores e atitudes passíveis de serem analisados neste tema transversal, buscou-se uma concepção de ética diferente da encontrada nos PCNs. O documento nacional atribui à moral o conjunto de princípios, regras e crenças que norteiam o comportamento das pessoas, sendo a ética a reflexão crítica sobre a moral. (BRASIL, 1998b)

Para esta pesquisa, foi mais esclarecedora a concepção apresentada por La Taille (2006), que distingue os significados de ética e moral, e permitiu incluir alguns valores na discussão (como por exemplo: a socialização, a celebração e a ludicidade) que não são essencialmente princípios, regras nem crenças.

Para La Taille (2006), a reflexão sobre a ética ocorre quando buscamos a resposta para a pergunta “que vida quero viver?”, e essa resposta se encontra no que o autor chamou de plano ético. Esse plano é definido por meio de quatro passos que devem ser compreendidos para que a felicidade seja atingida: entender que a “vida boa” é consequência de experiências subjetivas; que a felicidade transcende o momento do prazer, e acompanha as pessoas em toda vida; entender que é importante dar um sentido para a própria vida; e enxergar a si mesmo como uma pessoa de valor, buscando expandir-se enquanto pessoa, tornar-se alguém melhor.

Já a reflexão sobre a moral está na resposta à pergunta “como devo agir?”. Segundo La Taille (2006), essa resposta encontra-se no plano moral, que está ligado ao sentimento de obrigatoriedade. O autor entende que o agir por dever está relacionado ao fazer o bem, que a atitude a ser tomada trará o bem às pessoas próximas e à própria pessoa. Isso transcende o simples cumprir o dever por imposição social.

Mais uma vez, é reforçado que a análise é realizada a partir dos objetivos colocados pelos PCNs (1998b), por ser um documento nacional, contudo, foram adotados os significados de moral e ética apresentados por La Taille (2006).

Seguindo a lógica de análise da observação das aulas dos professores, que é baseada nos temas transversais apresentados pelos PCNs, a análise da categoria ética será subdividida nos princípios colocados pelo mesmo documento, que são indicados como conteúdos para o tema: respeito; justiça; e diálogo. Solidariedade também faz parte desses conteúdos/princípios, contudo foi incluída na categoria pluralidade cultural.

5.6.1 Respeito

As questões que são mais próximas do conteúdo respeito são aquelas ligadas à postura do professor, à maneira como conduz os conteúdos e como se dirige aos alunos.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1998b), as relações de respeito devem ser recíprocas entre as pessoas, e não unilaterais. O respeito unilateral é aquele que se tem por alguém devido à sua posição social, cargo em empresa ou experiência de vida, entre outros casos, e que acontece apenas nesse sentido, sem receber respeito em troca. Os PCNs defendem que o respeito a ser tratado nas escolas seria o respeito mútuo, onde cada um deve respeitar e ser respeitado. Esse respeito se dá entre as pessoas, respeitando as diferenças e sendo respeitadas em sua singularidade, no exercício da política, cumprindo com os deveres e exigindo os direitos, e com o meio social, não sujando praças e ruas, não depredando telefones e espaços públicos, podendo usufruir desses locais.

O que fica claro no documento é a importância da reciprocidade nas relações interpessoais, onde o respeito é conquistado a partir do respeitar o próximo. Levando para as relações na escola, professor e alunos devem se respeitar, e não apenas o segundo deve respeito ao primeiro pela posição em que se encontra.

O respeito recíproco, ou respeito mútuo, esteve presente nas aulas observadas. Os dois professores por vezes demonstraram respeito ao se dirigirem aos alunos, e com isso receberam respeito em troca.

Os dois professores sempre se mostraram presentes nos momentos de aula, e disponíveis quando os alunos necessitavam de sua ajuda. Na primeira aula observada do professor Ronaldo, ele e os meninos presentes discutiram sobre as regras e a prática do futebol de botão antes de começar a prática. Durante essa, o professor ficou atento aos meninos, observando-os e incentivando-os, e sempre que solicitado, atendeu prontamente. Um pouco antes, nesta mesma aula, o professor Ronaldo parou sua explicação sobre o futebol de botão para os meninos para solucionar uma dúvida das meninas que praticavam o “golzinho”. Elas queriam saber se a reposição de bola daquele jogo era com a mão, como no futebol de campo, ou com o pé, como no futsal. Ronaldo respondeu que poderia ser com o pé.

Um exemplo da participação do professor Rogério aconteceu na terceira aula observada, que era o primeiro dia do campeonato interclasses. Quatro meninas da turma observada estavam decidindo quais seriam as duas que participariam da corrida de velocidade. O professor acompanhava a discussão e foi requisitado. Sua postura foi orientar as meninas no

sentido de participar da corrida quem não havia participado do futebol. As próprias meninas se entenderam sem a presença do professor, e a única delas que não havia jogado o futebol de campo foi uma das corredoras, independente de sua capacidade física.

O professor Rogério respeitou o momento de decisão entre as meninas, e valorizou a participação de todos em relação à vitória. As meninas também valorizaram a questão da participação, e demonstraram respeito pela colega que não havia corrido e queria participar. A presença do professor pareceu fundamental na decisão final das meninas.

Outra característica dos professores que permitia um melhor relacionamento com os alunos e uma fluência mais natural da aula, era a preferência em “solicitar” as tarefas de aula aos alunos, ao invés de “ordenar” ou “mandar”. Assim, a maneira como os professores se dirigiam aos alunos era mais respeitosa, e com isso a autoridade deles era exercida sem problemas, e os alunos, em sua maioria, aderiam às atividades.

No início da segunda aula observada do professor Ronaldo, assim que os alunos entraram na sala e se sentaram, o professor solicitou para os alunos coletarem todos os papéis do chão da sala, pois haviam muitos jogados. Ronaldo pediu e ajudou a recolher os papéis, explicou que a sala parecia suja enquanto deveria parecer limpa, e a maioria dos alunos participou da limpeza. Um menino ficou sentado em seu lugar, esperando a turma terminar. O pesquisador questionou-o quanto ao motivo de não recolher papéis, e o aluno respondeu que o chão ao seu redor estava limpo. É muito difícil atingir todos os alunos, mas ambos professores conseguiam a participação de quase todos em todas as tarefas ou atividades.

Esta é uma característica de ambos que poderia ser incluída no conteúdo diálogo, entretanto foi colocada aqui pelo fato dos professores demonstrarem respeito pelos alunos no modo de falar e desenvolver a aula, e por receberem como resposta a isso o respeito dos alunos.

Outra atitude dos professores que parecia motivar os alunos das sétimas séries (oitavos anos) a aderirem à prática era a valorização da participação do aluno, muitas vezes por meio de elogios.

No decorrer da quinta aula, o professor Ronaldo trabalhava o tema cooperação *versus* competição, e durante uma das atividades solicitava ora para um menino, ora para uma menina, escolher uma maneira de deslocamento individual ou em grupo. Surgiram desde movimentos educativos do atletismo, como o *dribling* e o *skipping*, até a dança do siri e a dança do “crú”. Dentre as maneiras de deslocamento em grupo apareceram o carrinho de mão e a cadeirinha. Ronaldo sempre elogiava dizendo “boa idéia”, “olhem que legal, essa dupla conseguiu”. Ao invés de simplesmente ordenar qual seria o desafio, o professor preferiu

que os próprios alunos se desafiassem. Ele respeitou as vontades dos alunos, garantindo o trabalho dentro do conteúdo, e em troca contou com a participação de todos.

O professor Rogério contou com a participação efetiva dos alunos em todo processo de criação e construção do torneio interclasses. Com isso também obteve a participação de todos os alunos. Um exemplo disso foi confiar a responsabilidade de preenchimento de súmula aos alunos. Em uma ocasião na terceira aula, Rogério deixou um menino e uma menina da comissão de organização da turma como responsáveis pela súmula (que continha todas as modalidades) dos jogos daquele dia. Ele instruiu os alunos sobre o preenchimento e colocou-se à disposição caso aparecessem eventuais dúvidas. A súmula foi preenchida corretamente, e os alunos demonstravam interesse pela tarefa, realizando-a de maneira responsável.

Ambos são exemplos de planejamento de atividades que trouxeram resultados positivos às aulas e, nesse caso, especialmente no que diz respeito à dimensão atitudinal.

Outra característica comum entre os professores, que lhes ajudou para o desenvolvimento da aula e o tratamento de valores e atitudes, era combinar como seria a aula na parte inicial dessa, o que inclui combinar algumas regras de comportamento. Além disso, os dois cumpriam com o combinado e cobravam o combinado dos alunos, assim como propõem os PCNs para as relações de respeito entre as pessoas, independente da posição social ou cargo em uma instituição.

O professor Ronaldo já havia combinado com a turma, em algum momento anterior o da observação, que quem chegasse atrasado na aula ficaria com falta, mas poderia participar. Na quarta aula observada, um aluno bateu na porta e pediu para entrar depois da chamada ser realizada. O professor deixou claro que ele poderia entrar, entretanto ficaria com falta naquela aula. O professor respeitou a regra combinada e a cumpriu, assim como foi feito pelo aluno que chegou atrasado. Os demais alunos também conheciam a regra, e respeitaram o ocorrido.

Em entrevista informal com Ronaldo, realizada ao final da segunda aula, ele já havia dito que é importante “cumprir o combinado”, seja o combinado bom ou ruim e mesmo o professor tendo que adotar uma postura rígida. Para o professor, comportamento e atitude também devem ser trabalhados em aula, além dos demais conteúdos.

Um exemplo de como o professor Rogério combinava as atividades que ocorreriam em suas aulas ocorreu logo no primeiro dia de observação. No início da aula, o professor disse que os alunos ficariam em sala até cumprirem todas as tarefas, e depois iriam para a quadra. O tempo de permanência em sala seria determinado pelo tempo de duração das tarefas. Exatamente esse combinado aconteceu durante a aula. Dentro da sala o professor e os alunos

discutiram e formaram as equipes da turma e resolveram assuntos sobre como seria o campeonato interclasses, partindo dos textos escritos pelos próprios alunos. Depois de terminarem de decidir os detalhes sobre o campeonato, restando menos da metade da segunda aula, professor e alunos foram para a quadra desenvolver atividades práticas.

Mesmo sendo algo previamente planejado pelo professor, e sem muitas chances de ser modificado, o professor permitiu aos alunos saber o que fariam e entenderem o motivo pelo qual ficariam em sala. Com isso conseguiu a participação voluntária de toda a turma, e não uma participação obrigada.

Na quinta aula observada do professor Rogério, o aluno que estava arbitrando o jogo de futebol cometeu um erro, por não conhecer a regra completamente, na função que estava exercendo. O jogo continuou e os jogadores não perceberam. Rogério avisou o aluno sobre o erro de maneira discreta, e em um momento mais calmo chamou-o e explicou o acontecido particularmente. Com isso, o erro do aluno não foi exposto, e o aluno provavelmente aprendeu a regra. Pode-se dizer que Rogério soube colocar-se na posição do aluno, prevenindo que o erro não fosse exposto a toda turma, e cumpriu seu papel de professor ao ensinar a regra.

Todos os fatos acima corroboram com a opinião de Betti (1999) e Oliveira (2006) sobre a alteridade ser fundamental na relação professor/ aluno, e nas relações entre os alunos. A alteridade é a capacidade de considerar o outro em uma relação de totalidade, como sujeito humano, e saber colocar-se no lugar do outro. Os fatos apresentados até o momento mostram a capacidade dos professores de considerarem os alunos por meio da alteridade, ouvindo a opinião dos alunos, dando importância a essa opinião e respeitando-os como seres humanos.

Outro ponto importante e comum entre os professores foi a questão de cobrar a disciplina dos alunos. Isso aconteceu quando a necessidade surgiu, e foi realizado de maneira séria.

Durante a quarta aula do professor Ronaldo, foram necessárias algumas carteiras a mais no espaço próximo à quadra. A solução do professor foi solicitar as carteiras que estavam sobrando na sala mais próxima, de uma outra sétima série. Os meninos dessa outra turma saíram da sala e ficaram conversando com as meninas da Educação Física separados pela grade que isolava a quadra. De maneira educada, o professor ordenou que os meninos retornassem à sala de aula, e eles atenderam. Também educadamente, ordenou que as meninas não dançassem próximo ao portão, e elas atenderam.

No caso do professor Rogério, um exemplo de intervenção nesse sentido foi durante o jogo de futebol masculino. As torcidas estavam provocativas entre si, inclusive utilizando palavras em alguns momentos. Rogério foi a cada uma das torcidas e deu o recado que a

torcida deveria ser direcionada ao jogo, e não à outra torcida, e que o mesmo recado seria dado à outra turma.

Não foram encontrados artigos que discutissem a questão disciplinar, nem a maneira como os professores agem ou deveriam agir frente às situações que os alunos faltassem com disciplina ou respeito. Os professores observados agiram com respeito nessas e em outras situações, entretanto não deixaram de lado a seriedade e a firmeza com que trataram as situações problema que apareceram em determinados momentos. Essas atitudes dos dois professores resultaram na compreensão do problema pelos alunos e na não repetição do problema.

Em contraponto aos fatos de certa maneira “positivos” apresentados até o momento, em algumas situações específicas os professores reagiram a atitudes de indisciplina dos alunos de maneira repreensiva ou aplicando castigo. Em situações extremas de indisciplina, o castigo e o abordar em tom repreensivo também são procedimentos utilizados por bons professores (GALVÃO, 2002).

Ronaldo precisou bater na carteira e falar “silêncio” em voz alta para conseguir que a turma parasse com o barulho excessivo no início da terceira aula. O professor seguiu dizendo que na aula dele os alunos aprenderiam o que era respeito. Disse que se não aprendessem em casa, na igreja, no serviço ou na aula de outro professor, na aula dele aprenderiam.

Ronaldo também teve uma conversa muito séria, diante da turma, com um aluno que o desrespeitou no começo da quarta aula. Durante um recado do professor, esse aluno que estava com os pés sobre a carteira fez um comentário desrespeitoso sobre a fala de Ronaldo. E respondeu às palavras do professor em tom de deboche. O tom do professor foi severo e de repreensão ao aluno.

Rogério também precisou usar de um tom repreensivo na primeira aula observada, após solicitar seguidas vezes para um aluno parar de conversar. O professor alertou-o que era a última vez que pediria para que parasse, se não ele ficaria fora da aula e do campeonato. Na segunda aula, enquanto os alunos decidiam junto ao professor o nome da equipe da sala deles, os meninos começaram a fazer piadas sugerindo nomes com duplo sentido. Rogério os castigou dizendo que eles ficariam sem nome, uma vez que não sabiam levar a sério a escolha. Apenas depois de todos os alunos se desculparem, o professor seguiu a discussão se os nomes das equipes deveriam ser originais ou nome de países. Ficou decidido que as equipes teriam nomes originais e que a turma deveria escolher o nome fora de aula, mediados pela comissão de organização e a imprensa deveria divulgar a escolha.

Nos artigos analisados, não foram encontradas informações sobre como agir nessas situações em resposta às atitudes dos alunos, contudo, a questão da disciplina/ indisciplina esteve presente em vários momentos das aulas observadas. De fato as repreensões surtiram efeito no momento, entretanto não foi possível avaliar quais foram suas repercussões ao longo do tempo. Certamente, as respostas que os professores obtiveram dos alunos quando agiram com respeito e alteridade foram melhores do que as obtidas nos momentos de repreensão, que foram poucos. A sugestão fica em buscar minimizar as reações repreensivas, deixando-as apenas para situações necessárias, e mesmo assim tentar encontrar alguma outra forma de abordar essas situações, responsabilizando os alunos por seus atos.

Santos et al. (2008) verificaram que a indisciplina era uma dificuldade encontrada durante as aulas ministradas por alunos de Educação Física em seu período de estágio (em artigo não contido na amostra dos artigos analisados). As estratégias utilizadas pelos estagiários para conter a indisciplina, segundo os autores, foram a chantagem, o castigo e a conversa, que ainda estão muito atreladas às concepções tradicionais de educação. Entretanto, não foi realizada a análise sobre a reação dos alunos frente às diferentes ações dos estagiários. Pode-se constatar que Ronaldo e Rogério não utilizaram a chantagem como método para conter a indisciplina. O castigo apareceu em poucos casos dentro da repreensão, que foi necessária em alguns momentos específicos. A conversa foi utilizada por ambos os professores, e na maioria das vezes funcionou.

A estratégia de estabelecer regras de comportamento em conjunto com os alunos e explicá-los como seria a aula, certamente evitou muitos problemas de indisciplina, e a fluência da aula foi melhor. Contudo, seria necessária uma pesquisa para verificar tais afirmações, uma vez que elas não estão presentes no objetivo desta pesquisa.

Pode-se considerar que o respeito foi considerado um valor pelos professores, que o incorporaram em sua prática pedagógica, adotando posturas e métodos que o continham como pressuposto.

5.6.2 Justiça

A justiça diz respeito à uma virtude moral que inspira o respeito aos direitos das pessoas e que dá a cada um o que lhe pertence.

Para os PCNs, a importância da justiça na formação dos cidadãos é evidente, sendo essa necessária para o convívio social, principalmente quando se detém algum nível de poder

que acarreta a responsabilidade de decisões que afetam a vida de outras pessoas. Os princípios de igualdade e equidade são considerados fundamentais à justiça, de acordo com o documento (BRASIL, 1998b).

O conteúdo/ princípio justiça esteve presente de forma mais acentuada em duas aulas do professor Rogério. Isso devido a situações-problema que surgiram no decorrer da aula ou fora dela. Ou seja, o conteúdo não esteve presente no planejamento dos professores naquele semestre.

A primeira situação ocorreu fora da aula do professor Rogério, durante o jogo de futebol masculino de duas turmas da sétima série (nenhuma delas era a observada) que foi acompanhado por outra professora da escola. Dois alunos de uma turma A haviam causado problemas na escola, e por isso foram suspensos dos jogos interclasses pela diretora. A professora deixou os alunos jogarem, não se sabe por qual motivo, e a turma adversária foi reclamar com Rogério. A atitude do professor foi cumprir a regra de não ser permitido jogar quem foi suspenso. O resultado do jogo de futebol masculino foi cancelado, e os pontos de vitória foram concedidos à equipe que jogou de maneira regular. As outras modalidades não tiveram mudanças no resultado, pois os alunos suspensos só participaram do futebol.

Rogério explicou aos alunos das turmas envolvidas que tomou a decisão de cancelar o resultado porque os alunos não poderiam ter jogado naquela ocasião, e mesmo sabendo disso jogaram, e não seria justo com a outra turma.

Outra situação ocorreu na aula seguinte, onde um time de futebol masculino que jogaria a disputa do terceiro e quarto lugares não continha o número suficiente de alunos para jogar o futebol de campo. Rogério chamou as duas turmas e explicou a situação. Colocou duas opções para a turma que contava com o número correto de alunos: vencer por WO (impossibilidade de jogo da equipe adversária) ou jogar futsal. O professor esclareceu que o importante seria jogar e participar, mas se o jogo ocorresse seria válido para o interclasses. A turma que continha o número certo de alunos decidiu jogar. O professor foi justo e deu a chance de escolha para a turma que se apresentou nas condições corretas, e enfatizou que o interessante seria participar do jogo. Deixou claro para os alunos presentes que o jogo só seria justo se todos estivessem de acordo, uma vez que uma das turmas se apresentou de modo diferente do combinado.

A postura do professor foi a de celebrar o momento, de promover o jogo porque aqueles alunos que estavam presentes foram até a escola para jogar, e colocou isso acima das próprias regras do torneio, de maneira justa, e por ser um campeonato escolar, onde a participação (celebração) é um dos princípios. Correia (2006) traz o exemplo dos índios como

paradigma diferente para os jogos esportivos. Para os índios (de determinada tribo, não citada) o jogo de futebol é uma celebração, e só termina quando está empatado, pois a intenção é que ninguém saia derrotado. O mais importante é jogar, assim como foi feito na aula. A participação (celebração) foi colocada acima na escala de valores do que a vitória, uma vez que a opção de vencer por WO não foi a escolhida.

Nos dois casos, Rogério agiu de maneira justa com os alunos, assim como preconizam os PCNs: identificou, formulou e discutiu critérios com os alunos para que as decisões tomadas fossem justas (BRASIL, 1998b).

5.6.3 Diálogo

O diálogo parte do princípio da necessidade de comunicação entre as pessoas, sendo uma de suas possibilidades mais básicas.

Os PCNs afirmam que o diálogo é fundamental para a democracia, uma vez que essa é um modo de convívio social que visa tornar viável uma sociedade composta por membros diferentes entre si. O conflito entre pessoas constitui a democracia, e dialogar é fundamental para que esse sistema se concretize. O diálogo não é só falar e ouvir o outro, mas também é entender o que o outro diz (BRASIL, 1998b).

Assim como a justiça, o conteúdo diálogo somente surgiu à tona com o aparecimento de uma situação problema. Antes de prosseguir, é necessário esclarecer que os dois professores observados tinham o diálogo como um dos princípios que norteavam sua prática pedagógica. Eles ouviam os alunos e propunham conversas entre eles.

Contudo, foi na segunda aula do professor Rogério que a importância do diálogo foi colocada em pauta, e apenas com um aluno, que estava envolvido no problema. Esse aluno da turma do professor Rogério se envolveu em um “bate-boca” com outro aluno por causa de um empurrão na volta do intervalo. Os dois quase brigaram.

Rogério e um outro professor da escola conversaram com o aluno em particular. Primeiro perguntaram se era com empurrões que se resolvia o problema. O aluno consentiu que não, entretanto alegava inocência. Rogério e o outro professor explicaram para ele que se não conseguisse resolver o problema com diálogo, que chamasse um professor antes de qualquer outra atitude.

Nesse caso os professores tentaram que o aluno entendesse a necessidade de se valorizar o diálogo nas relações sociais, assim como colocam os PCNs sobre temas transversais (BRASIL, 1998b).

Como exemplos da utilização dos professores do diálogo como instrumento de trabalho, podem ser citados os casos em que os alunos não entendiam as atitudes ou intenções dos professores, questionando-os. Por sua vez, os professores ouviam as dúvidas e questionamentos dos alunos e explicavam para eles as razões das atitudes que tomavam.

Ronaldo interrompeu a tentativa de atividade dos meninos na terceira aula, para perguntar: o que eles haviam feito de bom naquele dia; se haviam se organizado para se deslocarem da sala para quadra; e se haviam brigado para escolher time. Um grupo de alunos respondeu que não fizeram nada de bom naquele dia, que eles se deslocaram de maneira desorganizada para a quadra e que brigaram para escolher os times. Responderam de maneira envergonhada. O professor explicou que eles perdiam muito tempo com a falta de organização e brigas, e se fosse diferente aproveitariam melhor o tempo disponível para jogarem.

Na terceira aula do professor Rogério, alguns alunos levaram pandeiros para batucar e torcer nos jogos interclasses. Rogério foi avisado pelo inspetor de alunos que os instrumentos não poderiam ser utilizados pois atrapalhariam as aulas que estavam acontecendo naquele momento. O professor poderia simplesmente não permitir que os instrumentos fossem tocados, contudo, explicou para eles que o motivo de não poderem batucar na torcida era que o barulho atrapalharia as demais aulas. Também disse que nos jogos finais o batuque talvez fosse liberado, pois não haveria aulas programadas para aquele dia.

Mais uma vez a valorização do diálogo preconizada nos PCNs (BRASIL, 1998b) esteve presente nas atitudes dos professores.

O conteúdo/ princípio diálogo não fez parte do planejamento dos professores, mas esteve presente nas atitudes deles durante as aulas.

Se toda a categoria ética for considerada, pode-se afirmar que são muitas as oportunidades (as observadas nesta pesquisa foram situações problema) que surgem durante as aulas para discutirem-se valores e atitudes. O tratamento da justiça e do diálogo apareceram devido à situações geradas durante as atividades escolares. Por sua vez, o respeito esteve presente na postura do professor enquanto ministrava sua aula, e nos métodos que utilizavam para atingirem seus objetivos.

Também foi fundamental o planejamento dos professores para aprofundar a discussão e o conhecimento dos alunos sobre alguns valores, como a cooperação, a competição e a

democracia. Nas aulas planejadas, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer conceitos e vivenciar o que eles significam. No caso da democracia, foi planejada e vivenciada, o que trouxe aos alunos grandes contribuições, como se sentirem parte responsável pela criação e acontecimento dos jogos interclasses.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo identificar quais valores e atitudes são tratados nas aulas de Educação Física e como os professores os incluem na sua prática pedagógica.

Para tanto, primeiramente foi realizada uma análise de artigos científicos em periódicos da área de Educação Física, que contivessem discussões sobre valores e atitudes incluídos no universo escolar.

O caráter da pesquisa foi qualitativo e descritivo. A metodologia baseou-se na seleção dos professores; na observação de suas aulas e entrevista intensiva; e na análise da descrição da observação e das entrevistas.

A discussão foi categorizada nos temas transversais sugeridos pelos PCNs (BRASIL, 1998b), e os seguintes resultados foram encontrados:

O tema pluralidade cultural foi abordado pelos professores a partir do surgimento de situações-problema em suas aulas e em atividades planejadas. Os valores solidariedade, inclusão e integração estiveram presentes nas aulas observadas, servindo de fundamentação às atividades desenvolvidas, mas não apareceram como foco de discussões ou conceituação. A religiosidade também esteve presente na observação, na forma de situações colocadas pelos alunos ou pela escola. Questões relacionadas à diversidade cultural, como o preconceito, apareceram somente na análise dos artigos científicos.

O meio ambiente esteve presente nas observações devido às situações surgidas em aula. A principal atitude presente e incentivada pelo professor foi o cuidado com o ambiente da escola, já que é o local no qual os alunos passam grande parte do tempo.

Apesar de ser um tema transversal com muitas discussões nos artigos científicos analisados, e de ser muito relacionado à área de Educação Física, a saúde não esteve presente nas observações. Entretanto, conteúdos planejados pelos professores poderiam ser

relacionados com o tema. Enquanto hipótese para esse problema, pode-se considerar a distância existente entre os conhecimentos gerados por pesquisadores da área da atividade física para saúde, que são aproveitados pelos profissionais que trabalham com o bacharelado (com exercício resistido, preparação física, treinamento esportivo etc), mas ficam distantes dos pesquisadores e professores que trabalham com a Educação Física escolar (licenciatura).

A orientação sexual esteve presente com o surgimento de situações-problema e no planejamento dos professores, como base para o desenvolvimento de atividades. A co-educação e a corporeidade, também relacionada ao corpo prazer, foram os valores observados, que também estavam presentes na análise dos artigos científicos. Apesar disso, foram encontradas dificuldades dos professores em tratar o tema. Os próprios alunos procuraram se agrupar por sexo durante determinadas atividades, perpetuando comportamentos sexistas, e dificultando a tentativa de trabalho com a co-educação. Presente na análise dos artigos científicos, o conhecimento sobre o corpo não foi um valor presente nas aulas durante o período da observação.

O tema trabalho e consumo contou com o planejamento dos professores, e com os valores voluntariedade, a ludicidade, a competição, a cooperação e com a atitude de valorização do trabalho. Essa valorização se deu com a atitude dos professores em elogiar o bom trabalho dos alunos, e de permitir aos alunos vivenciarem os resultados dos próprios trabalhos, como os jogos interclasses e a utilização da nova quadra. A estética não foi abordada no período de observação, mas esteve presente na análise dos artigos científicos.

A ética completa os temas transversais com os valores que surgiram de situações-problema: justiça e diálogo. E com o valor respeito, que esteve incorporado na prática pedagógica dos professores, e resultou em atitudes respeitadas por parte dos alunos. A reciprocidade foi um princípio presente quando as relações entre professor e aluno eram respeitadas. A socialização, o amor, a amizade e o altruísmo estiveram presentes na análise dos documentos, mas não foram diretamente tratados pelos professores em suas aulas.

É importante ressaltar que, de maneira geral, os dois professores observados foram comprometidos com sua prática pedagógica: ambos cursavam o mestrado na ocasião da observação, em instituições públicas e renomadas; planejaram as aulas e os conteúdos que seriam ministrados ao longo do bimestre; prepararam as aulas, o que foi perceptível pois ambos demonstravam segurança ao tratar os conteúdos abordados e tinham clareza sobre a condução da aula, sabendo como seria o início, desenvolvimento e fim dessa; declararam participar de eventos para manterem-se atualizados, como congressos científicos ou fóruns na *Internet*; eram participativos nas aulas, incentivando e orientando os alunos de perto sempre

que possível; conheciam o contexto no qual seus alunos viviam, como o bairro onde moravam e o nível social; possuíam visão crítica dos conteúdos escolares; e comunicavam aos alunos o que esperavam deles e porque. Todas essas são algumas das características indicadas por Galvão (2002), como características de bons professores.

As aulas de Educação Física demonstraram ser excelentes momentos para a reflexão sobre valores e atitudes, uma vez que as atividades desenvolvidas fora da sala de aula proporcionavam situações de conflito e resoluções de problemas. Talvez por esse motivo, a maioria das aulas tratou dos valores e atitudes em situações oportunas decorridas durante as atividades da aula. Foram poucas as aulas que incluíram no planejamento a apresentação de conceitos e a vivência de valores e atitudes.

Os valores que estiveram presentes no planejamento foram a cooperação e a competição, Os conceitos desses valores foram apresentados e discutidos com os alunos, que depois vivenciaram corporalmente situações em que ora a cooperação predominava, ora a competição. Ou seja, houve uma abordagem integral sobre o tema, que partiu da construção conjunta (com participação de professor e alunos) e foi até o experimentar corporalmente em atividades coletivas.

A escolha da cooperação e da competição para o planejamento pode ter surgido pelo motivo desses temas serem muito tratados e discutidos na área da Educação Física, sobretudo na área escolar. Em entrevista, o professor Ronaldo relatou que participou de um fórum na *Internet* que envolvia discussões sobre o trabalho dos professores de Educação Física na escola. Ele próprio iniciou a discussão sobre competição e cooperação, questionando qual educaria melhor. Segundo o professor, a sessão dele obteve o maior número de comentários naquele momento. Outro indício de que o tema é muito abordado na área são as produções sobre os jogos cooperativos, que teve Fábio Brotto como autor pioneiro no Brasil.

Tais considerações levam a duas hipóteses para os motivos de não aparecerem outros temas sobre valores e atitudes no planejamento dos professores: a falta de produção científica que tratem desses assuntos de maneira mais aprofundada; e algo já tradicional na Educação Física escolar que é a existência de muitas diferenças entre a produção teórica e a prática pedagógica dos professores.

Baseando-se nas observações, pode-se considerar que os valores e atitudes aparecem, sobretudo, de duas formas durante as aulas: trazidos pelos professores e alunos em seu modo de ser, aflorando durante as relações proporcionadas pelas atividades; e na forma de conceitos que são apresentados e discutidos em aula.

A forma mais eficiente observada foi a apresentação, discussão e vivência de valores e atitudes em aula, o que requer planejamento por parte do professor. A aula planejada que possui como tema um valor ou atitude, necessariamente o abordará; enquanto aulas que deixam essa dimensão ao acaso, em uma oportunidade onde situações-problema aconteçam, não necessariamente haverá a abordagem do professor. Como foi observado nesta pesquisa, em muitos casos o professor não percebe a oportunidade. O planejamento é uma garantia de que valores e atitudes serão conceituados, discutidos e vivenciados conscientemente em sala de aula.

Mesmo havendo a presença de alguns valores e atitudes identificados nos artigos analisados nas aulas observadas dos professores, parece que os artigos não estão tratando das questões mais fundamentais, não servindo de apoio teórico ao trabalho dos professores com essa dimensão dos conteúdos. Foi difícil relacionar a maioria dos artigos com a observação, sendo necessário repetir algumas vezes as referências da amostra de artigos, e buscar novas referências fora dela, mostrando que há uma grande distância entre o que se produz de conhecimento teórico, e o que se vivencia na prática pedagógica dos professores.

Deveria haver uma preocupação maior por parte das pesquisas em buscar os seus objetos de estudo nos problemas efetivamente vivenciados pelos docentes. É possível que o contato do pesquisador com os professores e o ambiente de trabalho, no caso a escola, o sensibilize para os reais problemas enfrentados por esses profissionais. Outra possibilidade seria o próprio professor ser o pesquisador, com o objetivo de mobilização desses profissionais para a realização de pesquisas que visem a melhora do trabalho docente. Para esse fim, a pesquisa-ação, a observação descritiva e a etnografia são exemplos de metodologias que preenchem o perfil de pesquisa no qual o pesquisador insere-se no fenômeno pesquisado. Sugere-se que os professores utilizem a teoria como meio para interpretar, questionar e melhorar a prática pedagógica.

Betti (1996) propõe que os problemas e questões da Educação Física surjam da prática, e que o resultado da pesquisa científica e da reflexão filosófica sejam novas perspectivas e questões sobre a prática, e novas indagações sobre as possibilidades das teorias científicas e filosóficas atenderem às demandas da pesquisa em Educação Física. Com isso, o autor acredita em uma prática mais sofisticada, com questões mais complexas e o surgimento de problemas onde parecia estar tudo bem.

Enquanto método de tratamento dos valores e atitudes em aula, destacou-se como mais eficiente o planejamento de aulas que contenham conceitos e atividades que abordem intencionalmente esses valores e atitudes, e como método complementar a intervenção do

professor em momentos onde situações geram oportunidades de discussões sobre esses valores e atitudes.

7. REFERÊNCIAS

ABBAGANANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANTUNES, F. H. C. **Sistematização do conhecimento declarativo em educação física escolar de quinta a oitava séries do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado. Escola de Educação Física e Esporte – USP, 2006. In: < www.teses.usp.br/teses/disponiveis >, acesso em: 07/03/2007.

BARBANTI, J. V. **Dicionário de Educação Física e do Esporte**. São Paulo: Editora Manole Ltda, 1994.

BARBIERI, C. Educação pelo esporte: algumas considerações para a realização dos jogos do esporte educacional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 11, p. 23-32, 1999.

BASSANI, J. J.; TORRI, D.; VAZ, A. F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambigüidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, 2003.

BELTRAMI, D. M. Políticas educacionais e educação física: a equidade na educação física escolar. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 149-156, 2000.

BERESFORD, H. et al. Uma visão sobre o valor da educação física curricular, a partir de perspectivas imaginárias e ideológicas. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 100-112, 2002.

BERLEZE, A.; VIEIRA, L. F.; KREBS, R. J. Motivos que levam crianças à prática de atividades motoras na escola. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 99-107, 2002.

BETTI, M. Educação física, esporte e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 84-92, 1999.

BETTI, M.; LIZ, M. T. F. Educação física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n.3, p. 135-142, 2003.

BETTI, M. . Por uma teoria da prática. **Motus Corporis** (UGF), Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, 1996.

BORTOLÁS, S. O corpo em busca da liberdade. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 141-148, 2002.

BRACHT, V. . Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 01, p. 53-63, 2000.

a) BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: educação física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

b) BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLL, C. *et al.* **Os conteúdos da reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CORRÊA, S. C; FREIRE, E. S. Biomecânica e educação física escolar: possibilidades de aproximação. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 107-123, 2004.

CORREIA, M. M. Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 149-164, 2006.

CRUZ, G. C.; FERREIRA, J. R. Processo de formação continuada de professores de educação física em contexto educacional inclusivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 163-180, 2004.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da educação física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord.). **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 64-79. (Educação física no ensino superior).

DARIDO, S. C.; SANCHES NETO, L. O contexto da educação física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord.). **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 1 – 24. (Educação física no ensino superior).

DAVID, R. A educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-73, 2003.

DEVIDE, F. P. Educação física, qualidade de vida e saúde: campos de intersecção e reflexões sobre a intervenção. **Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 77-84, 2002.

FALKENBACH, A. P.; DREXSLER, G.; WERLE, V. Didática da educação física e da inclusão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 103-119, 2007.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, M. S. Aptidão física e saúde na educação física escolar: ampliando o enfoque. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 75-90, 2006.

FILHO, N. F. A; SILVA, R. L; FIGUEIREDO, Z. C. C. O brincar/ jogar como fenômeno transicional na construção da autonomia e da identidade da criança de zero a seis anos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 75-90, 2006.

FREIRE, E. S.; OLIVEIRA, J. G. M. Educação física no ensino fundamental: identificando o conhecimento de natureza conceitual, procedimental e atitudinal. **Motriz**, Rio Claro, v. 10, n.3, p. 140-151, 2004.

GALVÃO, Z. Educação física escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.1, n.1, p. 65-72, 2002.

GALVÃO, Z. *et al.* Cultura corporal de movimento. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord.). **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 25 – 36. (Educação física no ensino superior).

GARCIA, R. P; LEMOS, K. M. A estética como um valor na educação física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 32-40, 2003.

GOMES, I. M.; MÜLLER, V. R. Cultura corporal no cotidiano de maringenses: o caso de alunos do colégio dr. Gastão Vidigal. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 23-31, 1999.

GORGATTI, M. G. et al. Atitudes dos professores de educação física do ensino regular com relação a alunos portadores de deficiência. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Campinas, v. 12, n.2, p. 63-68, 2004.

GUIMARÃES, A. A. et al. Educação física escolar: atitudes e valores. **Motriz**, Rio Claro, v. 7, n.1, p. 17-22, 2001.

HOBBS, T. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1974.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S; C. Ética como tema transversal: possibilidades de aplicação nas aulas de educação física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n.1, p. 14-23, 2007.

IMPOLCETTO, F. M. et al. Educação física no ensino fundamental e médio: a sistematização dos conteúdos na perspectiva de docentes universitários. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 89-109, 2007.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996

JUNIOR, J. M. O professor de educação física e a educação física escolar: como motivar o aluno? **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 107-117, 2000.

JÚNIOR, L. M. G.; LIMA, L. M. Educação estética e educação física: a dança na formação de professores. **Pensar a Prática**, Goiás, n. 6, p. 31-44, 2001.

KNIJNIK, J. D. A questão do jogo: uma contribuição na discussão de conteúdos e objetivos da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 45-48, 2001.

KORSAKAS, P.; JÚNIOR, D. R. Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 83-93, 2002.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico a filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, L. M. A ação educativa dos professores de educação física: teoria e prática. **Pensar a Prática**, Goiás, n. 4, p. 46-66, 2000.

LOVISOLO, H. Da educação física escolar: intelecto, emoção e corpo. **Motriz**, Rio Claro, v. 8, n.3, p. 99-103, 2002.

LUPTON, D. “Desenvolvendo-me por inteiro”: cidadania, neoliberalismo e saúde contemporânea no currículo de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 11-31, 2003.

MACEDO, R. L.; ANTUNES, R. C. F. S. Valoração da educação física: da produção acadêmica ao reconhecimento individual e social. **Pensar a Prática**, Goiás, n. 2, p. 65-83, 1998.

MERIDA, M. A inserção da educação física no projeto pedagógico de uma escola pública de ensino fundamental: um caso que deu certo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 55-62, 2004.

MORAES, F. O.; BALGA, R. S. M. A yoga no ambiente escolar como estratégia de mudança no comportamento dos alunos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 59-65, 2007.

NASCIMENTO, K. P. et al. A formação do professor de educação física na atuação profissional inclusiva. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 53-58, 2007.

NEIRA, M. G. O currículo multicultural da educação física: uma alternativa ao neoliberalismo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 75-83, 2006.

NEUENFELDT, D. J.; CANFIELD, M. S. Repensando o esporte na educação física escolar a partir de Cagigal. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 28-36, 2001.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, A. F.; RODRIGUES, G. M. Intervenção profissional na inclusão de crianças com deficiências no ensino regular: um estudo piloto. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. especial, p. 31-38, 2006.

OLIVEIRA, F. F.; VOTRE, S. J. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 173-197, 2006.

OLIVEIRA, R. C. O futebol nas aulas de educação física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n.3, p. 301-306, 2006.

OLIVEIRA, S. A. Escola e esporte: campos para ocupar, resistir e produzir. **Pensar a Prática**, Goiás, n. 3, p. 19-35, 1999.

PAIANO, R. Possibilidades de orientação da prática pedagógica do professor de educação física: situações de desprazer na opinião dos alunos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 47-58, 2006.

PIÉRON, H. **Dicionário de psicologia**. Porto Alegre: Editora Globo, 1967.

RANGEL, I. C. A. Educação física na educação infantil: notas sobre a possibilidade de formação de preconceito étnico-racial. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 135-146, 2006.

RANGEL, I. C. A. Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da educação física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n.1, p. 73-76, 2006.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1989.

RODRIGUES, G. M. A avaliação na educação física escolar: caminhos e contextos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 11-21, 2003.

RODRIGUES, G. M. et al. Demarcações sociais e as relações didáticas na escola: considerações acerca da inclusão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 43-56, 2004.

RODRIGUES, L. H.; DARIDO, S. C. Educação Física Escolar e Meio Ambiente: reflexões e aplicações pedagógicas. **Revista Digital**, Buenos Aires, año 11, n. 100, 2006.

SANTOS, I. L. As percepções e os significados para os estagiários de Educação Física em relação à indisciplina na escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 03, p. 117-137, 2008.

SANTOS, L. S. Labirintos da educação física. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 63-70, 2002.

SANTOS, R. C.; FIGUEIREDO, V. M. C. Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível. **Pensar a Prática**, Goiás, n. 6, p. 107-116, 2002.

SAVATER, F. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SHORQUIA, S. P.; GALLARDO, J. S. P. As danças na mídia e as danças na escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 105-118, 2002.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Research methods in physical activity**. 2nd ed. Champaign: Human Kinetics Books, 1990.

TOIGO, A. M. Níveis de atividade física na educação física escolar e durante o tempo livre em crianças e adolescentes. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 45-56, 2007.

VERBENA, E. C. G.; ROMERO, E. As relações de gênero no esporte por discentes da rede pública de Juiz de Fora. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 113-125, 2003.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZOBOLI, F.; SANTOS, A. R. A inclusão das crianças obesas: um desafio para a educação física. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 85-90, 2005.